HISTORIA
DE
PORTUGAL.
TOMO DUODECIMO.

# HISTORIA
DE
# PORTUGAL.

---

TOMO DUODECIMO.

---

# HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

## E SUAS CONQUISTAS,

*OFFERECIDA*

Á RAINHA NOSSA SENHORA

## D. MARIA I.

POR

DAMIAŌ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO XII.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1789.
*Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

# HISTORIA
## DE
# PORTUGAL.

TOMO DUODECIMO.

Era vulg. nhárað no feu tempo grandes victorias na Afia, mas eftas producções generofas mais foraõ creaturas dos feus Generaes, que partos das fuas ordens.

Tres dias depois da morte del Rei D. Manoel fe devia fazer a acclamação do Principe, fegundo o eftylo. Alguns incidentes a differíraõ outros tres dias, e no de 19 de Dezembro fahio elle dos Paços da Ribeira com o apparato correfpondente ao augufto da ceremonia para a pórta do Convento de S. Domingos, aonde ella fe havia celebrar. Hia o Rei a cavallo veftido com huma purpura roçagante de brocado forrada de arminhos; levando as redeas feu irmaõ o Infante D. Fernando; aos lados levantando-lhe as pontas da Opa D. Antonio de Ataide, e D. Diogo de Caftro. Ao feu lado direito marchavaõ o Duque de Bragança D. Jayme, D. Jorge, Duque de Coimbra, feu filho D. Joaõ, Marquez de Torres-Novas, D. Francifco de Noronha, Marquez de Villa-Real, feu filho D. Pedro, Conde de Alcoutim, D. Joaõ de Vafconcellos, Conde de

Pe-

Benella, D. Manoel Trojaz Pereira, Conde da Feira, D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, D. João da Silva, Conde de Portalegre, D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, e D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira.

Em vulg.

Ao lado esquerdo do Principe hiaõ os Officiaes Maiores da Casa, a Camara de Lisboa, muita Nobreza, tudo precedido do Infante D. Luís a cavallo, que fazia as vezes de Condestavel com o estoque nú, e levantado. Depois se seguia o Conde de Tarouca, Mordomo Mór, com a Bandeira enrolada, e adiante delle todos os Reis d'Armas, Porteiros, trombetas, charamellas, atabales com ordem de naõ tocarem, aonde podessem ser ouvidos da Rainha viuva, naõ succedesse a doçura da harmonia ser novo estimulo da sua dôr. Á entrada da pórta do soberbo Throno, que se havia levantado junto á de S. Domingos, esperava ao novo Rei, seu irmaõ o Cardeal Infante D. Affonso com todos os Prelados, que estavaõ na Corte, e segundo o seu

ce-

Era vulg. ceremonial naõ devem acompanhar a pé aos Principes, quando estes marchaõ a cavallo. Assentado El-Rei, chegou o Conde de Villa-Nova a entregar-lhe o Sceptro: pozéraõ-se á sua maõ direita com o estoque o Infante D. Luís, á esquerda seu irmaõ D. Fernando: na ponta do estrado o Alferes Mór, com a Bandeira ainda enrolada; ao lado opposto o eloquente Diogo Pacheco, que recitou huma Oraçaõ pathetica ajustada ao objecto com a elegancia, que lhe era natural.

Concluida a Oraçaõ, o Cardeal D. Affonso posto de joelhos diante do Principe, sobre hum Missal, e huma Cruz lhe tomou o juramento de guardar as Leis fundamentaes, os Privilegios do Reino, e de fazer justiça. Seguíraõ-se as homenagens, a que deo principio o Infante D. Luís nas mãos de D. Antonio de Noronha, depois Conde de Linhares, como Escrivaõ da Puridade, repetindo a fórmula do juramento, que se pratica em actos semelhantes. Entaõ desenrolou o Alferes Mór a Bandeira, e toda a Nobreza por sua ordem,

dem, sobre as palavras referidas em voz alta pelo Infante, foi ella proseguindo o juramento, dizendo: Eu assim o juro. Na mesma ordem os Nobres, e a Grandeza beijou a maõ a El-Rei, e o d'Armas desafiou a attençaõ da Assembléa, repetindo tres vezes: *Ouvi.* Já expectador da novidade o Silencio, o Alferes Mór sotetando a Bandeira, pronunciou em voz alta as palavras: Real, Real, Real, pelo mui Alto, e mui Poderoso Principe, El-Rei D. Joaõ III. nosso Senhor.

Em vulg.

A estas vozes se seguíraõ as dos Reis d'Armas, e seus Officiaes, clamando tres vezes: Real: e entaõ tocáraõ os instrumentos; o Alferes Mór baixou ao pé do Theatro a repetir as mesmas palavras; El-Rei desceo do Throno para entrar no Templo, aonde o esperava D. Fernando de Vasconcellos, Bispo de Lamego, vestido de Pontifical, com huma Reliquia na maõ, que o Cardeal Infante deo a beijar a El-Rei, entoando a musica o Hymno *Te Deum*, em quanto o Rei postrado diante do Altar sobmettia o Poder, a

Ma-

Era vulg. Mageſtade, a Monarquia ao Rei dos Reis, Dominante dos Imperios. Na meſma ordem ſe recolheo a Regia Comitiva para o Paço; mas em ſilencio por ordem do Soberano, que com diſcernimento advertido no meio da pompa, fez á Rainha viuva eſte obſequio.

Já acclamado Rei D. Joaõ III., ſegundo o methodo que até aqui tenho ſeguido, eu vou a tratar do ſeu caſamento, da ſucceſſaõ, que teve, dos Officiaes, que creou para o ſervirem, dos Biſpados, que proveo, para depois continuar com a narraçaõ da Hiſtoria na differente qualidade dos outros negocios, em que elle ſe intereſſou.

El-Rei D. Joaõ III. caſou a 5 de Fevereiro de 1525 com D. Catharina, irmã da Rainha D. Leonor, terceira mulher de ſeu Pai., e filha de D. Filippe I., Rei de Caſtella, e de ſua mulher a Rainha D. Joanna, herdeira de Fernando o Catholico. Teve della filhos, o Principe D. Affonſo, que naſceo em Almeirim a 24 de Fevereiro de

de 1526, e morreo minino de peito: a Infante D. Maria, que nasceo em Coimbra a 15 de Outubro de 1527, casou com Filippe II., Rei de Castella em 15 de Novembro de 1543, e falleceo em Valhadolid a 12 de Julho de 1545; jaz no Escurial: a Infante D. Isabel, que nasceo em Lisboa a 28 de Abril de 1529: a Infante D. Brites, que nasceo em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1530, e jaz em Belém: o Principe D. Manoel, que nasceo em Alvito o 1 de Novembro de 1531, foi jurado Principe a 13 de Junho de 1535 na Cidade de Evora, aonde morreo a 14 de Abril de 1537, e jaz em Belém: o Infante D. Filippe, que nasceo em Evora a 25 de Março de 1533, foi jurado Principe, falleceo a 29 de Abril de 1539, e jaz em Belém: o Infante D. Diniz, que nasceo em Evora a 26 de Abril de 1535, e morreo na mesma Cidade o 1 de Janeiro de 1537: o Infante D. Joaõ, que nasceo em Evora a 3 de Junho de 1537, foi jurado Principe em Almeitim a 30 de Março de 1544, casou em Elvas no fim de

Era vulg.

No-

Era vulg. Novembro de 1552 com a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., foi Pai d'El-Rei D. Sebastião, morreo a 2 de Janeiro de 1554, e jaz em Belém: o Infante D. Antonio, que nasceo em Lisboa a 9 de Março de 1539, falleceo a 20 de Janeiro de 1540, e jaz em Belém: Successaõ prodigiosa; mas temporalmente taõ infeliz, que passava do ventre para o tumulo, aonde enterrou comsigo por muitos annos a felicidade do Reino.

Pelo que respeita aos Officios, D. Joaõ III. criou no seu tempo Condestaveis ao Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, e a D. Theodosio I., V. Duque de Bragança: Mordomo-Mór a D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre, que teve por successores a seu filho o Conde D. Joaõ da Silva, e a Ruy de Mello: Estribeiro-Mór D. Pedro Mascarenhas, Senhor de Palma, e depois D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira: Védor da Casa Ruy Lopes de Béja, e se lhe seguíraõ Fernaõ da Silveira, e D. Filippe de Sousa: Védores da Rainha D. Antonio de Almei-

da,

da, Simaõ Guedes de Mendoça, Capitaõ de Chaul, Christovaõ Correa, e D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde: Camareiro-Mór D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, que teve por successores a seu filho D. Francisco de Castello-Branco, a Pedro de Carvalho, a D. Joaõ de Menezes, e a D. Constantino de Bragança; Guarda-Mór D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e lhe succedêraõ Joaõ de Barros, Gonçalo Figueira, e os dous Condes da Sortelha D. Luiz, e D. Diogo da Silveira: Mestre Salla Christovaõ de Mello, depois Ruy de Mello, e D. Pedro de Abranches: Reposteiro-Mór Jeronymo Moniz, que teve por successores a D. Jorge Henriques, a Bernardim de Tavora, a Francisco de Tavora, e a Alvaro Pires de Tavora: Porteiro-Mór Garcia de Mello, e D. Joaõ de Calatayud: Trinchante Simaõ da Cunha, e seus successores Ruy Lourenço de Tavora, D. Filippe Lobo, Tristaõ da Cunha, e Agostinho de Lafeta: Escrivaõ da Puridade, depois do primeiro Conde de Li-

Ern. vulg.

Em. vulg. Linhares, D. Miguel da Silva: Copeiro-Mór Jorge de Brito, e depois delle seu filho Artur de Brito, D. Garcia de Albuquerque, seu filho D. Luiz de Albuquerque, e Ruy Gomes da Cunha: Aposentador-Mór D. Filippe Lobo, D. Affonso de Noronha, Viso-Rei da India, e Lourenço de Sousa da Silva: Provedor das Obras do Paço Luiz da Silveira, depois Nuno Martins da Silveira, Senhor de Góes, seu filho Simaõ da Silveira, e Pedro Carvalho: Caçador-Mór D. Braz Henriques, que teve por sucessor a D. Joaõ de Alarcaõ: Armeiro-Mór D. Duarte da Costa, e depois D. Alvaro da Costa: Almotacé-Mór Gaspar de Carvalho, a quem succedeo Balthasar de Faria: Alferes-Mór D. Luiz de Menezes: Almirante Antonio de Azevedo, depois Lopo de Azevedo: Monteiro-Mór D. Luiz de Menezes, e Jorge de Mello: Fronteiros-Móres D. Pedro de Castro, Conde de Monsanto, em Lisboa, Martim Affonso de Sousa, do Algarve: Coudel-Mór D. Pedro de Castro, Conde de Monsanto, que teve por succes-

sores a Balthasar de Faria, e ao Conde de Monsanto D. Luiz de Castro: Marichal D. Alvaro Coutinho, depois D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva: Meirinho-Mór o mesmo Conde, e depois o Infante D. Fernando, D. Affonso, e D. Duarte de Castello-Branco: Capitaõ-Mór dos Ginetes D. Affonso de Menezes, e Vasconcellos, filho do Conde de Penella, a quem succedeo D. Joaõ Mascarenhas: Adail-Mór Antonio Leitaõ de Gamboa, que teve por sucessores a Gonçalo Mendes Sacoto, a Luiz de Loureiro, e a Lopo Peyxoto, que servio até o Reinado de D. Filippe I.: Anadel-Mór Martim de Freitas, depois Henrique de Sousa, e Heitor de Mello: Chanceller-Mór Luis Annes de Carvalho, ao qual succedêraõ Alvaro Fernandes, Joaõ de Faria, Christovaõ de Faria, e Gaspar Carvalho.

Em vulg.

General das galés he emprego, de que nós naõ achamos memoria da sua criaçaõ, senaõ neste Reinado de D. Joaõ III., que nomeou a D. Pedro Mascarenhas, e a D. Pedro da Cunha,

que

Era vulg. bastiaõ Lopes, Conego de Lamego, a D. Constantino de Bragança, Camareiro-Mór, e a D. Gomes Affonso, segundo Inquisidor de Coimbra.

Nomeou El-Rei D. Joaõ para Arcebispos de Lisboa a seu irmaõ o Infante Cardeal D. Affonso, a D. Fernando de Vasconcelos, filho do primeiro Conde de Penella, e a seu irmaõ o Infante Cardeal D. Henrique: Para Leiria, que á instancia sua foi erecta em Bispado por Bulla de Paulo III. passada em 1545, nomeou elle Bispos suffraganeos de Lisboa a Fr. Braz de Barros da Ordem de S. Jeronymo, depois foi eleito D. Sancho de Noronha, filho de D. Francisco de Faro; e se lhe seguio D. Fr. Gaspar do Casal, da Ordem de Santo Agostinho, primeiro Presidente da Meza da Consciencia, Bispo do Funchal, e de Coimbra. Para Lamego a D. Fr. Agostinho Ribeiro, Conego de S. Joaõ Evangelista, Reitor da Universidade de Coimbra, e Bispo de Angra: Para o Funchal, que fora erecto Bispado em 1514 pelo Papa Leaõ X. a instancias d'El-Rei

D.

D. Manoel, a D. Martinho de Portugal, irmaõ do primeiro Conde do Vimioso, e depois delle ao nomeado Fr. Gaspar do Casal, e a D. Fr. Jorge de Lémos, da Ordem de S Domingos, depois Esmoler-Mór d'El-Rei D. Sebastiaõ. Para Angra, que a instancia sua foi criado Bispado por Paulo III. em 1534., a D. Manoel de Noronha, que naõ acceitou, a D. Agostinho Ribeiro, que foi Bispo de Lamego, que teve por sucessores a D. Rodrigo Pinheiro, Governador da Casa do Civel, e a D. Fr. Jorge de Sant-Iago da Ordem dos Prégadores:

Era vulg.

Para o Bispado da Guarda a D. Christovaõ de Castro, a quem succedeo D. Joaõ de Portugal, filho do primeiro Conde do Vimioso: para Portalegre, que o Papa Julio III. a instancias suas erigio Bispado em 1550, nomeou primeiro Bispo a D. Juliaõ de Alva, que o era de Miranda: para o Arcepispado de Braga a seu irmaõ o Infante Cardeal D. Henrique, que teve por sucessores a D. Fr. Diogo da Silva, Bispo de Ceuta, primeiro In-

Era vulg. quisidor Geral; a seu filho o Infante D. Duarte; a D. Manoel de Sousa, Bispo de Silves; e a D. Fr. Bartholomeo Limpo, Carmelita Descalço: para o Porto a D. Belchior Belliago, Bispo de Targa; ao Carmelita Descalço D. Fr. Balthasar Limpo; e a D. Rodrigo Pinheiro, Bispo do Funchal. Para Coimbra ao Jesuita Simaõ Rodrigues, que recusou, e a D. Soares, Eremita de Santo Agostinho: para Viseo a D. Fr. Joaõ de Chaves, da Ordem de S. Francisco, e depois delle a D. Miguel da Silva o Cardeal, a D. Alexandre Farnese, Cardeal, filho do primeiro Duque de Parma, e a D. Gonçalo Pinheiro: para Miranda, que elle pedio ao Papa Paulo III. a erigisse em Bispado no anno de 1545, a D. Toribio Lopes, Esmoler da Rainha D. Catharina, que teve por sucessor a D. Rodrigo de Carvalho, Fundador do Collegio de S. Pedro na Universidade de Coimbra: para Evora a seu irmaõ o Infante Cardeal D. Affonso, ultimo Bispo, e depois Arcebispos o Infante Cardeal D. Henrique, e D. Joaõ de Mel-

Mello, filho de D. Pedro de Castro, primeiro Presidente do Dezembargo do Paço: para Silves a D. Manoel de Sousa, da Casa dos Senhores de Bringel, que teve por successor a D. Manoel de de Portugal, da Casa do Vimioso: para Goa, que foi feita Bispado por Paulo III. em 1534, nomeou tres Bispos, que precedêraõ ao primeiro Arcebispo, e foraõ D. Francisco de Mello, que morreo antes de partir, D. Francisco de Mello, que naõ acceitou, e D. Fr. Joaõ de Albuquerque, da Ordem de S. Francisco. Patriarcas da Ethiopia D. Joaõ Bermudes, e D. Joaõ Nunes Barreto, ambos Jesuitas. Para Bispo da Bahia, que foi criada Bispado poucos annos depois do seu descobrimento, nomeou a D. Pedro Fernandes Sardinha, Clerigo Secular: para Cabo-Verde, que elle fez erigir Bispado em 1532 pelo Papa Clemente VII. foi primeiro Bispo D. Braz Neto, Executor da Reforma dos Franciscanos, ao qual succedêraõ D. Joaõ Pravi, Arcediago da Sé de Evora, e D. Francisco da Cruz, Eremita de Santo Agostinho:

Era vulg.

Era vulg. para S. Thomé, que a instancia sua foi feito Bispado em 1534 por Paulo III. nomeou successivamente os Bispos D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que o era de Ceuta, e D. Henrique, Principe de Congo, ambos criados antes da erecçaõ do Bispado, e depois della a D. Pedro de Sousa, da mesma Casa de Congo, a D. Joaõ Bautista, Dominico, e a D. Fr. Bernardo da Cruz, da mesma Ordem.

## CAPITULO II.

*Do estado, em que El Rei D. Joaõ achou o Reino, mostra-se a origem da sua decadencia, e trataõ se as primeiras acções do novo Principe.*

1522 DEPOIS de acclamado Rei D. Joaõ III., concluidas no Mosteiro de Belém com pompa solemne as magnificas, e piedosas Exequias, que mandou fazer pela Alma do Grande Rei, de quem era Filho: elle se mudou dos Paços da Ribeira para Santos, o Velho, a Rai-

Rainha para as casas do Duque de Bragança com a Infante D. Isabel, para na differença dos lugares encontrar a saudade os alivios, que negaõ aquelles, aonde as imagens do trato fazem as lembranças mais vivas. Os espiritos illuminados entráraõ logo a fazer reflexões sobre a figura, em que estava o Reino, aonde até o anno de 1521 nada mais se observava, que felicidades, o gosto universal, as riquezas no Rei, e Vassallos copiosas, como se quizesse mostrar a fortuna até aquelle anno, em que D. Manoel tinha de morrer, que ella acompanhára constante ao Monarca Filho da Ventura.

Era vulg.

Mas os mesmos espiritos illustrados, das premicias da riqueza, do gosto, da felicidade tiravaõ a consequencia de que o Reino já, e sem demóra tinha de declinar em tudo; desfallecer a felicidade, corromper-se o gosto, esgotar-se a riqueza. Na Casa Real viaõ-se muitos Infantes sem commodo; dotes avultados, que se haviaõ pagar; crescer o fausto, que naõ dava esperanças de diminuiçaõ, e tudo

Era vulg.

do pedia humas deſpezas taõ enormes, que ſe duvidava podeſſem com ellas as forças das rendas, e do Erario. Por outra parte ſe chorava a demencia de innumeraveis homens, que adquirindo montes de ouro para fazerem fundo de caſas, que perpetuaſſem huma poſteridade brilhante; elles de tal ſórte ſe enraiveciaõ contra o ſeu meſmo cabedal, que o deitavaõ ao vento, ou o mergulhavaõ no inferno de hum luxo immoderado, de meſas com mais de pródigas, que de profuſas, em aromas, e perfumes para ambos os ſexos ridiculos; mas que deſpejavaõ as bolſas; em appetites ſem regra, que á depravaçaõ chamavaõ bom goſto; em fim, a huma immoderaçaõ em tudo, que para a ſuſtentar nada baſtava.

Por outra parte ſe temia, que a paz deleitavel de tantos annos na Europa, ella ſe perturbaſſe por cauſa de huma trahiçaõ, e por effeito de hum ciume. A trahiçaõ era a de Fernando de Magalhães, que paſſando deſgoſtado para o ſerviço de Carlos V., como diſſemos, deixou arraigada na idéa

dos

dos Castelhanos a presumpçaõ, de que o dominio das Molucas era da sua Coroa: dominio, que nós na Asia já disputavamos com as armas, e agora temiamos que ellas viessem a decidir à questaõ na Europa. O ciume ardia em Francisco I. Rei de França, que desejoso de participar dos interesses da navegaçaõ da India, naõ se lhe fazia toleravel que os dous Monarcas de Portugal, e Castella, houvessem repartido entre si o Mundo, como se elles fossem senhores despoticos do Universo, ou as resoluções, e approvações dos Papas lhes podessem dar authoridade legitima para com o pretexto da Religiaõ, que só se deve insinuar nos corações por meio da palavra Divina, fazerem escravas as Nações, que nascêraõ, e Deos creou livres. Este ciume, naõ só era causa dos Cossarios Francezes nos pilharem os nossos navios de Commercio com o fundamento, de que transportavaõ fazendas dos Castelhanos; mas comprando alguns dos nossos Pilotos, irem perturbar o nosso trato na mesma India; assumpto

Em vulg.

bem

Era vulg. bem natural para hum rompimento de guerra.

Ultimamente a temperie regular das Estações, que concorria para a fertilidade dos campos em tempo do Rei D. Manoel, e conservou o Reino com abundancia: já antes do anno da sua mórte era ella taõ irregular, e continuavaõ seccas por Portugal, Hespanha, e Africa taõ devastadoras, que os grãos naõ multiplicavaõ, as arvores naõ fructificavaõ, os gados pereciaõ, e a vida se sustentava com grande custo. Especialmente em Africa era tanta a esterilidade, que os Mouros vinhaõ em bandos ás nossas Praças offerecer-se por escravos, vender as mulheres, e os filhos, promettêrem de se fazer Christãos, serem vassallos do Rei D. Manoel, e passarem a viver em Portugal: offerta, que foi proposta nos nossos Conselhos para se resolver se os Mouros haviaõ, ou naõ ser admittidos no Reino. Estas, e outras semelhantes eraõ as reflexões, que se faziaõ como prognosticos da declinaçaõ da felicidade Portugueza, e esta a figura, em que El-

El-Rei D. Joaõ achou o Estado no anno da mórte de seu grande Pai. Era vulg.

Da mórte deste, e da sua exaltaçaõ ao Throno, mandou logo D. Joaõ dar parte a seu primo Carlos V., a Francisco de França, a Henrique VIII. de Inglaterra, e quando D. Miguel da Silva recebeo a ordem em Roma para usar da mesma formalidade com o Papa Leaõ X. já elle era morto, e Adriano, que lhe succedeo, e governava Hespanha na ausencia de Carlos, sendo Bispo de Tortosa, ainda ignorava a sua eleiçaõ, que toda recahio sobre os merecimentos deste Flamengo, sem se fazer caso da baixeza do seu nascimento. Elle, e os mais Governadores de Castella, que eraõ o Almirante, e o Condestavel, foraõ os primeiros, que em nome de seu Amo Carlos mandáraõ com o caracter de Embaixador a D. Joaõ Taveira, Bispo de Burgos, que depois foi Cardeal de Toledo, fazer ao Rei, e Rainha viuva os cumprimentos de pezames, que nestas occasiões vem acompanhados dos de parabens ao Successor pela exaltaçaõ ao Throno,

Era vulg. no, como lenitivos, que abrandaõ a dôr.

Sem perda de tempo fez El-Rei mercês a muitos Fidalgos, que tinhaõ servido com fidelidade a seu Pai, com especialidade ao Conde de Portalegre, que fora seu Aio, ao de Penella, a D. Joaõ de Alarcaõ, a D. Joaõ da Silva, e a D. Alvaro de Castro. Fez mentirosas as esperanças dos Fidalgos moços, que no tempo de Principe entendiaõ lhes sería facil abusar da sua brandura, clemencia, e affabilidade depois de Rei. Elle em nada os ouvia, em nada os consultava, e quando todos o suppunhaõ escandalisado de D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa Nova, e de D. Alvaro da Costa pelo concurso, que elles déraõ para o terceiro casamento de D. Manoel, El-Rei, que entaõ tratou a fundo estes Varões probos, entaõ os conheceo, os distinguio, os tratou como elles mereciaõ, como as providencias para o bom governo o necessitavaõ. Ellos [illegible]õ caminho sem ambiçaõ para [illegible] benemeritos entrarem até ao lado

do

do do Rei, que teve a complacencia Em vulg.
de vêr o seu Throno, como o de Salomaõ, rodeado de Leões generosos, a guarda do seu Paço toda de Varões impavidos, que desterrassem delle os sustos do dia, e os temores nocturnos.

D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, e de Loulé; Fidalgo de qualidade taõ alta, como de merecimento excellente, que firmava o pezo dos seus serviços feitos na paz, e na guerra sobre o apoio da idade veneravel de oitenta annos: elle naõ perdeo tempo para representar a El-Rei, que de seu Pai D. Manoel havia conseguido o casamento do Infante D. Fernando com sua filha unica, e herdeira D. Guiomar, senhora do maior dote, que entaõ havia nas Hespanhas; casamento, que naõ se chegára a concluir por causa da mórte naõ prevista d'El-Rei: que agora D. Joaõ de Lancastro, Marquez de Torres-Novas, com as lembranças de neto do Rei D. Joaõ II., como filho do Senhor D. Jorge, pedia o mesmo casamento pelo célebre estylo de

pu-

Em vulg. publicar que elle eſtava occultamente recebido com ſua filha: que elle ſe queixava de temeridade ſemelhante, e pedía juſtiça.

Ouvio El-Rei ao Conde, e naõ quiz deliberar ſem os pareceres prudentes dos maiores Sábios, que conſultou em negocio de tanta gravidade. Reſultou das conſultas ſer o Marquez prezo no Caſtello de Lisboa; e ordenar-ſe a ſeu Pai que ſahiſſe da Corte. Mas porque eſtes Senhores ſe queixávaõ de que El-Rei lhes fazia huma injuſtiça, foi tal a ſua equidade, ſem attender aos intereſſes de ſeu proprio irmaõ, que determinou allegaſſem as partes o ſeu direito em Juizo contencioſo. Nove annos durou o pleito, que o Conde Pai naõ vio concluir. Em eſpaço taõ longo D. Guiomar ſe manteve conſtante contra o Marquez, ſempre favoravel ao Infante, que a recebeo por mulher. Foi porém caſo naõ vulgar, que tendo eſtes Senhores hum filho, e huma filha, o Varaõ falleceo em Agoſto de 1534, a femea no Setembro ſeguinte, dous mezes depois o Infante ſeu Pai,

da-

dahi a hum mez D. Guiomar sua Mãi: Era vulg.
juizos inexcrutaveis da Providencia, que
naõ quizéraõ consentir em Portugal outra
Casa, que competisse com a de
Bragança, voltando para a Coroa os
seus consideraveis Estados.

Dous negocios de importancia inquietavaõ o espirito de D. Joaõ no principio do seu Reinado: hum era o casamento da Infante D. Isabel, que seu Pai muito lhe recommendára: o outro os attentados de França, que naõ só rompia o nosso Commercio, mas acceitava a offerta, que lhe viéra fazer da sua pessoa o Florentino Joaõ Varezano para levar os Francezes á India ao descobrimento de Reinos ainda ignorados pelos Portuguezes. Em quanto ao casamento da Infante sua irmã, El-Rei o desejava ajustar com hum Principe taõ poderoso, como entaõ era o Imperador Carlos V., mas por huma parte suppunha a amizade pouco firme pelas suggestões de Fernaõ de Magalhães, e receava que o Imperador com as armas quizesse sustentar os pretendidos direitos da Coroa de Castella: por outra

tra

Era vulg. dissimular projectos, que fizeraõ demorar a Joaõ da Silveira nove annos na Corte de Paris sem conseguir das suas instancias mais vantagem, que a de fazer suspender a navegaçaõ da Armada da Normandia, destinada aos descobrimentos da Asia, e povoaçaõ do Brasil.

Com a noticia de ser elevado á Cadeira Pontifical Adriano VI, que entaõ estava em Caragoça governando Castella, como fica dito, El-Rei se congratulou com elle desta alta fortuna por meio do Embaixador Ayres de Sousa, Comendador de Santa Maria de Alcaçova. Levava este Ministro para offerecer ao novo Papa a preciosa Reliquia do Santo Lenho, que o Preste Joaõ da Ethiopia mandara a El-Rei D. Manoel, e ordem para lhe pedir o Priorado do Crato para o Infante D. Luis. O Papa esteve alguns dias sem differir a este requerimento; mas servindo-se da total ignorancia, que Ayres de Sousa tinha da Lingua Latina; qualidade bella no Embaixador, que negociava com hum Papa; elle lhe mandou passar

ser hum Breve com tantas amfibologias, synonimos, e sentidos encontrados, que dérao occasiaõ a dúvidas, que naõ se decidíraõ na vida do mesmo Papa. Duarte de Lemos, dos Senhores da Trofa, que o havia escoltar com huma Armada a Italia, como elle pedíra a El-Rei; o Doutor Joaõ de Faria, que lhe hia pedir as explicações do Breve, naõ o achando já em Castella, retrocedêraõ, sem terem lugar o requerimento, e o obsequio.

Era vulga

Ao mesmo tempo que o Papa partíra de Hespanha, chegava a ella o Imperador Carlos, que sem demora mandou a Portugal por Embaixador a Carlos Popeto de la Chaulx, seu primeiro Sumilher, para dar a El-Rei os pezames da morte de seu Pai, os parabens da Dignidade, offerecer-lhe a renovaçaõ da antiga paz, e pedir-lhe tomasse partido a seu favor na guerra contra França. D. Joaõ se portou com este Ministro igualmente officioso, e liberal. Acceitou a paz com condições illustres; mas escusou-se da guerra com o pretexto da falta dos motivos, alle-

Era vulg. gurando porém, que a havellos, elle sería o primeiro Principe, que o Imperador teria ao seu lado, naõ podendo por ora obrar mais, que offerecer a sua mediaçaõ para hum ajuste razoavel entre elle, e Francisco de França. Despedido com grande satisfaçaõ o Embaixador, El-Rei quiz ouvir os votos do Conselho a respeito do casamento da Infante D. Isabel com o mesmo Imperador, que seu Pai tanto lhe recommendára. Os votos se dividíraõ, contemplando huns vantajosas as consequencias, se fosse a alliança dobrada por meio de huma troca: outros naõ podiaõ crêr em allianças de Principes, quando se mettiaõ de permeio interesses de Estado, e difficultavaõ consentir, que a Infante levasse para fóra do Reino as gróssas sommas do seu dote.

Preferio El-Rei a estas dúvidas a satisfaçaõ da ultima vontade de seu Pai, e resolveo-se mandar a Castella por Embaixador o Guarda-Mór D. Luis da Silveira, que El-Rei D. Manoel lhe apartára do lado sendo Principe. Elle sahio de Lisboa com tal fausto, e acompa-

panhamento, como naõ se havia visto outro em occasiões semelhantes: obsequios a hum dos validos do novo governo, que levavaõ os olhos fixos na probabilidade dos interesses futuros. Quando elle estava a partir, chegavaõ noticias do que acabava de succeder em Cabo-Verde com a unica náo, que escapára da navegaçaõ do Magalhães, e se tornára destroçada o porto daquella Ilha. Esta novidade naõ deteve a jornada do Embaixador; mas depois foi causa de se lhes mudarem as Instrucções, e agora dos dous Monarcas fazerem requerimentos nas respectivas Cortes. Queixava-se o Imperador na de Lisboa, de que os Portuguezes em Cabo-Verde quizeraõ tomar a sua náo; que fizeraõ represalia no batel com treze homens; que estes foraõ remettidos prezos para Portugal; que El-Rei mandára no alcance da mesma náo quatro caravellas, vindo ella de portos, que pertenciaõ a Hespanha sem offender os de Portugal; que isto era huma contravençaõ da paz, de que se lhe devia dar satisfaçaõ, e entregar os prezos.

Era vulg.

Era vulg.

El-Rei D. Joaõ da sua parte requeria em Valhadolid se lhe mandassem restituir as especiarias, que a náo trazia das Molucas, que pertenciaõ ao seu Reino, e aonde os Portuguezes commerciavaõ pacificos, sem poderem consentir outras Nações naquellas Ilhas; que a falta desta restituiçaõ elle a teria por huma rotura da concordia; e que em quanto aos prezos, os mandaria ouvir em Juizo para nelle se decidir o seu processo. Destas representações nasceo mudar El-Rei toda a ordem da Embaixada, que se reduzio a visitar o Imperador pela sua vinda a Hespanha, naõ se fallando palavra em casamentos. D. Luis da Silveira depois de desfructar oito mezes agrados excessivos da Corte de Castella, sem nada conseguir voltou para Portugal. Na primeira vista d'El-Rei naõ lhe beijou a maõ, e logo dos interpretes, huns tiveraõ a falta deste dever por arrogancia nascida dos muitos favores, que recebêra do Imperador; outros a estimáraõ confiança originada do muito trato, que des dos primeiros annos tivera com El-Rei;

Rei; os menos queriaõ fosse hum descuido causado pelo alvoroço de vêr a face do Principe.

Era vulg.

Como quer que isto fosse, D. Luís da Silveira, que desprezou o conselho de seu Pai D. Fernando, quando o persuadio naõ acceitasse a Embaixada de Castella, nem se apartasse da vista d'El-Rei, que lhe poderia ser ausencia fatal, agora se sentio elle cahido do valimento; sem despacho ás mercês, que pedia; desprezados como extorquidos os Alvarás de lembrança, que El-Rei lhe déra sendo Principe, e enthronisado na graça D. Antonio de Ataide; que sempre lhe disputára nella o primeiro lugar. Com constancia de hum Heróe soffreo D. Luís este revez da sua fortuna. Sentia-se a alma no seu fundo; o mal naõ lhe vinha ao rosto, que alegre, e jucundo na contínua assistencia do Paço, fazia vêr que delle naõ pretendia mais interesses, que ter a honra de servir toda a vida o seu emprego de Guarda-Mór com exacçaõ, e probidade.

CA-

## CAPITULO III.

*Escreve-se o caracter de D. Antonio de Ataide. Falla-se em casar El-Rei com a Rainha sua Madrasta, e trataõ-se as resultas desta proposta, com alguns successos da India.*

Era vulg.

COMO nós acabamos de dizer que com a exclusaõ de D. Luís da Silveira ficára no valimento do Rei D. Antonio de Ataide, que o servio toda a vida, e depois da sua mórte, abandonando o mundo, as suas dignidades, e honras, se retirou ao Convento de Franciscanos, que elle fundára na Villa da Castanheira para passar os seus dias em exercicios edificantes; eu devo despertar a memoria deste Varaõ excellente, merecedor das lembranças da Patria. D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, foi educado no Palacio Real, aonde lançou taõ fundas as raizes no agrado d'El-Rei D. Joaõ, que em toda a vida naõ as poderaõ abalar as furias dos turbilhões

mais

mais violentos. As ſuas virtudes na ida- Era vulg.
de de vinte annos o fizéraõ eleger Embaixador para França, aonde ſe conduzio com prudencia ſuperior á idade. Com o meſmo emprego nos grandes theatros de Caſtella, e Allemanha naõ mudou; antes polio mais as repreſentações da primeira figura.

Em premio de tantos ſerviços, ſobre as honras, que já tinha, foi nomeado Conſelheiro de Eſtado, Vedor da Fazenda, Alcaide-Mór de Collares, e Commendador da Langroina na Ordem de Chriſto. No meio das proſperidades, deo taõ evidentes argumentos do ſeu deſprezo ás riquezas, que recuſou acceitar o copioſo legado, que lhe deixára o Infante D. Luis; que em manifeſto público declarou a ſeus filhos as cauſas de naõ os deixar ricos; porque antes os queria herdeiros da ſua reputaçaõ, que da ſua fazenda: dito, e feito, que entaõ, e em todos os tempos teve menos ſequazes, que admiradores, mais eſpantos, que imitações. Elle trabalhou por conſervar a rectidaõ em equilibrio, a fidelidade ao Rei in-

de-

Era vulg. declinavel, o amor da Patria constante, o zelo pela Religiaõ fervoroso. Para próva do exercicio de todas estas virtudes saõ muitos os exemplos em toda a duraçaõ do seu valimento; mas por todos bastará hum, que parece naõ deixar na heroicidade lugar vasio.

O Senhor da Villa da Azambuja, casa que corria parelhas com o Reino na antiguidade, opprimido de huma necessidade urgente, pedia a El-Rei licença para vender o Senhorio da sua Villa. Como ella estava taõ immediata ás terras de D. Antonio, El-Rei o advertio que era boa a occasiaõ para as ampliar com a compra da Azambuja. O generoso Fidalgo lhe beijou a maõ pela mercê da lembrança, e com semblante de compadecido pelo mal alheio, lhe respondeo: Senhor, Vossa Alteza naõ deve permittir, que na occasiaõ de hum aperto se perca no seu Reinado o Chefe de huma Casa taõ nobre como a de Mouras: a Casa de huns Fidalgos, que ajudáraõ a conquistar Lisboa para Corte Augusta de Vossa Alteza: faça, Senhor, mercê ao Dona-

patario da Azambuja de lhe naõ dar licença para semelhante venda; soccorreo a liberalidade magnanima de Vossa Alteza com a quantia necessaria para remir a sua vexaçaõ, e naõ se perca em Portugal a memoria, de que a Villa da Azambuja he da familia dos Moutas. Naõ pode El-Rei neste lance esconsar-se á admiraçaõ; mas em D. Antonio a ambiçaõ, e a avareza, de envergonhadas, sumiraõ-se. Em vulgar

Nós ignoramos se este grande homem se conformou no parecer com o do Duque de Bragança D. Jayme a respeito do casamento d'El-Rei: materia muito importante, que se fazia attendivel no meio dos muitos negocios, que entaõ desafiavaõ a circumspecçaõ do Estado. Fazendo o Duque reflexaõ, em que a Rainha viuva D. Leonor, sahindo de Portugal, levava hum thesouro, quiz prevenir as consequencias desta extracçaõ, e propoz a El-Rei o muito que lhe era conveniente, e ao bem do Reino o casamento com a Rainha sua Madrasta; que em toda a Europa havia Princeza com qualidades

Era vulg. respectivas a Portugal taõ vantajosas; e que se preveniria o Papa Adriano para dar a dispensa. El-Rei ouvia esta proposta com o horror natural, que o fazia conceber huma como impossibilidade de communicar mulher, a que estava tratando Mãi. Attendendo aos interesses communs, sobre a materia se convocáraõ Conselhos; chegáraõ as vozes aos ouvidos do Povo de Lisboa, que arrogando-se a representaçaõ do de todo o Reino, lhe dirigio huma Oraçaõ bem tecida, pedindo em nome de Portugal, que na materia do seu casamento se conformasse com as intençóes justas do Duque de Bragança.

El-Rei, rodeado de perplexidades á vista da approvaçaõ geral, entregou o negocio ás disposições Divinas por meio de preces fervorosas encaminhadas ao Ceo, que o livrou dos embaraços interiores. Elle escolheo por instrumento ao mesmo Imperador, que mandou pedir a El-Rei permittisse á Rainha recolher-se a Castella com a Infante D. Maria, sua filha. El-Rei teve este requerimento do Imperador por

hum

hum effeito de inſpiraçaõ ſuprema, e ſem difficuldade conveio na primeira parte delle: em quanto á ſegunda ſe conformou com o voto de D. Franciſco de Portugal, Conde do Vimioſo, que ſe oppoz á reſoluçaõ de apartar do Reino a Infante, filha do ſeu Rei, que ſe havia criado nelle. Quando as couſas eſtavaõ neſta figura, ſuccedeo laborar a peſte em Lisboa; El-Rei retirar-ſe para o Barreiro; fazer o meſmo a Rainha, e a Corte. Depois da morte de ſeu Pai ſempre D. Joaõ viſitou reſpeitoſo, e ſincéro eſta Senhora. Agora pela eſtreiteza do lugar, ſem alterar a ſinceridade, e o reſpeito, a viſitava com mais frequencia.

Era vulg.

Succedeo o ſoberbo Secretario Chriſtóvaõ Barroſo, Agente do Imperador em Lisboa, ſentir-ſe do Porteiro-Mór Chriſtovaõ de Mello o fazer deſcobrir eſtando na preſença d'El-Rei. Quando elle ſe deſculpou com os flatos, que padecia na cabeça, ſe lhe mettêraõ nella os de traçar o ſeu deſpique cortando por altos objectos. Depois de

con-

Egas vulg. conseguir de seu Amo por indústrias estranhas o titulo de Embaixador para poder com segurança estar a coberto dos ſlatos; com apparencias de observador zeloso das visitas d'El-Rei á Rainha, entrou attrevido a derramar o escandalo. Com publicidade insolente, naõ só punha a bocca no ceo das Magestades; naõ só arrastava a lingua pela terra motejando o intentado casamento dos Reis; naõ só punha na face do Imperador attrevimentos inauditos contra as suas pessoas sagradas; mas passando El-Rei do Barreiro para Almeirim seguindo-o a Rainha, lhe sahio ao encontro em Mugem, e teve o arrojo de lhe dizer com o imperio de quem ordenava, que S. A. daquelle lugar para diante naõ havia passar, fazendo-a entender que para a impedir tinha toda a authoridade do Imperador, seu irmaõ. A Rainha entendeo entaõ o motivo das instancias deste Principe para ella se recolher a Castella: informou-o das intrigas do Barroso, sentio-se, queixou-se dos seus attrevimentos sacrilegos, e o Imperador justo teve por

con-

convenientе remedio para os flatos do Embaixador lançallo ás galés. Eta-vulg.

Em quanto a Rainha se dilata em Mugem até chegar o tempo da sua retirada para Castella, como diremos em seu lugar; vamos nós ouvir os successos da India no principio deste Reinado. Nella deixamos por ultimo Governador nomeado por El-Rei D. Manoel no anno da sua morte a D. Duarte de Menezes, que o era de Tangere, aonde o ficou substituindo seu irmaõ D. Henrique de Menezes, e elle levou á India para General do mar o outro irmaõ D. Luis, que em Chaul foi entregue da Armada por Antonio Correia Baharem, que a governava depois da morte de Diogo Fernandes de Béja, como nós dissemos no fim do Tomo precedente. Antes do Governador Diogo Lopes de Siqueira partir para o Reino, D. Duarte meteo de posse do governo de Goa a Francisco Pereira Pestana, da Fortaleza de Chaul a Simaõ de Andrade, e depois de se partir Diogo Lopes, elle se foi a Cochim.

Ainda D. Duarte ignorava o bom

Era vulg. succeſſo, que as noſſas armas tiveraõ no cerco, que o Rei de Ormuz, e Raix Xarafo haviaõ poſto a Fortaleza, como tambem fica dito; e para prevenir as conſequencias, ordenou a ſeu irmaõ D. Luís, que ainda eſtavá em Chaul, partiſſe ſem demóra a ſoccorrer a praça. Elle ſe fez á véla com dez galeões guarnecidos da melhor gente, levando a Joaõ Rodrigues de Noronha para ſucceder no governo de Ormuz a D. Garcia Coutinho, que tinha o ſeu tempo acabado. Ainda elle achou o novo Rei, e a Xarafo na Ilha de Queixome, para onde ſe haviaõ retirado depois de derrotados em Ormuz; mas ao Principe miſeravel na triſte figura de hum eſcravo de Xarafo. D. Luís, que deſejava reſtabelecer a paz com firmeza, para naõ irritar os animos de novo fez a ambos varias propoſtas cheias de moderaçaõ, que encontráraõ em Xarafo ſoberbo deſcomedimentos inauditos para nos enviar reſpoſtas inſolentes.

Queriaõ os Portuguezes que a Ilha de Queixome foſſe o theatro da noſſa vin-

vingança; mas D. Luís ainda se resolveo a obrar reportado na consideraçaõ de que fugindo Xarafo para a terra firme, de nada nos serviria destruir o Rei de Ormuz. Este Principe, ainda que moço, teve a advertencia de lhe parecer justo ouvir as condições, com que os Portuguezes pretendiaõ a paz, para entaõ se tomarem as deliberações. O Xarafo estimou este desejo do Principe por hum crime taõ atroz, que preparou hum cópo de veneno, com que lhe tirou a vida. Conhecêraõ entaõ os Portuguezes, que em Ormuz naõ podia haver socego em quanto vivesse Xarafo; que se deviaõ escogitar os meios de lhe dar a morte; que deste empenho haviaõ ficar encarregados o novo Governador Noronha, D. Garcia Coutinho, e seu irmaõ D. Gonçalo; que para se naõ fazer suspeitoso, D. Luís se recolhesse para a India, deixasse em Ormuz os reforços necessarios de náos, e gente, e aquelles tres Chéfes encarregados das negociações apparentes, que haviaõ tratar com Xarafo em Queixome, até se lograrem os designios.

Era vulg.

Es-

Era vulg.

Efte tyranno, depois de faber dos tres Capitães Portuguezes que naõ duvidariaõ reconhecer Rei ao que elle quizeffe eleger; Xarafo fez apparecer em público outro fantafma da Mageftade em hum moço de doze annos, fobrinho do Rei, que elle acabava de matar. Os noffos Officiaes naõ fe defcuidavaõ de bufcar todos os meios para caftigar no impio o crime do parricidio, quando a fortuna lhes metteo a occafiaõ em cafa. Eftava na companhia de Xarafo feu irmaõ Sabadim, que D. Luís de Menezes fez fogir de Soar na fua vinda para Ormuz. Intentou efte abufar da honeftidade da mãi de hum Mouro muito poderofo de Queixome, chamado Xemefim, que offendido na honra, determinou naõ lhe demorar a vingança. Para defcarregar o golpe com fegurança da peffoa, pedio a protecçaõ dos noffos Capitães, que naõ fó lha offerecêraõ efficaz, mas o eftimuláraõ generofo, para que involveffe a Xarafo no defpique, que lhe daria a gloria de dous defagravos completos; hum da honra propria offendida por Sabadim,

dim: e outro da injúria do Rei morto por Xarafo.

Era vulg.

Xemesim animado com as nossas promessas, e acompanhado de seus parentes, e amigos, cumprio com a primeira parte da commissaõ, dando a morte a Sabadim. O estrondo della chegou aos ouvidos de Xarafo, que se poz em cobro; antes que Xemesim o insultasse, naõ lhe dando a pressa tempo de buscar lugar de refugio senaõ Ormuz, aonde entrou disfarçado. Escondido na Cidade, pedio seguro aos nossos Capitães para lhes fallar em negocios importantes, que só devia tratar em pessoa. Elles alvoroçados com esta noticia, que lhes mettia nas mãos a Xarafo, ainda naõ sabedores do que se passára em Queixome, dado o seguro, que o barbaro lhes pedia; elles recebem cartas de Xemesim, em que lhes dava parte da morte de Sabadim: que buscando a Xarafo, já o naõ achára: que lhes constava se escondêra em Ormuz em trajes de camponez: que estava em tal casa, donde logo o deviaõ tirar para darem a morte a esta origem infame

Era vulg. de todas as calamidades do Reino: que elle se fazia prestes com toda a sua familia para vir estabelecer-se em Ormuz, e continuar a dar próvas significantes da sua fidelidade no serviço do Rei de Portugal.

Sobprendêraõ-se os nossos com esta noticia, sentidos do seguro, que déraõ a Xarafo; mas arbitráraõ ir á casa aonde elle se escondia; fingirem huma pendencia, e no ardor della matarem ao desconhecido Xarafo. Esta resoluçaõ mudou de semblante, contentando-se os Capitães com trazer prezo para a Fortaleza ao trahidor, publicando que o Governador da India faria delle justiça, quando viesse a Ormuz; naõ sem escandalo universal das gentes, que attribuíraõ a repentina, e piedosa clemencia com réo semelhante a effeito das promessas interessantes de Xarafo, que tinha muitos meios para as cumprir. Xemesim, já estabelecido, e criado Juiz de Ormuz, naõ cessava de animar a voz do Povo: nada se conseguio: Xarafo ficou prezo esperando a vinda do Governador: D. Garcia, e D.

D. Gonçalo Coutinho navegáraõ em duas náos para a India; mas a de D. Garcia, que hia riquiſſima, ſe desfez com huma tormenta junto a Maſcaté, aonde tudo ſe perdeo, e elle a vida com a maior parte da tripulaçaõ. D. Gonçalo, que pode ſuſtentar o temporal ſobre ferro, quando elle amainou, recolheo a gente, que andava aboiada nos deſtroços da náo perdida, e chegou á India a ſalvamento.

Era vulg.

## CAPITULO IV.

*Fundaõ os Portuguezes nas Molucas a Fortaleza de Ternate. Primeiras acçóes do Governador D. Duarte de Menezes, e as de Africa no Reinado de D. Joaõ III.*

NOS ſeus annos reſpectivos eſcrevi eu o que pertencia ao deſcobrimento das Ilhas Molucas; o bom acolhimento, que os Portuguezes encontráraõ no Rei de Ternate, deſejoſo de que nos ſeus Eſtados fundaſſemos huma Forta-

Era vulg. leza, como lhe aſſegurou D. Garcia Henriques, que foi mandado tratar eſta negociação em Ternate por Garcia de Sá, então Governador de Malaca. Agora atando o fio da Hiſtoria, vamos a dizer que Antonio de Brito, depois da derrota que os Portuguezes tivérão em Bintaõ, como eu deixo referido; elle ſe retirou com a ſua Eſquadra para a Ilha Jaoa, a eſperar monção para navegar a Ternate, aonde chegou em Maio deſte anno. Antonio de Brito naõ quiz tocar na Ilha de Tidore, por ir já inſtruido que o ſeu Rei, perſuadido pelos Caſtelhanos, matára com veneno o noſſo amigo, e ſeu genro, o Rei de Ternate; e por naõ demorar neſta Ilha a fabrica da Fortaleza, que era o deſtino principal da ſua viagem.

Da Rainha viuva, e do Rei pupillo foi elle recebido com as demonſtrações da maior honra, aſſim na ſua entrada do porto, como na viſita, que immediatamente lhes fez em peſſoa para os conſolar na mórte do Rei, e offerecer officioſo no ſeu ſerviço. Foi lo-

logo destinado lugar para a Fortaleza, fornecidos os materiaes necessarios; Antonio de Brito lhe poz a primeira pedra ao som dos instrumentos militares, de muitas descargas de artelharia, e com igual fervor entrárao a trabalhar nella os Nacionaes, e Portuguezes. Com a noticia desta fábrica, que o Rei de Tidore entendeo sería util aos interesses dos de Ternate; elle os quiz participar, e mandou hum Embaixador a Antonio de Brito, que da parte de seu Amo lhe offereceo amizade; que o desculpou por haver admittido aos Castelhanos na sua Ilha, e que lhe pedia quizesse ir a Tidore edificar outra Fortaleza como a de Ternate. Antonio de Brito ainda que respondeo civil escusando-se, a Rainha sentio que naõ condescendesse com os rógos do Rei seu Pai: sentimento naõ pensado, sendo elle o author da mórte de seu marido, e que obrigou Antonio de Brito a prevenir-lhe as consequencias futuras, antes que passasse a rancor a melancolia, com que já nos tratava esta Princeza.

Era vulg.

Em vulg. O Rei defunto deixára hum filho baſtardo chamado Cachildaroes, que a Rainha deſeſtimava, de que ninguem em Ternate fazia caſo, e o Brito o entendeo inſtrumento habil para eſtabelecer a noſſa ſegurança na Ilha pelo ſeu deſembaraço, e capacidade. Elle o attendeo, o introduzio na amizade dos melhores, conſeguio da Rainha fazello Regedor do Reino, e quando vio que pela ſua authoridade ella o tinha por ſuſpeito, o Brito lhe deſtinou huma guarda dos ſeus amigos fiéis, que lhe conſervaſſem com o reſpeito do cargo a vida da peſſoa. Creſceo entaõ o ciume da Rainha, o do Rei de Tidore, que com ella ſe queixou da diſtinçaõ exceſſiva, com que os Portuguezes o faziaõ tratar no Reino; mas depois moſtráraõ as experiencias quanto nos foi conveniente a amizade de Cachildaroes em Ternate.

Cuidadoſo no cumprimento das ſuas obrigações, o Governador D. Duarte de Menezes depois de deſpachar em Cochim aos Fidalgos providos nas Fortaleças, que eraõ, em Coulaõ Joaõ de Mel-

Mello da Silva, em Cochim D. Diogo de Lima, em Calecut D. Joaõ de Lima; elle foi para Goa prover os mais negocios do Estado, especialmente a navegaçaõ, que neste anno havia fazer á China Martim Affonso de Mello Coutinho, como El-Rei lhe ordenára, e elle em Goa esperava pelo Governador com duas náos, que viéraõ na sua conserva. Além destas, de que eraõ Capitães Vasco Fernandes Coutinho, e Pedro Homem; D. Duarte lhe deo outro navio para Martim Affonso levar nelle a seu irmaõ Diogo de Mello. Na mesma comitiva despachou com duas náos a D. André Henriques para ir tomar posse da Fortaleza de Pacem a prejuizo de Antonio de Miranda, que naõ tinha acabado os seus tres annos; mas Martim Affonso fez executar as ordens do Governador, que no prudente Miranda naõ encontráraõ a menor opposiçaõ.

Era vulg.

Acompanhado de Antonio de Miranda, veio Martim Affonso a Malaca para continuar a jornada infeliz da China, que depois dos insultos comet-

ti-

Era vulg. tidos por Simaõ de Andrade fazia viva guerra aos Portuguezes, como elle foi informado por Duarte Coelho, que achou em Malaca de volta daquelle Imperio. Fiado nas boas náos, e importante carga estimada na China, Martim Affonso resolveo continuar a jornada na companhia do mesmo Duarte Coelho. Em Agosto deste anno, mais grossa a Esquadra com as prezas, que fez no caminho, elle chegou aos pórtos da China; mas tanto que os Chinas a conhecêraõ Portugueza, sahíraõ com huma poderosa Armada a investilla. O nosso Commandante, que naõ queria a guerra, senaõ adoçar os animos, foi soffrendo inalteravel toda a sórte de atrevimentos. Já desenganado, de que por modo algum applacava a indignaçaõ dos Chinas, tendo perdido nos repelões alguma gente, voltou as prôas para Malaca. Os Chinas ao sahir do porto lhe viéraõ no alcance; abordáraõ os navios de Diogo de Mello, e de Pedro Homem, que ficavaõ muito pela reta-guarda da Fróta; o do primeiro Capitaõ ardeo com toda a

gen-

gente; a do segundo foi passada á espada; e o tempo que os Chinas gastáraõ nesta manobra servio a Martim Affonso, a Vasco Fernandes, e a Duarte Coelho para se velejarem, e pôr a perder de vista dos seus perseguidores. Era vulg.

Hum temporal arrojou os tres Capitães á Ilha de Çamatra, e prolongando a cósta viéraõ a Pacem, aonde acháraõ a D. André Henriques na ultima consternaçaõ atacado pelo Rei de Dachem. O soccorro naõ esperado destes hospedes arrancou aos nossos das mãos da angustia, e fez levantar o sitio aos Barbaros, antes que elles desembainhassem as armas. De Pacem foi Duarte Coelho para Malaca, e Martim Affonso esperou a monçaõ para Cochim, aonde acabou a vida, sem lograr os designios.

A desgraça de Pedro Lourenço de Mello na mesma viagem da China, ainda foi mais lastimosa, que a de Martim Affonso. Para naõ navegar ás ordens deste Cabo, Pedro Lourenço de Mello, que havia ir com elle, se deixou

Era vulg. xou ficar em Cochim, aonde passou o Inverno. No Setembro seguinte partio elle só na derrota de Pacem; mas 40 legoas distante da cósta de Arracaõ o assaltou de noite hum tempo taõ rijo, que a náo se fez em pedaços nos rochedos de huma Ilha. Os poucos, que escapáraõ vivos, foraõ costeando no batel até a embocadura de hum rio, donde sahíraõ os naturaes a perguntarlhes da parte do Senhor da terra o que necessitavaõ della. Entendêraõ os afflictos que encontravaõ humanidade; fiáraõ-se nas apparencias compassivas; chegáraõ á praia entre huns rochedos, aonde com igual semblante de magoados o esperavaõ o mesmo Senhor do Paiz, e muita gente. Elles entretinhaõ os nossos com esperanças de os conduzir a Pacem, até baixar a maré, que era o que esperavaõ os Barbaros para ficar o batel atracado entre as róchas. Entaõ foraõ elles assaltados, e prezos; mas passado pouco tempo, o Chéfe dos Barbaros naõ esperando por elles resgate, nem querendo despender em sustentallos, mandou metellos em hu-

ma

ma cabana de palha, deo-lhes fogo, e se recreou de os vêr abrazar vivos. Em vulg.

O Governador Diogo Lopes de Siqueira, antes de partir para o Reino, communicou a D. Duarte que elle soubéra com instrucçaõ plena, como no anno de 1517, vindo de Malaca os dous Portuguezes Diogo, e Sebastiaõ Fernandes na companhia de huns mercadores ao Lugar de Paleacate na cósta de Coromandel, nella se encontráraõ com huns Armenios Christãos; que estes os convidáraõ para irem com elles á casa de hum Santo, que ficava dalli poucas legoas ao longo da cósta: que elles víraõ aquelle edificio da mais remota antiguidade firmado em tres naves, e no seu interior huma Capella, aonde se dizia estar sepultado o Corpo do Apostolo S. Thomé: que ao lado opposto ficava outra Capella, que tambem se affirmava ser o lugar da sepultura de hum Rei da terra, que o Apostolo convertêra: que o corpo da Igreja estava muito gastado dos combates dos Seculos, e nelle lavradas muitas Cruzes floreteadas na fórma da que

tra-

Era vulg. trazem os Pereiras no escudo das suas Armas: particularidades, e outras muitas, que Diogo Lopes communicava ao Governador D. Duarte para elle mandar examinar quanto havia de estimavel nesta Santa Casa, aonde se conservavaõ as memorias de hum Apostolo, que pregára na Asia.

D. Duarte naõ se esqueceo desta instrucçaõ, e no anno de que tratamos, mandou a Manoel de Frias, seu criado, com huma caravella, e tres fustas á cósta de Coromandel para vêr o modo, com que nella se conduziaõ os Portuguezes contratadores; fazer provimentos dos muitos generos, que naquelle Paiz se davaõ quasi de graça, e sobre tudo examinar quantas memorias, e vestigios fossem respectivos á Casa do Santo Apostolo. Manoel de Frias tudo achou confórme á relaçaõ, que os dous Fernandes Portuguezes haviaõ dado na India, e o communicou ao Governador, que sem demóra despedio ao Padre Alvaro Penteado com cartas ao Feitor, em que lhe ordenava que pela direcçaõ do mesmo

Pa-

Padre fizeſſe logo reparar com decencia a Caſa do Santo Apoſtolo. Como o Padre, naõ ſó queria reedificar o Templo, que achou bem confórme com as informações, mas edificar hum Moſteiro de Religioſos para ſua guarda, deſpezas em que o Feitor naõ convinha; elle ſe embarcou para Lisboa a dar parte de tudo a El-Rei, que o tornou a mandar á India.

Era vulg.

Como a obra naõ teve effeito, o Governador no meſmo anno enviou em huma náo a Pedro Lopes de Sampayo com o Padre Antonio Gil, e na ſua companhia a Diogo Fernandes, que era hum dos que foraõ com os Armenios ao Templo, e informára a Diogo Lopes, e com elles varios Officiaes, que ſem perda de tempo trabalhaſſem na obra. Aſſeguraõ as memorias deſta jornada, que indo Pedro Lopes com a ſua comitiva caminhando as ſete legoas de Paleacate ao Templo nas demonſtrações da maior feſta, e prazer; que apenas o aviſtáraõ, de repente fora tal, e taõ geral a compunçaõ, as lembranças de Deos, a memoria dos pec-

Em vulg. peccados, que nenhum fallára mais palavra; que chegados ao Templo se desfaziaõ em pranto taõ excessivo, mas de tanto jubilo, que naõ podiaõ, nem desejavaõ conter as lágrimas. Celebrou o Padre o Sacrificio Santo dos nossos Altares; entrou-se á obra; foraõ achados os ossos do Rei, que o Apostolo bautisára, e se conservava a tradiçaõ, de que se chamava Tanimoduliar, que queria dizer Thomaz servo de Deos; e debaixo delles huma pedra, que dizia: Eu dou os dîzimos das rendas das mercadorias, assim do mar, como da terra, para esta Santa Casa, e mando aos meus descendentes que tambem os dem em quanto o Sol, e a Lua duraremo, com grandes maldições aos que assim o naõ fizerem.

Naõ estava Africa ociosa, quando se trabalhava na India. He verdade que com a morte do Rei D. Manoel parecia, que espiravaõ as esperanças das nossas vantagens Africanas. Pouco antes della foraõ vistos acabar dous heróes invenciveis, terrores da Mauritania, os grandes Nuno Fernandes de

Atai-

Ataide, e Cide Haya Abeniafut. Depois della viraõ todos perder-se o Cabo de Aguer, terrenos vastos, vassallos numerosos, em fim, Arzila, Alcacer Ceguer, Çafim, Azamor, monumentos eternos da corage Portugueza, aonde ella obrou os milagres, que pozeraõ em admiraçaõ o Mundo, agora abandonados com espanto maior do mesmo Mundo. Governava porém a Azamor o alentado Gonçalo Mendes Çacoto, que naõ pode soffrer a insolencia de Allimimero, Mouro taõ poderoso, que tendo effectivamente ás suas ordens cinco mil cavallos, negava a obediencia, que devia ao Rei de Fez, zombava das suas ordens, talava as nossas campanhas. O Çacoto o busca com 200 cavallos, 1ↀ100 Infantes, e naõ o achando em tres dias de marcha, em Zalé se encontra com tres dos seus Xeques, que desafia, combate, e derrota.

Era vulg.

As consequencias desta victoria foraõ gloriosas. Dos Mouros poucos escapáraõ vivos: os tres Xeques foraõ prezos com as suas familias, e huma

das

Era vulg. das mulheres de Allimimero: os captivos ordinarios passárão de 700: o despojo constou de 2000 camellos, de 20000 cabeças de gado miudo, grande quantidade de petrechos militares, que provêraõ a Praça. Da nossa parte naõ tivemos mais perda, que a de dous cavallos, e na retirada o gosto de encontrarmos huns poucos de Almocadens, que acabavaõ de tomar na barra de Azamor hum patacho Castelhano, em que matáraõ nove homens. Os nossos os prendêraõ, e querendo o Çacoto reservallos para os resgates, os soldados clamáraõ que naõ se concedesse a vida aos Barbaros, que ainda vinhaõ salpicados do sangue quente dos Christãos. Assim se executou, e os nossos tiveraõ o entretenimento de lhes ir cortando as cabeças, sem attençaõ a que eraõ Mouros distinctos.

CA-

## CAPITULO V.

*Continuaõ os successos da India, e trata-se da jornada da Rainha D. Leonor para Castella.*

SERIA a occurrencia dos negocios, que acompanhaõ os principios dos novos reinados, ou as mudanças da vigilancia, e da fortuna: ellas foraõ vistas este anno no Téjo, quando houve de se apréstar a primeira Fróta, que El-Rei D. Joaõ mandava á India. Tres náos se fizeraõ promptas, duas d'El-Rei, huma de Mercadores, todas com governo arbitrario á discriçaõ de cada hum dos seus Capitães, que eraõ Diogo de Mello, despachado com o Governo de Ormuz, D. Pedro de Castro, e D. Pedro de Castello-Branco. Destas tres náos só a de D. Pedro de Castro chegou á India este anno, e elle fez pública a mórte d'El-Rei D. Manoel, que causou nos seus vassallos dôr taõ extrema, que os corações tinhaõ por incompetentes ás devisas exteriores do

Era vulg.

Era vulg. luto mais rigoroſo para marcarem as amarguras internas dos ſeus eſpiritos ternos, officioſos, fideliſſimos. Em Goa ſe lhe fizeraõ exequias ſolemnes; o meſmo praticáraõ todos os Chéfes das outras praças; depois ſe quebráraõ os eſcudos, e miſturadas as vozes das lágrimas com os gritos do alvoroço, foi acclamado na India o novo Rei.

Nos dias da pompa funebre chegou D. Luís de Menezes de Ormuz a Goa. Seu irmaõ o deſpedio logo para Cochim, aonde havia fazer celebrar as exequias do Rei defunto, e deſpachar a Fernaõ Gomes de Lémos para ir tomar poſſe do governo de Ceilaõ, que lhe havia entregar Lopo de Brito. De Cochim partio D. Luís em huma Armada de oito náos, e quatro caravelas para Maçua com ordem de conduzir a D. Rodrigo de Lima, que no anno de 1520 fora mandado por D. Manoel com o caracter de Embaixador ao Preſte Joaõ. Toda a tripulaçaõ ſahio do porto muito deſgoſtada da auſteridade de D. Luís, que tratava aos homens de guerra com a menos attençaõ, que naõ he tolera-

vel

vel á gente, que faz profissaõ da honra; que sabe embotar as finezas no serviço, quando lhe amolgaõ os fios com grossarias; e que nas occasiões cuida mais em derrotar o crédito dos Chéfes, que a offendem, que em se arrojar aos perigos, que a illustraõ. Mas deixando a D. Luís nesta viagem, vamos acompanhar a seu irmaõ D. Duarte na de Ormuz, que lhe estivéra melhor naõ emprehendella.

Em ruif.

Com a resoluçaõ de invernar nesta Cidade, sahio o Governador de Goa em Fevereiro com huma Armada de treze embarcações de todos os lótes, bem provida em Baticala do necessario para a viagem, e para a assistencia em Ormuz. Elle navegou com felicidade ao seu porto, aonde foi recebido com muito applauso, especialmente do Governador Joaõ Rodrigues de Noronha, que elle achou empenhado na soltura do trahidor Xarafo. Os motivos do empenho diziaõ entaõ com publicidade as linguas de Ormuz; e quando o Governador D. Duarte condescendeo com elle, reforçado pelo que lhe fez o Rei

1523

Era vulg. minino, que naõ ſabia o qûe pedia, ſendo viſto Xarafo paſſear ſolto em Ormuz com a meſma arrogancia, que antes: a reputaçaõ de Joaõ Rodrigues de Noronha, de D. Duarte de Menezes, e do Rei de Ormuz, ella andava raza pela terra: vozes de hum Povo eſcandaliſado, que tomado da cólera a nada perdoa, nada reſpeita. Entaõ ſe diſſe, que o Governador D. Duarte quizéra outra vez prender a Xarafo; mas elle naõ o fez.

O Mouro Xemeſim, que tantos ſerviços nos fizéra na occaſiaõ da perfidia de Xarafo, e nós lho pagámos com lhe tirar a vida, como logo diremos; elle conſiderando-ſe perdido com a ſoltura deſte trahidor, buſcou a D. Duarte; fez-lhe as repreſentações mais vivas, inſtou, perſuadio, expôz a perfidia de Xarafo, as ſuas extorsões; quanto elle obrára neſtes caſos em ſerviço dos Portuguezes; mas tantas inſtancias, além das repulſas, encontráraõ ameaças; abríraõ o paſſo a Xarafo para lhe ſuppôr crimes, entre elles o de haver dado a mórte a tres Portu-

tu-

tuguezes; formárem-se processos, tirarem-se devaças, e resolver-se em hum Conselho, que Xemesim devia morrer; injustiça a que naõ pode conter-se a probidade de Lopo de Azevedo, que fiado no respeitavel dos annos, e do nascimento, disse: Justo he que se dê a Xamesim de sobejo, o que Xarafo levou de menos: aquelle, porque dizem que matou tres, ha de ser degollado; este que sem dúvida tirou a vida a cento e tres, merece andar solto. Custosa foi de tragar esta pilula; mas ella naõ evacuou os máos humores, como logo mostraráõ os successos.

Era vulg.

Dos ajustes da paz com o Rei por intervençaõ do Xarafo nascêraõ outros escandalos, que naõ só déraõ assumpto a vozes novas, senaõ que confirmáraõ verdadeiros os clamores passados. Com força se sustentou nas primeiras sessões: Que o Rei devia pagar as perdas, que se causáraõ nas ultimas revoltas: Que em pena da desobediencia dobraria a quantia do tributo: Que na Alfandega haveria hum Escrivaõ do Rei de Portugal, que tomasse conta de todo

do

Era vulg. do o seu rendimento para pertencer ao mesmo Principe: Que ao Rei de Ormuz ficasse a liberdade de ir residir em Queixóme, ou aonde bem lhe parecesse: Mas com pouco intervallo de tempo a força enfraqueceo tanto, que de todo o empenho se desistio; as cousas ficáraõ como d'antes; a Alfandega para o Rei de Ormuz; o tributo o mesmo que era; e Xarafo, que tudo conseguira, amigo do Governador passado Joaõ Rodrigues de Noronha, introduzido com o presente Diogo de Mello, bem visto de D. Duarte de Menezes, na graça do Rei de Ormuz.

Em quanto o Governador D. Duarte se entretinha nestes negocios, seu irmaõ D. Luís, que sahíra com a Armada de Cochim para o Estreito, chegou a Çocotorá, e fazendo-se na volta de Adem, aonde tomou várias náos importantes de Gambaya, foi ter á rica Cidade de Xael, fórte, e bem presidiada, que elle determinou investir para enriquecer a todos os soldados com os seus consideraveis despojos. Logo

go que deo ferro no porto, elle mandou nos bateis assaltar as muitas náos, que nelle estavaõ; baldear os seus generos na Armada; pôr fogo a todas, como se executou com incrivel facilidade. No dia seguinte se postou em terra com setecentos homens, que elle commandava, e ás suas ordens, cobrindo as divisões dos corpos, Antonio de Lemos, Lopo de Azevedo, Jorge Barreto, e Ruy Vaz Pereira. Atropelando montes de perigos, desprezando o fogo continuo da numerosa guarniçaõ com o seu Rei na testa; os Portuguezes, ainda que perdêraõ 23 homens, montáraõ por escadas o muro, entráraõ a praça, degolláraõ gente innumeravel, pozeraõ ao Rei em fugida, déraõ fogo ao Palácio, gastáraõ o resto do dia em carregar a Armada de generos preciosos achados na desgraçada Xael, e por naõ passarem á noite em terra, se embarcáraõ sem susto ao esconder do dia.

Era vulg.

Logo que a gente esteve á bordo, a Armada se fez á vela para passar de longo sem ser vista de Adem, como le-

Era vulg. levava em regimento, e que esta visita a reservasse D. Luís para a volta do Estreito. Chegando á sua bocca, ferrou a Ilha de Camaraõ, aonde se deteve dous dias em fazer agoada. Daqui foi tomar o porto de Maçua, que era o termo da jornada, para se informar do Governador de Arquico, aonde estava o Embaixador D. Rodrigo de Lima, que hia conduzir. Como soube que o lugar da sua residencia era sete jornadas pela terra dentro, lhe fez avisos repetidos, para que marchasse de sórte, que no dia 20 de Abril estivesse no porto, por lhe protestarem os Pilotos naõ poderem esperar mais tempo: que se naõ fizesse assim a jornada, naõ se movesse, porque certamente o naõ achava: que lhe recommendava se chegasse para mais perto do mar, para na Armada do anno futuro ser conduzido á India; e que em poder do Governador de Arquico acharia outra carta sua, fardos de pimenta, outros generos para a sua passagem, e roupas, de que se poderia vestir. Com grande alvoroço recebeo D. Rodrigo estes avisos;

sos; mas sentio logo o desprazer de lhe naõ caber a jornada no tempo, tendo de se contentar com a residencia, e presente, que estava prompto em Arquico, até ser occasiaõ de voltar á Patria.

Era vulg.

D. Luís sahio do Estreito com tempo feito, e veio amanhecer a Adem, aonde até a tarde esteve mudo, e na Cidade sem se fallar palavra. Na noite fez a despedida com a demonstraçaõ cortez de mandar dar fogo a seis náos, que estavaõ no porto, e foi surgir no de Mascate, aonde o informáraõ de quanto se havia passado em Ormuz a respeito de Xarafo, e Xemesim; do muito que entre as gentes andava amolgado sobre a liberdade de hum, e a desgraça do outro, o credito dos dous Governadores da Fortaleza, Joaõ Rodrigues de Noronha, Diogo de Mellò, e sobre tudo o de seu irmaõ o Governador da India D. Duarte de Menezes: noticia infausta, que penetrou até ao fundo o espirito honrado de D. Luís, que soube dissimular, e sentir. Como elle teve noticia, que seu irmaõ estava a partir de Ormuz para a India, e que havia

Ess vulg. via vir a Mascate, o esperou neste porto, menos para ter o gosto de o vêr, que para com mais brevidade o arguir.

Corria o mez de Julho, quando o Governador se havia levar de Ormuz. A bórdo da sua galé o mandou visitar o Rei com hum grande refresco para a viagem, que foi conduzido pelo Xarafo. O mesmo fez o infeliz Xemesim, que foi entretido até a noite; e querendo despedir-se, o Governador lhe disse que tinha negocios de importancia, que lhe communicar; que mandasse recolher a sua lancha para terra, e que em sendo tempo se lhe daria aviso. Immediatamente a galé se fez á véla; mas a pouca distancia, por pessoas de confiança, que estavaõ prevenidas, sem ninguem o sentir, foi o miseravel Xemesim lançado ao mar com hum pezo ao pescoço por ordem do Governador. A sua familia, que via marchar á galé, a mandou seguir a Mascate. Ninguem dava novas de Xemesim. Em Ormuz o suppozeraõ logo morto, e cresceraõ os clamores animando infamias

atro-

atrozes contra os Portuguezes. D. Luis Emmulo penetrou a execuçaõ barbara, e rompeo todas as medidas da moderaçaõ contra D. Duarte em quanto seu irmaõ, e seu Chéfe. Elle o acompanhou para a India taõ esquivo no animo, como na viagem. Nesta recebeo D. Duarte a pena do crime no catastrophe, que vou a contar.

Na sua conserva navegava a galé de Sebastiaõ de Noronha, que por ser muito veleira se avançou tanto, que perdeo a Fróta de vista. Encontrou-se indo só com huma grande náo de Meca, que investio, fez amainar, e mandava abordalla. Os soldados velhos criados na India o advertíraõ naõ abordasse a náo, que ficava na altura muito superior á Galé, e podia lançar-lhe dentro tanto fogo, que a abrazasse: que fizesse ir o batel ao seu bórdo conduzir os Mouros rendidos, e depois entraria nella. Desprezou o Capitaõ bisonho o conselho prudente; abordou a náo, e pedio hum cabo aos Mouros, com que se amarrou do masto da náo ao da Galé. Os Barbaros, que viraõ este

Em vulg. te desaccordo, e reconhecêraõ a sua superioridade, arrojáraõ tantas pedras, chuços, e armas de arremeço na galé preza, que matáraõ toda a gente sem escapar hum só homem; atáraõ-na por popa, e a leváraõ a Dio, aonde de Meliqueaz, e do Rei de Cambaya recebêraõ prémios, e louvores merecidos da sua corage.

Os attrevimentos escandalosos de Christovaõ Barroso com a Rainha viuva, que ficaõ referidos nos successos do anno passado, obrigáraõ esta Senhora, a que a sua audacia tocára com a maior sensibilidade, a naõ sahir de Mugem para Castella, em quanto plenamente se naõ justificava de tantas imposturas na presença do Imperador seu irmaõ. O tempo que lhe levou este justo dever do seu alto caracter, estiveraõ detidos em Badajoz o Conde de Cabra, e o Bispo de Cordova, que o Imperador nomeára por seus conductores. Neste intervallo, e para negociar a partida da Rainha mandou elle a Almeirim, aonde estava a Corte, o Embaixador Cabrero, do Conselho Real de Castella. Es-

te

te Miniſtro foi o primeiro, com quem El-Rei alterou a fórma coſtumada de receber os Embaixadores daquella Monarquia para ſeguir o meſmo formulario, que o anno paſſado uſára o Imperador com D. Luís da Silveira. O coſtume antigo era levantar-ſe El-Rei, logo que o Embaixador entrava na ſala da audiencia; pôr a maõ, e mover a gorra, quando elle chegava junto á Peſſoa; paſſar com elle a outra antecamera, e ouvillo aſſentado em cadeira raza. Agora com o Doutor Cabrero, El-Rei o recebeo ſentado até lhe dar as Cartas Credenciaes, e principiar a Oraçaõ, levantando-ſe entaõ para a ouvir de pé.

Era vulgr.

A Rainha bem inſtruida das impreſſões, que os ſeus Officios cauſáraõ no Imperador; que elle formára o alto conceito, que devêra da probidade da ſua conducta; que caſtigára ao atrevido Barroſo com a pena vil, que merecia á ſua infamia: ella ſe poz prompta para ſe retirar a Caſtella, e El-Rei deo as ordens neceſſarias, para que a profuſaõ na jornada fizeſſe evi-

den-

Era vulg. dente o seu respeito, e a sua liberalidade. Elle nomeou para a conduzirem os Infantes D. Luis, e D. Fernando, o Duque de Bragança, e grande numero de Fidalgos. Em pessoa veio a Mugem visitalla, e a acompanhou até Pavia, seguindo a mais comitiva a marcha para a fronteira de Badajoz, aonde foi entregue ao Conde, e ao Bispo, que a esperavaõ. Esta resoluçaõ commua dos Principes interessados desterrou de Portugal, e Castella as imaginaçoẽs do casamento d'El-Rei com a Rainha sua Madrasta, que se a ponderaçaõ das Razoẽs de Estado o propôz na idéa de alguns Politicos; a repugnancia da natureza o desviava da do Rei, que naõ podia desfeitar della huma estranheza naõ vulgar.

Em quanto estas cousas se passavaõ na India, e em Portugal, os Xerifes em Africa, depois que se apoderáraõ do Reino de Marrocos, conseguiraõ que lhes levassem á sua presença os Portuguezes captivos na occasiaõ da derrota de Nuno Fernandes de Attaides. Hum delles era o memoravel Adail

Lo-

Lopo Barriga, que servindo carregado de ferros na cavalherice do Xerife, concorriaõ a vêllo Mouros de muitas partes attrahidos da fama do seu valor. Hum dos de Tremecem chamado Cide Hali, que no tempo de solto naõ teria para o Barriga mãos, nem lingua, agora que o vio prezo, soltou contra elle a lingua, e lhe poz as mãos. Pegando-lhe nas barbas, o Mouro lhe disse arrogante: És tu aquelle, de quem tantas façanhas se contaõ? Eu te affirmo, que se te encontrasse solto no campo, te arrancaria estas barbas. O Heróe intrépido, no mais triste abatimento da sórte cheio de espiritos generosos, lançando-se a hum páo, que acaso lhe deparou o destino, descarregou com elle tal golpe na cabeça do Barbaro, que o deitou em terra morto. Os da sua comitiva tomáraõ o expediente de fugir, antes que o Barriga os tratasse com cortezia semelhante.

Em vulg.

Huma tal acçaõ, que obrada entre gente culta, e civil, era merecedora de premios distinctos, de applau-

so

Era vulg. ſo que nada tiveſſe de commum, o barbaro Xerife a mandou caſtigar no ſeu author como crime, com a pena de dous mil açoutes. O homem ſuperior á humanidade no esforço, ſoffreo o martyrio com tal conſtancia, taõ mudo, tanto como inſenſivel, que parecia hum penhaſco, hum rochedo, hum promontorio. A camiſa deſpedaçada dos golpes, tinta no ſangue das feridas, nova Toga deſte Pompeo Luſitano, Lopo Barriga a mandou pouco depois apreſentar a El-Rei D. Joaõ, que movido da compaixaõ, antes da féra péſſima do odio acabar de devorar tal vaſſallo, que bem merecia o nome de filho, ordenou a Franciſco Mendes, Alcaide Mór de Çafim, reſgataſſe Lopo Barriga a todo o cuſto.

Para nós concluirmos o mais que pertence a eſte grande homem, ſe deve ſaber que naõ conſeguindo elle dos ſeus aſſignalados ſerviços outra recompenſa, que a de ſer reſgatado, eſte premio lhe aproveitou para mais depreſſa acabar a vida. Lopo Barriga reconhecido a eſta mercê, que acabava

de

de receber do seu Principe, quiz dar tantas próvas de agradecimento, como se entrasse a servir de novo. Restituido a Çafim, no anno seguinte de 1524, se offereceo para ir visitar os Mouros, e dar-lhes as graças da boa hospedagem, que lhe fizéraõ; mas indo na marcha por hum caminho fundo, da barreira opposta Azuago, Mouro de muitas forças, lhe arrojou huma lança de arremeço, que lhe atravessou a garganta, e com mórte semelhante á de Nuno Fernandes de Ataide acabou ás mãos dos mesmos Barbaros o seu famoso Adail Lopo Barriga. Este homem, com tanto de merecimento, como de sem fortuna, foi outro dos exemplares do valor Lusitano desattendido, que achou todo o premio na heroicidade elegante das suas obras.

Era vulg.

# CAPITULO VI.

*Trataõ-se os mais successos das nossas conquistas da India até ao fim do anno de* 1523.

Era vulg.

O GRANDE número de Capitães Portuguezes espalhados pela India se occupava em expedições differentes: huns já dominados do amor das riquezas, trabalhavaõ pelos interesses proprios: outros ainda discipulos dos amantes da glória, naõ se poupavaõ a fadigas para avançarem com a sua reputaçaõ a da Patria. Das tres náos, que dissemos sahiraõ do Reino no anno passado, e que só a de D. Pedro de Castro chegára a Goa; as duas de Diogo de Méllo, e de D. Pedro de Castello-Branco invernáraõ em Moçambique. A primeira resoluçaõ destes dous Chéfes foi a de irem cruzar no Cabo de Guardafú a aproveitar-se do interesse das prezas, mas ambos tiveraõ de mudar de intentos. Elles encontráraõ huma barca, em que vinhaõ Embaixadores dos

Reis

Reis de Zanzibar, e de Pomba pedir soccorros ao Commandante de Moçambique, como vassallos de Portugal, para recobrarem as Ilhas de Querimá, que o Rei de Mombaça lhes havia conquistado. A D. Pedro de Castello-Branco pareceo justa esta demanda, honrosa á Naçaõ Portugueza, e determinou-se a soccorrer os Reis amigos. Do mesmo parecer foi Christovaõ de Sousa, que hia na sua náo despachado com o governo de Chaul.

Era vulg.

Diogo de Mello tinha outros designios no Cabo de Guardafú; apartou-se delles, e navegou a Çocotorá. Como elle vinha provido na Fortaleza de Ormuz, e aqui soube que o Governador da India partia para esta Cidade, houve de mudar de intenções, e o foi encontrar em Chaul. Ainda que o Governador sentio a sua chegada pelo prejuizo de Joaõ Rodrigues de Noronha, que pouco antes havia nomeado Governador de Ormuz; naõ pode escusar-se de o levar comsigo, e metello de posse da Fortaleza na fórma que El-Rei mandava, e como nós aca-

Era vulg. bamos de dizer. D. Pedro de Caſtello-Branco chegou á principal das Ilhas de Querimá, que achou bem fortificada, e por ſeu Commandante hum Principe de Mombaça. Sem mudar de conſelho á viſta do inimigo, poz em terra 200 homens em dous eſquadrões, o da vã-guarda, que mandava Chriſtovaõ de Souſa, elle no ſegundo, e ſe avançáraõ ao ataque. Depois de huma brava reſiſtencia, Antonio Galvaõ, filho de Duarte Galvaõ, o Embaixador da Abyſſinia, teve a felicidade de atraveſſar o Principe com huma lançada, de que cahio morto.

Entaõ ſe pozéraõ os Barbaros em fugida ſeguidos dos Portuguezes, que os degollavaõ ſem piedade. Rendeo-ſe eſta, e as mais Ilhas, que D. Pedro entregou a ſeus donos, e deo licença aos ſoldados para ſe aproveitarem dos copioſos deſpojos dos rendidos. Ainda que entrava o Inverno, elle atraveſſou o golfo, e chegou a Goa; mas com a náo taõ aberta, que foi neceſſario varalla para ſe aproveitar a carga, a artelharia, todo o ſeu maçame, antes

que

que se fosse ao fundo. Naõ passou muito tempo, que este Fidalgo naõ fosse testemunha dos effeitos, que causava nos Christãos, e Gentios de Goa o desabrimento, com que a todos tratava o seu Governador Francisco Pereira Pestana. Do desagrado geral, e da ausencia de D. Duarte de Menezes, que tinha ido para Ormuz, se aproveitou o Hidalcaõ, mandando occupar as nossas terras firmes por hum dos seus Generaes com 700 cavallos, e 5@000 infantes, que dos moradores escandalisados foraõ mui bem recebidos. O Tanadar Fernando Annes de Soto-Maior, duas vezes se oppoz ás correrias dos Barbaros; mas em ambas desbaratado, e naõ havendo gente na Cidade para poder ser soccorrido, teve de abandonar a Provincia de Bardez á discriçaõ dos inimigos, e recolher-se para Goa.

Era vulg.

Pelo mesmo tempo se soffreo outra alteraçaõ naõ menos sensivel em Ternate, aonde Antonio de Brito aĩnda naõ acabára a Fortaleza; a gente lhe adoecia pela esterilidade dos mantimentos;

Era vulg. tos; faltavaõ-lhe generos na Feitoria para pagar aos homens da terra, que trabalhavaõ: tudo occurrencias, que demoravaõ a obra, que nos havia pôr a coberto dos insultos naõ previstos. Acodio a Providencia neste aperto com a chegada ás Molucas de D. Rodrigo da Silva, que trazia hum navio com muitos generos para cambear por cravo. Como ao mesmo tempo vieraõ embarcações de Malaca, e de Banda, Antonio de Brito para se prover com a ganancia dos cambios, mandou pedir aos Reis das outras Ilhas naõ vendessem cravo a ninguem; porque todo queria para o Rei de Portugal, de quem elles eraõ vassallos. O de Tidore naõ obedeceo ao recado. Antonio de Brito se estimula, e manda a Antonio Tavares em huma fusta, armada com vinte homens, vá persuadir ao Rei de Tidore, que lance do seu porto todas as embarcações, e que naõ o fazendo, elle o execute a tiros de canhaõ.

Cumprio o Tavares a segunda parte da commissaõ com desembaraço; mas foi taõ infeliz, que na noite o assal-

saltou hum temporal, que varou a fusta em terra destroçada, que os de Tidore assaltáraõ, tiráraõ a vida a vinte Portuguezes, e se fizéraõ senhores da artelharia. Com a fusta reparada, e com as nossas mesmas armas se prepáraraõ para nos fazer a guerra. De toda a preza pedio Antonio de Brito a restituiçaõ; mas o Rei se fez desentendido a todas as propostas. A Rainha de Ternate, sua filha, sentio a revoluçaõ, e Cachildaroes, como necessaria para firmar o seu estabelecimento, a promove. Abertamente movia Cachildaroes a gente de Ternate para ser a authora das hostilidades contra Tidore, naõ querendo o Brito arriscar os Portuguezes, que sobre serem poucos, os necessitava para a Fortaleza. O Cachil, que conhecia o genio do Povo barbaro, e temia a condiçaõ da Rainha, deo a ambos os respeitos dous conselhos ao Brito naõ pouco vantajosos: hum, que fizesse publicar na Ilha, que daria hum córte de panno a todo aquelle, que lhe apresentasse em Ternate cabeças de homens de Tidore: outro, que

Em vulg.

Era vulg. mantimentos, fazer cruel guerra a Malaca. Voltou Duarte Coelho a dar esta noticia ao Governador Jorge de Albuquerque, que mandou logo esquipar hum galeaõ, huma galeota, e seis fustas para irem observar os inimigos até ao rio de Muar. D. Sancho Henriques, que commandava este Fróta, sendo já noite, naõ pode com o tempo contrario tomar a barra com o galeaõ, e a galeota. Entráraõ as seis fustas, e as tres de Antonio Leme, de Diogo Fogaça, e de Francisco Lourenço se avançáraõ tanto, que sem o pensar se mettêraõ no centro da Armada inimiga. Em taõ grande desproporçaõ de nada valeo a resistencia briosa dos Portuguezes, que todos foraõ mórtos, menos Francisco Lourenço, qne a favor da noite pode escapar em hum pantano, e voltar a Malaca. As outras tres fustas com a luz da manhã sahiráõ do rio; mas taõ carregadas pelos Barbaros, que amontoadas as embarcaçóes, vieraõ cahir sobre a galeota sem lhes poderem valer D. Sancho Henriques, nem Duarte Coelho com a artelharia

das

das ſuas náos. A maior parte das noſſas Era vulg.
tripulações foi paſſada á eſpada, a galeota
rendida, e levada para o Porto
de Muar, cuſtando-nos eſta infelicidade,
além dos Malaios, ſetenta Portuguezes
mórtos.

Com o ſeu galeaõ, o navio de Duarte
Coelho, e huma fuſta ſe recolheo
D. Sancho Henriques para Malaca. Laque
Xemena foi para Bintaõ receber os
premios do ſeu triunfo novo, a que tambem
ſe ſeguíraõ novas calamidades em
Malaca, já attrevidos os que nos eraõ
ſobordinados para promoverem contra
nós eſcandalos. Veio a ſer hum deſtes
o Rei de Paõ, que do tempo do Albuquerque
atégora nos tratára com amizade
taõ eſtreita, como alliança fiel.
Caſou elle com huma filha do Rei de
Bintaõ noſſo inimigo, e foi huma das
primeiras condições do caſamento fazer-ſe
verdugo dos Portuguezes, que
entraſſem no porto da ſua Cidade. Elle
deſcarregou o primeiro golpe da perfidia
em Antonio de Pina, que Jorge de
Albuquerque, Governador de Malaca,
mandou com hum navio ao porto de
Paõ

Era vulg. Muar, e no dia antes chegára a Paõ com trinta fuſtas do ſeu Rei para dar caça aos navios de commercio Portuguezes. Grande foi o ſeu alvoroço com eſta chegada de D. Sancho, que a fortuna lhe mettia nas mãos para deſaffogar nelle o ſeu odio; e ſem perder tempo, incorporando-ſe com outras trinta fuſtas do Rei de Paõ, com força deſcoberta veio a inveſtillo. D Sancho á viſta de tanta deſigualdade naõ perdeo o animo, antes esforçou, e repartio a ſua gente para a defenſa com a corage, de que ſe coſtumaõ ſervir os Heróes nos ultimos apertos.

Elle mandou ſubir huns marinheiros ás gaveas, e repartio outros pelos bórdos para arrojarem ſobre os inimigos armas de arremeço. Em cada hum dos meſmos bórdos poz ſeu pelotaõ de oito eſpingardeiros: no Caſtello de prôa a ſeu irmaõ D. Antonio Henriques com outros oito: elle com o reſto da gente montou o de poppa, donde dava as ordens aos que laboravaõ com a artelharia. Neſta fórma eſperou D. Sancho por hum dos combates mais viſ-

viſtoſos, mais deſigual, mais horrendo, que as noſſas armas tivéraõ no Oriente: combate cheio de glória; porque todos os Portuguezes ſoubéraõ morrer por ella; nada ſenſiveis á mórte, todos penetrados, cheios, occupados da honra. Foi atacado hum navio por ſeſſenta fuſtas. Na primeira deſcarga metteo elle quinze no fundo. Todas as mais, para naõ darem tempo de atacar, o abordáraõ, e as ſuas tripulações numeroſas, ſem fazerem caſo de mórtos, e feridos em grande cópia, atropellando a mais dura reſiſtencia, entráraõ de tropel por todos os bórdos. Entaõ foi a peleija hum aſſombro de valor inaudito nos poucos defenſores, e os primeiros, que a enſanguentáraõ, foraõ os marinheiros das gaveas, que como incommodavaõ muito os inimigos, diſparáraõ ſobre elles tantos tiros de eſpingarda, que todos viéraõ rodando pelos ares.

Era vulg.

O convéz eſtava cheio de montes de inimigos mórtos; os noſſos cançados de matar; elles revezando-ſe com gente de refreſco, fizéraõ que os noſ-

Era vulg. sos sentissem lassas as forças. D. Antonio Henriques, e os seus oito camaradas, cahindo enfraquecidos, foraõ degollados. Hia succedendo o mesmo aos que defendiaõ o convéz, aonde só treze vivos se contavaõ já no número dos mórtos. D. Sancho lhes ordenou se encorporassem com elle no castello de póppa para morrerem todos em hum corpo depois de bem vingados. No calor deste ultimo avance se redobráraõ os espectaculos da carnagem, do horror, ingratos á humanidade. Acabou em fim D. Sancho com todos os Portuguezes, sem escapar hum só, depois de tirarem a vida a innumeraveis Barbaros. Nada ficou devendo á honra quem deo tudo por ella: os inimigos da victoria recolhêraõ despojos, mas naõ acháraõ captivos.

Este successo descobrio a perfidia até entaõ occulta do Rei de Paõ. Elle, e todos os antecedentes penetráraõ o espirito de Jorge de Albuquerque, justamente temeroso, de que o Rei de Bintaõ sabedor das nossas perdas, e principal instrumento dellas, aprovei-

veitasse as suas vantagens em damno de Malaca. Estas considerações o obrigáraõ a requerer com instancia ao Governador da India o soccorresse com gente, e navios sem demora: requerimento, que foi acompanhado de outro semelhante, que Antonio de Brito mandava fazer de Ternate por D. Garcia Henriques, que ao mesmo tempo chegava das Molucas a Malaca, e deo noticia das revoluções daquellas Ilhas, que referiremos no seu devido tempo.

Era vulg.

## CAPITULO VII.

*Referem-se os ultimos successos da India no anno de 1523, e principiaõ os de 1524.*

MAIS cuidadoso este anno, que o passado, o Ministerio de Portugal a respeito do Estado da India, elle despachou sete náos ás ordens de Diogo da Silveira com os Capitães D. Antonio de Almeida, Heitor da Silveira, Manoel de Macedo, Pedro da Fonse-

Era vulg. ca, Antonio de Abreo, e Ayres da Cunha. Excepto a ultima deſtas náos, que naufragou á entrada de Moçambique, ſalvando-ſe quanto ella levava, as mais chegárao á India com feliz viagem. Ainda o Governador D. Duarte ſe achava em Chaul da volta de Ormuz, donde veio a Goa dar expediçaõ ás que haviaõ voltar para o Reino, e logo paſſar a Calecut, que neceſſitava da ſua preſença para moderar os exceſſos de D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, que fazia muito por deſmerecer as attençóes dos Portuguezes, e dava motivos aos Mouros de queixar-ſe, ao Rei de Calecut para ſentir-ſe. Como o Governador nada obrou do que ſe eſperava a reſpeito dos deſmanchos de D. Joaõ, creſcêraõ os eſcandalos, que origináraõ á Naçaõ grandes prejuizos no commercio, que ſe via roto, e roubado pelos muitos coſſarios, que armáraõ os Mouros dos pórtos de Calecut offendidos.

A todos ſe fazia notavel a frouxidaõ de D. Duarte de Menezes em naõ refrear eſtes inſultos, e todos reparavaõ

na

na diligencia, que elle applicava á expedição das náos para o Reino: dous extremos, a que a gente naõ duvidava descobrir a causa, dizendo que este D. Duarte na India era nella hum, em Tangere outro: na Africa soldado, na Asia contratador: que embaraçar-se com os attrevimentos dos pyratas, e naõ despedir depressa as náos do Reino, lhe retardavaõ outra jornada para Ormuz com huma Fróta, que levava carregada por sua conta das muitas mercadorias, que ajuntára em Cananor, Coulaõ, e Baticala: que para cobrir os seus tratos, franqueava o commercio a todo o genero de gentes, vendo-se grande diminuiçaõ na trópa por haverem os militares degenerado em tratantes: que mandando El-Rei nestas náos pelas informações, que lhe déra o Padre Penteado respectivas á Casa de S. Thomé, a Joaõ de Flores encarregado da pescaria do aljofar entre Ceilaõ, e o Cabo de Comorim; para elle se aproveitar, naõ cumprio com o Flores o que El-Rei mandava, e deo esta commissaõ ao seu criado

Era vulg.

do

Era vulg.

do Manoel de Frias, que tambem nomeou Capitaõ, e Feitor da Cósta de Coromandel, como bom agente dos seus interesses.

Estando os negocios na India com esta figura, Ambrosio do Rego chegou de Malaca a Cochim, e informou a D. Duarte das infelicidades, que deixo referidas: pedio da parte de Jorge de Albuquerque, e de Antonio de Brito soccorros effectivos para Malaca, e para as Molucas, a tempo que de Pacem chegava o navio mandado pelo opprimido D. André Henriques a fazer requerimentos semelhantes. Com a promptidaõ possivel despachou D. Duarte para Malaca a Martim Affonso de Sousa com huma Armada bem provida; para Governador de Pacem, como D. André lhe pedia, a Lopo de Azevedo no mesmo navio, em que viera, com 80 homens, e muitos provimentos, que se alijáraõ ao mar em huma tormenta; para Maçua mandou a Heitor da Silveira com oito náos para conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima, que El-Rei naõ cessava de lhe recommendar;

pa-

para ficar com o governo da India nomeou a seu irmaõ D. Luís de Menezes; e dadas estas providencias, elle com a sua Armada foi de Cochim a Goa para navegar a Ormuz, como tanto desejava.

Era vulg.

1524

Ora nós seguiremos as marchas destes Chéfes destacados na sua ordem no anno de 1524, a que pertencem os successos dos seus destinos, e lhes daremos principio pelos da viagem de Heitor da Silveira ao estreito do mar Roxo. No fim de Janeiro sahio elle de Goa com a sua Esquadra, em que embarcáraõ 700 homens, e navegou felizmente a Çocotorá, aonde se proveo do necessario. Na derrota até Adem fez elle prezas de grande importancia em náos, que hiaõ de Cambaya para Meca, e lhe carregáraõ a Fróta de generos de valor; mandando abrazar com toda a gente as náos saqueadas. A noticia deste rigor usado com os nossos antigos contrarios, que chegou a Adem antes de Heitor da Silveira, rodeou de tal consternaçaõ aos donos dos muitos navios, que estavaõ no porto, e já naõ

po-

Era vulg. podiaõ fugir, que recorrêraõ ao Rei para os livrar do perigo, que viaõ eminente. Elle lhes asfegurou naõ se pouparia ás diligencias, que podessem contribuir para a sua segurança; e apenas Heitor da Silveira chegou ao porto, lhe mandou hum refresco taõ copioso, que forneceo bem toda a Armada, e com elle o recado: De que o desejo que sempre tivera de ser vassallo d'El-Rei de Portugal, o conservava no mesmo vigor; que se algumas vezes as obras desmentíraõ estas palavras, a culpa era dos Portuguezes, que com as suas desordens irritavaõ o Povo: que, se elle vinha de paz, acharia acolhimento em Adem, como em qualquer das Cidades de Portugal; mas que se trazia intençaõ de fazer a guerra, naõ lhe estranharia à opposiçaõ, sendo a defensa natural aos homens.

Heitor da Silveira sensivel aos estimulos gloriosos de deixar a Adem tributaria, respondeo ao seu Rei: Que elle naõ podia ter pensamentos de se declarar inimigo de hum Soberano, que queria ser tributario do Rei de Portugal;

gal; que lhe acceitava, e agradecia a offerta, offerecendo-lhe toda a Armada para o que fosse do seu serviço. Com esta resposta o Rei, o Povo, e os mercadores, que estavaõ em Adem ficáraõ satisfeitos: continuáraõ de ambas as partes os prezentes: veio hum dos Regedores da Cidade assignar os Artigos, em que Adem se fez tributaria de Portugal em dous mil xerafins, que se pagariaõ cada anno em huma coroa lavrada, e que os Portuguezes no porto satisfariaõ só a metade dos tributos impostos ás mais Nações; e outras vantagens mutuas, que fizeraõ o gosto reciproco. O Rei pedio a Heitor da Silveira lhe deixasse ao seu soldo hum bringantim, que trazia na Fróta com 20 Portuguezes para guarda do seu porto, e para obrigar os navios, que passavaõ de largo, a virem pagar nelle os direitos devidos. A tudo condescendeo Heitor da Silveira; e satisfeito de conseguir semelhante vantagem da Adem contumaz, navegou para Maçua inconsideradamente satisfeito.

Em vulg.

Aqui lhe succedeo com o Embaixador

Era vulg. dor D. Rodrigo de Lima o mesmo, que a D. Luís de Menezes o anno passado. Aquelle Fidalgo deixando de observar as ordens, que este lhe mandou de Arquico, tornou para a Corte do Preste Joaõ, donde era impossivel chegar a tempo, que os nossos naõ perdessem a monçaõ de navegar. Heitor da Silveira lhe fez avisos semelhantes aos de D. Luís de Menezes; accrescentando, que pela sua impaciencia de esperar nos portos de mar, naõ mallograsse as despezas, e trabalho das Armadas, que de ordem d'El-Rei o vinhaõ conduzir, como a elle, e a D. Luís tinha succedido. Na volta por Adem vio os Portuguezes taõ favorecidos do Rei, que lhe deixou o mesmo brigantim com 20 homens escolhidos; por seu Capitaõ a Fernaõ de Carvalho, e navegando pela Cósta de Fartaque, fez escala em Curia Muria para passar á India sem tocar em Ormuz; mas na Cósta de Dio se encontrou com o Governador D. Duarte, que já se recolhia desta Cidade para Goa.

Lopo de Azevedo chegou a Pacem com

com o navio destroçado da tormenta, Era vulg. que dissémos; achou a D. André restituido á sua saude, e encontrou nelle, e em seu cunhado Ayres Coelho, que era Alcaide-Mór da Fortaleza, tanta repugnancia na entrega do seu governo, que com a mesma gente do soccorro tornou a voltar para a India. Pouco depois o seguio nesta viagem D. André, novamente recahido, e incapaz do governo, que encarregou a Ayres Coelho. Os Achens supponndo a Praça mais fraca com a falta da gente, que leváraõ estes dous Cabos, assaltáraõ a povoaçaõ do Rei de Pacem, aonde os poucos, que escapáraõ com vida, se refugiáraõ na Fortaleza para augmentarem a fome. Ella estava nesta triste figura, quando D. André se encontrou no mar com Sebastiaõ de Sousa, que sahíra de Cochim com alguns navios, e lhe pedio a soccorresse. Elle o fez com tanto vigor, que os inimigos se retiráraõ para o interior do paiz; desaffogou-se o animo dos nossos, e respirou, mas por pouco tempo, o afflicto Rei de Pacem.

Suc-

Era vulg. Succedeo assaltar a D. André hum temporal, que o fez arribar á Fortaleza. O seu genio vario, inquieto, e ambicioso, vendo-a em socego, e esperando restabelecer os interesses, o metteo em tal desordem com Sebastiaõ de Sousa, que elle escandalisado se retirou para Malaca. D. André, que sem elle naõ podia sobsistir, abandonou a Fortaleza aos inimigos, embarcou-se com o Rei, e a gente da guarniçaõ, e seguio o mesmo rumo. A perda desta praça, e a da reputaçaõ das nossas armas tiveraõ por consequencia conquistar o Rei de Achem todo o Reino de Pacem, e logo o de Darú, obrigando o seu Soberano a refugiar-se taõ bem em Malaca, que alimentou estes dous Principes infelices, por nossa causa arruinados, vivos, e mórtos com miseria nas mãos da enganosa esperança.

Justamente temeo Jorge de Albuquerque, que esta perda de Pacem animasse o Rei de Bintaõ para continuar as suas tentativas contra Malaca. Ainda naõ era chegado Martim Affonso com a Fróta, que lhe trazia de soccor-

corro; mas Jorge de Albuquerque para dissimular o seu pouco poder, para prevenir as resultas do seu temor, aprestou duas náos, e duas caravellas, que entregou a D. Garcia Henriques, e a Ayres Coelho para irem pairar na barra de Bintaõ, e impedirem a sahida da sua Armada. Ella estava no porto ás ordens de Laque Xemena, que esperou occasiaõ de sobprender as caravellas sem se expôr aos riscos de huma batalha. Ella se lhe offereceo favoravel com a marcha dos dous Chéfes a fazerem aguada a huma Ilha meia legoa distante, deixando as caravellas sobre ferro na bocca da barra. Na enchente da maré sahio Laque Xemena com poucas fustas; humas para entreterem a fórma do combate; outras para cortarem os cabos, quando os Portuguezes estivessem occupados na defensa, de sórte que a corrente mettesse as caravellas no rio, além dos baixos, aonde naõ podiaõ chegar as náos por alterosas, e deste modo as sobprender.

Era vulg.

Como Laque o pensou, lhe succedeo. Os Portuguezes empenhados na ba-

Era vulg. batalha apparente, naõ sentíraõ cortar as amarras, nem entrarem as caravellas no rio, senaõ a tempo que estavaõ rodeados por toda a Armada de Bintaõ, sem poderem ser soccorridos pelos Chéfes das náos, que na bocca do rio ficáraõ em inacçaõ. Trinta Portuguezes, e os Malaios morrêraõ abrazados no incendio das duas caravellas, depois de fazerem huma defensa bisarra: D. Garcia, e Ayres Coelho voltáraõ melancolicos para Malaca, e o Rei de Bintaõ ficou taõ soberbo com as victorias repetidas, que resolveo sitiar a respeitavel Praça. Elle o executou por terra com hum Exercito de 12$000 homens, e por mar com huma Esquadra de 80 fustas ás ordens de Laque Xemena, que em todo o Inverno fez os maiores esforços para o Rei de Bintaõ reentrar na posse da sua suspirada Malaca. Mas em 80 Portuguezes, de que entaõ se compunha a guarniçaõ, sem outros Officiaes, que o Governador, D. Garcia Henriques, Ayres Coelho, e o Feitor Garcia Chainho, os Barbaros encontráraõ huma

co-

corage taõ impávida, huma opposiçaõ taõ dura, que chegado o tempo de poderem vir soccorros da India, naõ se attrevêraõ a esperallos, e ignominiosamente levantáraõ o sitio contra toda a esperança. Era vulg.

Pouco depois chegou Martim Affonso com a sua Fróta de cinco náos, 200 homens, artelharia, munições, e viveres, com que recobrou alentos a vexada, e faminta Malaca. Jorge de Albuquerque o mandou logo impedir a entrada dos mantimentos em Bintaõ, por ser a guerra mais crúa, que se podia fazer áquelles Barbaros. Elle os reduzio ao maior aperto da fome, sem que o arrogante Laque Xemena tivesse a confiança de sahir ao mar para o combater. Daqui foi ao porto de Paõ agradecer ao seu Rei ímpio com diluvios de sangue, e incendio de muitas náos o serviço, que nos havia feito. A nada perdoou a cólera justamente estimulada, para sentir aquelle Rei pérfido que nós naõ lhe faziamos a guerra, que tomavamos vingança. Em Patane fez estragos iguaes por causas se-

Era vulg. melhantes; e porque os moradores, aterrados do medo, abandonáraõ a Cidade, Martim Affonso saltou em terra, e mandando-lhe dar fogo por todas as partes, naõ ficáraõ de Patane mais que as cinzas. Renovou este Chéfe as glórias de Malaca com os triunfos, as suas riquezas com huma Armada carregada de despojos.

Apenas Martim Affonso levantou o bloqueio de Bintaõ, e foi aos dous pórtos de Patane, e de Paõ, Laque Xemena partio para o do Rei de Linga, nosso alliado, que reduzio ao ultimo aperto. Elle pedio soccorros a Malaca. Jorge de Albuquerque lhe mandou dous navios bem artilhados com 40 homens cada hum, commandados por Alvaro de Brito, e por Jorge Correa. O Rei de Linga acabou de perder o animo com a vista de auxilio na sua imaginaçaõ inefficaz para o salvar do perigo. Laque Xemena já mettia a acçaõ futura no número das suas victorias, e com 40 fustas se avançou a atacallos. Os Capitães atáraõ os navios hum ao outro, fizéraõ carregar

os canhões, huns de metralha, outros de balla grossa; escondêraõ a gente debaixo das cobertas para esperarem a primeira descarga dos inimigos, promptos os artilheiros para fazerem fogo, quando se lhes ordenasse. Os Barbaros vendo os navios presos, suppozéraõ os animos cahidos, e seguros da victoria vinhaõ apinhados. Fizéraõ fogo sem damno nosso, e balroáraõ para abordar; mas a nossa artilharia os servio de modo, que mettidas doze fustas a pique, mórta nas outras muita gente, ellas retrocedêraõ no avance.

Era vulg.

Os Officiaes inimigos á força de golpes violentáraõ os remeiros para tornarem á carga. Os nossos lha déraõ taõ bem servida, que dobrada a perda nas embarcações, e nos homens, as que escapáraõ, humas fugíraõ com Laque Xemena pela barra fóra, outras com o Renegado, que entre nós se chamou Martim de Avelar, foraõ a toda a voga varar em terra, desamparando-as a gente, que se refugiou na montanha. O Rei, e o seu Povo atonitos com taõ grande triunfo ganhado em

Era vulg. em hum intervallo breve de tempo, viéraõ a bórdo dos navios admirar nos seus Capitães dous milagres de sciencia militar, nos seus soldados outros tantos prodigios do valor. Das fustas rendidas dos contrarios fez o Rei carregar algumas dos generos mais estimaveis do Paiz, que mandou na companhia de Alvaro de Brito a Jorge de Albuquerque, como agradecimento devido ao obsequio, que acabava de lhe render. Esta victoria taõ fóra da ordem vulgar, que recahia sobre os de Martim Affonso, pouco depois chegado a Malaca, restabeleceo o crédito das nossas armas, derrotou o de Laqua Xemena, mereceo aos seus authores universaes applausos dos Principes visinhos.

Nas Moluoas sustentava a guerra com successos vários Antonio de Brito contra o Rei de Tidore, sempre ajudado de Cachildaroes, como alliado fiel, com a gente de Ternate. Quando chegáraõ a esta Ilha os soccorros, que leváraõ Martim Affonso de Mello Zuzarte, e Martim Correa da Ilha de

de Banda, os mesmos successos foraõ pouco vantajosos, e a todos sensivel a desgraça de Jorge Pinto, que varando com a sua lancha em hum baixo, aonde Leonel de Lima o naõ pode soccorrer; elle, e doze Portuguezes foraõ passados á espada pelas tripulações dos paráos de Tidore. Depois mudou tanto de face a fortuna pelas gentilezas do mesmo Leonel de Lima, de Martim Correa, e de Cachildaroes, que abrazados os lugares principaes da Ilha, morto grande número de inimigos, o Rei de Tidore pedio a paz, que Antonio de Brito naõ só deixou de lhe conceder, mas havendo ás mãos 300 dos seus vassallos prisioneiros, os mandou assar vivos para atemorisar os seus Póvos com esta atrocidade indigna, ás gentes escandalosa, á Religiaõ Christã abominavel.

Era vulg.

D. Luís de Menezes, que ficára governando a India na ausencia de seu Irmaõ, com a observaçaõ dos exemplos, de tal sórte mudou a condiçaõ, que fazendo-se lugar distincto na aceitaçaõ dos homens, todos debaixo

Era vulg. do ſeu mando ſerviaõ goſtoſos. Elle andou no mar todo o Veraõ com huma groſſa Armada domando o attrevimento dos pyratas, e no Inverno foi para Cochim fazer trabalhar aos eſtaleiros com tanta actividade, animada da ſua preſença, que concertou todos os navios, e teve o goſto de vêr lançar no mar hum galeaõ novo, huma galé, e huma galeaça. No ſeu tempo ſe acabou a obra da Igreja de S. Thomé em Meliapor pelas diligencias do Padre Antonio Gil, e de Manoel de Frias, que merecêraõ gozar a felicidade de deſcobrir na terra a 15 palmos de fundo as Reliquias adoraveis do Apoſtolo S. Thomé, que guardáraõ com ſumma reverencia no meſmo Templo. Mas vindo do Reino o Padre Penteado provido por El-Rei no cargo de ſeu Vigario, eſcondeo as ſantas Reliquias no fundo do Altar ſem mais teſtemunha, juramentada para naõ as deſcobrir, que hum Rodrigo Alvares, bom Chriſtaõ, e honrado homem. Naõ ſabemos qual foſſe o deſignio do Penteado em tornar a eſconder no campo

po o thesouro precioso, que a Providencia depois quiz se descobrisse, como em seu lugar se dirá. Era vulg.

## CAPITULO VIII.

*Da segunda viagem do Governador D. Duarte de Menezes a Ormuz. Trata se do casamento d'El-Rei D. Joaõ, e da vinda do Viso-Rei D. Vasco da Gama á India.*

O GOVERNADOR D. Duarte de Menezes em Ormuz deo boa expediçaõ ás muitas fazendas, que levava, recebeo de Raiz Xarafo repetidos, e importantes presentes; mas em quanto aos negocios públicos, nada mais sabemos que serem entaõ chegadas para elle cartas do Embaixador D. Rodrigo de Lima, que já soffria sem paciencia a sua demora nos Estados do Preste Joaõ; e mandar o mesmo D. Duarte outro Embaixador á Persia a promover os interesses de Xarafo cobertos com o nome do Rei de Ormuz. D. Rodrigo

de

Era vulg. de Lima lhe pedia, com expressões de enternecer, se compadecesse dos seus trabalhos; que mandasse sem demora conduzillo, e que ordenasse á Armada, que fosse a esta diligencia, naõ se dilatasse em outras partes, como fizéraõ seu irmaõ D. Luís, e Heitor da Silveira; mas que fosse logo a Maçua, aonde devia chegar em Março para elle ter tempo de receber os avisos, e vir embarcar-se.

Para a Embaixada da Persia déraõ causa as instancias de Xarafo, que representou ao Governador, como os Capitães de Sophi Ismael rompiaõ o commercio, impediaõ a introducçaõ dos generos, com grande detrimento das rendas de Ormuz; e que elle devia interpôr a sua authoridade para conseguir do Sophi, que as Cafilas se desembaraçassem para o Rei cobrar os direitos, com que pagava os tributos a Portugal. Balthasar Pessoa foi encarregado da Embaixada da Persia, bem instruido nas formalidades destes Officios; mas pouco depois da sua chegada morreo o Sophi Ismael, e Xatamas seu

so-

ſobrinho, que lhe ſuccedeo, naõ fazendo caſo de requerimentos ſemelhantes, Balthaſar Peſſoa voltou para Ormuz, como fora, naõ achando já o Governador, que partíra para Maſcate, donde ſeguio a viagem de Dio.

Era vulg.

Na altura deſta Cidade dividio elle a Armada para dar caça ás náos de Meca, que eſperava em Chaul. Chriſtovaõ de Souſa, que governava a Fortaleza, lhe mandou a bórdo com hum refreſco o recado, de que eſtava para o ſervir como a D. Duarte de Menezes; mas que como a Governador da India naõ podia obedecer-lhe, por ter ordens em contrario do Viſo-Rei Conde da Vidigueira. O meſmo cumprimento lhe fizeraõ em Goa, donde foi a Baticala para ſe prover do neceſſario para a viagem do Reino. Heitor da Silveira, que até aqui o acompanhára, vendo os vagares, com que ſe entretinha nos portos até eſtarem as náos promptas para ſe embarcar, e evitar o encontro com o Viſo-Rei, ſe deſpedio delle, e com o groſſo da Armada entrou em Cochim, e deo parte ao Viſo-Rei da ſatisfaçaõ

com

Era vulg. com que vinha das vantagens, que conseguíra em Adem. Ellas naõ foraõ approvadas, e muito menos haver deixado o brigantim com 20 homens no serviço do Rei infiel, que os faria victimas do odio, ou da cubiça para se satisfazer do valor da coroa de dous mil Xerafins, que pagára por primeiro tributo. Heitor da Silveira com cortezias officiosas, e obediencia prompta soube aplacar o Viso-Rei, como bem instruido em que estes saõ os meios de fazer propicios os que estaõ no gráo de superiores.

Em quanto estas cousas se passavaõ na India, El-Rei D. Joaõ cuidava no seu casamento em Castella. Para pedirem a Carlos V. sua irmã a Princeza D. Catharina, mandou elle por Embaixadores a Pedro Correa, senhor de Bellas, e a Joaõ de Faria, ambos do seu Conselho, que acháraõ ao Imperador em Burgos. Acceitou o Cesar as propostas, e para tratarem as Capitulações nomeou com os seus plenos pôderes a Mercurino de Gatinara, grande Chanceller, e a D. Fernando da Veiga, Com-

Commendador-Mór da Ordem de Sant-Iago. Assentou-se que El-Rei pagasse a Dispensa; que o Imperador faria os gastos do transporte da Rainha até a fronteira; que este lhe daria 200⁂000 dóbras Castelhanas por huma vez, e 50⁂000 cada anno, e sobre isto os vestidos, os adornos, as joias; que El-Rei faria de arrhas á futura Esposa a terça parte do dote, cada anno dez mil ducados, e as terras, que compunhaõ o Estado da Rainha, quando vagassem por morte de D. Leonor, viuva d'El-Rei D. Joaõ II. Pelo mesmo tratado se confirmáraõ as pazes antigas; se promettêraõ os dous Monarcas contratantes a ajudar-se mutuamente para a defensa dos Estados, que tinhaõ nas Hespanhas, e em Africa des de Oraõ até ao Cabo de Aguer, e mais naõ.

Era vulg.

Na India tinhaõ tomado huma triste figura os negocios de Calecut pelas tentativas dos Mouros, inimigos declarados de D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, e que naõ perdoavaõ a diligencia, para que o Rei lhe declarasse a guerra. Já os dous partidos

co-

Era vulg. comettiaõ hoſtilidades, quando chegou com o caracter de Viſo-Rei o grande Vaſco da Gama condecorado com o titulo de Conde da Vidigueira. Entendeo El-Rei que lhe era neceſſaria para a conſervaçaõ, e augmento da India a experiencia, o reſpeito, a dexteridade do famoſo D. Vaſco, ſeu deſcobridor, e ſobre o titulo, que já tinha de Almirante dos ſeus mares, lhe conferio agora o de Viſo-Rei, lhe fez mercê da Fortaleza de Malaca para todos os ſeus filhos, entre elles nomeou para Capitaõ-Mór do mar a D. Eſtevaõ da Gama, e com outras beneficencias Reaes fez, que pela terceira vez appareceſſe reſpeitavel D. Vaſco da Gama na India.

Sahio elle de Lisboa a 9 de Abril com huma groſſa Armada de quinze náos, em que levava por Capitães a Affonſo Mexia deſpachado Védor da Fazenda, a D. Henrique de Menezes provido no governo de Goa, Pedro Maſcarenhas no de Malaca, Lopo Vaz de Sampayo no de Cochim, Franciſco de Sá de Menezes, que havia fazer a For-

Fortaleza de Sunda, D. Simaõ de Menezes para a de Cananor, Antonio da Silveira para a de Çofala, D. Fernando de Monroy, e Francisco de Brito para Capitaõ-Mór das náos do trato de Goa para Ormuz. Levava o Viso-Rei a seus dous filhos Estevaõ, e Paulo da Gama, e muita da mais luzida gente do Reino, que até entaõ animada pelas attenções, e despachos com que sahia delle, e depois encontrava na India, naõ duvidava abandonar o descanço das proprias casas, a sociedade das suas familias, arrojar-se aos perigos, buscar as honras, que a distinguiaõ. Corrêraõ as idades; mudaraõ-se os tempos, e as configurações; os Portuguezes naõ se mudáraõ, ellas os fizeraõ mudaveis. Era vulg.

Com pouca demóra em Moçambique, o Viso-Rei se fez na volta de Melinde, aonde desappareceo a náo de Francisco de Brito sem já mais haver novas della. A de D. Fernando de Monroy varou em hum dos baixos das Ilhas daquelles mares; mas salvou-se a gente. Successo semelhante teve a caravella de Christovaõ Rosado; e Mossem

Era vulg. Gaſpar, que mandava outra, e era de condiçaõ ſoberbo, a tripulaçaõ naõ quiz ſoffrello; matou-o, e foi-ſe a piratear no Cabo de Guardafú, donde foi trazida á India para pagar com a pena de mórte o crime da rebeldia. Com eſtes vaſos de menos o Viſo-Rei chegou ao mar alto de Dabul, aonde ſe naõ achava fundo; mas todas as náos entráraõ a tremer com impulſos taõ violentos, eſtando o mar em calma, que todos ficáraõ atonitos. Succedeo ir a bórdo da Capitania hum bom Phyſico, que advertio ao Viſo-Rei, que aquelle phenomeno era cauſado por hum marimoto. Entaõ ſubio eſte Chefe ao convéz, e com ſemblante jucundo diſſe á ſua gente: Alegrai-vos, camaradas, que o mar treme de nós: Ceſar Luſitano, que ſemelhante ao de Roma, em deſterrar agouros, quando indo a conquiſtalla, ao ſaltar em terra cahio na praia de Africa, abraçando-ſe com ella, exclamou: És minha, ó Africa.

Socegada a agitaçaõ das agoas, o Viſo-Rei ferrou o porto de Chaul, aonde o Governador Simaõ de Andrade o re-

recebeo com as honrás devidas ao ſeu caracter. Elle entregou a Fortaleza a Christovaõ de Souſa, que eſtava provido por El-Rei; deixando-lhe ordem, que ſe por alli paſſaſſe o Governador D. Duarte de Menezes, quando voltaſſe de Ormuz, em nada lhe obedeceſſe do que elle lhe mandaſſe. De Chaul partio para Goa, aonde chegou a 11 de Setembro, e aonde a ſua peſſoa por todas as circunſtancias veneravel, foi recebida pelo alvoroço dos corações no ſeu fundo officioſos, e reverentes. Sem demora ſuſpendeo elle do governo a Franciſco Pereira Peſtana, e o entregou a D. Henrique de Menezes; diſpondo que da fazenda do primeiro ſe ſatisfizeſſem os prejuizos, que cauſára ás partes queixoſas. Dadas outras providencias na Cidade, o Viſo-Rei foi cuidar nas de Cochim, e na expediçaõ das náos para o Reino, naõ lhe tardando o goſto da boa eſtrea de D. Henrique de Menezes nas novas da grande victoria naval, que pelas ſuas diſpoſições acabavaõ de ganhar os Portuguezes.

Era vulg.

O

Era vulg. O novo Governador de Goa soube que do rio de Dabul sahíraõ nove fustas grandes bem armadas, guarnecidas de muita gente, que acabavaõ de apresar huma náo, que vinha de Ormuz com cavallos. Elle as mandou atacar por Christovaõ de Brito, hum Fidalgo moço de grande valor, como mostrou no combate, em que gloriosamente perdeo a vida. Levava este tres fustas, e quatro caturs, que os Barbaros depois de descarregarem a preza em Dabul, viéraõ investir fóra da embocadura do seu rio. Tres dos caturs temerosos da desigualdade das forças, se fizéraõ ao largo para verem a batalha de longe. Christovaõ de Brito se avançou á capitania; o mesmo fizéraõ os Commandantes dos tres vasos sobre outras das fustas dos inimigos. Tanto foi o furor na refrega, que os Portuguezes naõ reparáraõ no seu Capitaõ, que cahio morto atravessado com huma flecha pela garganta. Ao mesmo tempo huma das nossas ballas derribou o Chéfe dos inimigos, e foi entrada a capitania com mórte de todos. Em

fra-

fraquecêraõ os Capitães das mais fustas com este golpe; e voltando á carga os tres catures medrosos, consummáraõ a victoria, em que morrêraõ trinta dos nossos, dos contrarios 400, e tomamos sete fustas, que levamos a Goa em triunfo.

Era vulg.

Foi acompanhado este júbilo da victoria na India, do prazer do Reino de Portugal pela entrada nelle da sua Rainha D. Catharina, huma das Princezas mais admiraveis, que teve o mundo. Ella veio conduzida com pompa magnifica á Fronteira de Badajoz, e Elvas pelo Bispo de Siguença, e pelo Duque de Bejar; recebida com apparato em nada inferior pelos Infantes D. Luís, e D. Fernando, que a conduzíraõ á Villa do Crato, aonde El-Rei a esperava. Este matrimonio foi dos mais felices, naõ só pela copiosa geraçaõ, que fica dita, ainda que mallograda, mas pelas qualidades pessoaes da Rainha, como por muitos annos experimentáraõ os Póvos na brandura da sua condiçaõ, nos effeitos da sua clemencia, caridade, beneficencia, e outras

Era vulg. tras muitas virtudes, de que a dotou com liberalidade o Ceo, e ella soube exercitar na terra.

Apreſtava-ſe o Viſo-Rei da India em Cochim para a guerra de Calecut, que ſe eſperava, quando á barra daquella Cidade chegava de Chaul o Governador D. Duarte de Menezes, que vinha embarcar-ſe para o Reino. O Viſo-Rei com o rigor ſummo, em que ſempre permaneceo conſtante, o mandou notificar por Lopo Vaz de Sampayo, que naõ vieſſe a terra; mas logo entraſſe prezo ſobre homenagem na náo Caſtello, donde naõ ſahiria ſem ordem d'El-Rei em chegando a Liſboa. Sobprendeo-ſe; mas obedeceo D. Duarte, menos na acceitaçaõ da náo, e ſe foi embarcar na que chamavaõ S. Jorge. Tres vezes foraõ reiteradas as ordens do Viſo-Rei, para que elle obſervaſſe a primeira, e que ſe ainda teimaſſe, toda a gente ſahiſſe da náo, e duas que ella tinha pelo coſtado; a metteſſem a golpes de canhaõ com D. Duarte no fundo. D. Luis de Menezes até entaõ bem viſto do Viſo-

Rei,

Rei, quiz remediar estes desconcertos; mas da prática resultou esquentarem-se os animos, ser D. Luis mandado embarcar sem companhias, e elle dando o devido a sua prudencia, reduzio seu irmaõ a embarcar-se na náo S. Jorge, trazendo comsigo para que [illegible] ambos [illegible] do tempo [illegible]

Era vulg.

Muito pouco foi o que lhe restou de vida para o Vice-Rei renovar as esperanças, que se tinhaõ delle. Ainda estavaõ no porto as náos do Reino, que tambem serviraõ para voltarem nellas seus filhos D. Estevaõ, e D. Paulo, quando elle principiou a sentir a doença, que foi a ultima para a mórte nas Regiões da Asia, que lhe leváraõ os annos mais robustos da vida. No dia 24 de Dezembro morreo em Cochim, pio como Catholico, intrépido como Heróe, o grande D. Vasco da Gama, a quem deve Portugal no descobrimento da India a posse de hum Imperio, entaõ respeitavel, e grande, hoje abatido, e desmembra-

 do,

Era vulg. do, por consequencia da nossa sujeiçaõ de 60 annos a dominio estranho.

Immediatamente se abriraõ com as formalidades, que ficáraõ em costumes, as primeiras vias da successaõ do governo da India, que o Viso-Rei levára do Reino, concebidas nos proprios termos, e com a ordem, que hoje se pratíca. Eraõ tres as vias, e aberta a primeira, se achou nomeado Governador D. Henrique de Menezes, que o era de Goa. Antonio de Lemos foi o Fidalgo destinado para lhe levar o aviso; mas hum André Gil seu officioso se aproveitou da noite para marchar em huma barca ligeira, que chegou a Goa antes de Antonio de Lemos. Como estavaõ quasi expeditos negocios, que naõ podiaõ esperar pela vinda do Governador a Cochim, Lopo Vaz de Sampayo, e Affonso Mexia ordenáraõ a Diogo de Miranda, que fosse levar tres navios de carga a Melinde, donde havia trazer materiaes necessarios para a Armada; a Lopo de Azevedo, que marchasse com quatro navios de provimentos para Ormuz;

a Antonio de Miranda, que com tres galeões, e oito velas menores partisse para Maçua a buscar D. Rodrigo de Lima, e cobrasse de caminho a coroa de ouro, que Heitor da Silveira pozéra de tributo ao Rei de Adem. Era vulg.

Esta viagem de Antonio de Miranda a respeito da conducçaõ do Embaixador, teve o successo das passadas. No caminho tomou elle huma náo de Cambaya; mas sabendo que os mercadores eraõ de Adem, a tratou de paz, e a quiz levar na sua companhia. Estando ella encaminada á falla com a capitania, hum negro a nado a abordou, e deo parte a Antonio de Miranda, como o Rei de Adem, logo que Heitor da Silveira sahíra do seu porto, mettêra a tormento os vinte Portuguezes do brigantim, que elle lhe deixára, para se tornarem Mouros: que hum delles fora seu senhor, e elle víra o fim de todos: que quatorze, animados pela constancia do seu Capitaõ Fernaõ Carvalho, soffrêraõ o tormento exquisito de cada dia lhes ser assada huma parte do corpo, até que déraõ a vida pola con-

Era vulg. fissaõ de sua Fé, acompanhando-os nesta felicidade o mesmo Capitaõ: que cinco enfraquecêraõ, e se fizéraõ Mouros, que serviaõ no brigantim acompanhados de outros para lhes naõ fugirem. Com esta noticia confirmada pelos Mouros da náo, que guardou com cautéla, Antonio de Miranda chegou a Adem, e mandou seguro á Cidade por hum delles ás familias dos mercadores prezos para virem tratar do seu resgate.

Como os mercadores eraõ muitos, foraõ muitos os parentes, que chegáraõ a bórdo, e que entregáraõ 30000 xerafins pelo seu resgate. Entaõ Antonio de Miranda com mais captivos, e mais dinheiro, baldeadas as fazendas da náo na Armada, mettidos nella prezos todos os Mouros, rodeada dos batéis, para que nenhum escapasse, mandou dar fogo á nao, aonde foraõ queimados vivos. Depois enviou dous dos Mouros, que viéraõ de terra dizer ao Rei: Que como elle o ensinára a faltar á palavra, seguíra as suas doutrinas em fazer aos seus vassallos o mesmo

mo, que elle fizéra aos Portuguezes. He verdade que o barbaro Rei pouco depois teve occasiaõ de vingar esta injúria; porque vindo de Ceilaõ ao seu porto, fiada na paz, huma nao de Garcia de Sá com fazendas de muito valor, e doze Portuguezes; a fazenda foi roubada, elles martyres gloriosos, que com o preço do sangue derramado pelo Redemptor, que confessáraõ firmes, fizéraõ em Adem hum cambio de preço infinito. Antonio de Miranda chegou á Ilha de Camaraõ, e sabendo que em Juda havia huma grossa Armada de Rumes, naõ se atreveo a entrar no Estreito; voltou para a India, veio por Adem, e achando no porto duas náos de Cambaia, tomou-lhes a fazenda, poz-lhes fogo, cortou as mãos aos Mouros, e os mandou a terra de presente ao Rei tyranno.

Era vulg.

O Governador D. Henrique naõ podendo ainda deixar Goa, ordenou a Lopo Vaz de Sampayo, e a Affonso Mexia, que expedissem as náos do Reino; e pelo que pertencia a D. Duarte, e a seu irmaõ D. Luís, se obser-

vasse

Era vulg. vasse quanto o Viso-Rei tinha disposto, menos o que respeitava ás náos da viagem, que elles poderiaõ eleger ao seu arbitrio. Ambos estes Fidalgos foraõ infelices. D. Luís já quasi nas cóstas de Portugal, vindo a náo com huma agua aberta, o assaltou hum cossario Francez, que o roubou, e deo fogo á nao, aonde todos se queimáraõ vivos para se naõ saber o seu insulto, que muito tempo esteve occulto. D. Duarte contra os protestos dos Pilotos, quiz ir desembarcar a Cesimbra com a sua fazenda, e despedida a náo, que vinha riquissima, para entrar em Lisboa, hum temporal furioso deo com ella á cósta, aonde tudo se perdeo. El-Rei informado desta desgraça, e do desembarque de D. Duarte, o mandou vir á sua presença, deo-lhe a maõ a beijar, e della foi levado a prisões differentes, que povoou alguns annos: fins das glórias do mundo, que ordinariamente se tragaõ como as doçuras do mel na ponta da lança de Jonathas.

# LIVRO XLIV.

## *Da Historia Moderna de Portugal.*

## CAPITULO I.

### *Successos da India no tempo do Governador D. Henrique de Menezes.*

DOM Henrique de Menezes era hum Fidalgo de qualidades taõ excellentes, que elle deixaria na India completas as vastas idéas, que tinha concebido o Viso-Rei Conde da Vidigueira, se a morte, que rompe as medidas humanas, naõ as atalhára. Como a primeira daquellas idéas tinha por objecto, naõ só a guerra de Calecut; mas a de toda a cósta do Malabar para abater a ousadia audaciosa dos piratas, que com grossas forças estragavaõ o nosso commercio; logo que elle tomou posse do governo, cuidou em aprestar a Armada para a execuçaõ

Era vulg. 1525

prom-

Era vulg. prompta defte defignio. Nelle fe occupava o Governador, quando chegou a Goa com feis embarcações o Mouro Cide Ale, bem conhecido dos Portuguezes, e mandado de Dio por Meliqueaz com cartas, e prefentes para o Viſo-Rei D. Vaſco da Gama. O fim defta deputaçaõ era defculpar-fe aquelle Chéfe dos infultos comettidos contra os Portuguezes em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira: damnos, que elle promettia fatisfazer, como preliminares para a renovaçaõ da paz, que mandava propôr.

O Governador recebeo as cartas; e diffe ao Emiffario: Que como Meliqueaz eftava de taõ bom animo, elle lhe daria refpofta confórme ás fuas intenções; que o prefente, como naõ vinha para elle, o tornaffe a levar; muito menos o acceitaria, fendo parte delle compofto de armas, que os Portuguezes naõ coftumavaõ receber das mãos dos Mouros, fenaõ quando lhas arrancavaõ dellas nos combates. Cide Ale, ainda que defgoftado defta refpofta, acompanhou até Baticala

ao Governador, que sahio de Goa com a consideravel Armada de treze náos, varias galéz, muitas fustas, e catures guarnecidos de gente desejosa da guerra, ambiciosa da honra. Aqui soube elle que os paráos dos rios do Malabar depois da mórte do Viso-Rei tinhaõ sahido para as suas respectivas viagens; que o grande número dos outros, que os guardavaõ, haviaõ sido taõ confiados, que viéraõ dar de si huma vista arrogante á nossa Fortaleza de Cochim; e que Meliqueaz, pedindo pazes, tinha promptos alguns navios carregados de madeira, que determinava mandar a Juda para a fabrica da Armada, que os Rumes construiaõ para virem expulsar os Portuguezes da India.

Era vulg.

A ambos os projectos dos nossos contrarios ocorreo a actividade do Governador. Elle destaçou para irem tomar os navios de madeira aos Capitães Joaõ Pereira de La-Cerda, Manoel de Moura, e Manoel de Macedo; mas elles se conduzíraõ na viagem com tanta lentidaõ, que quando chegáraõ a

Dio,

Era vulg. Dio, já os navios tinhaõ partido para o Estreito. Porque os paráos do Malabar lhe naõ escapassem, mandou diante os catures ao longo da cósta para os espiarem; elle com as embarcações ligeiras foi navegando cosido com a terra, e ordenou ás náos fossem sempre na volta do mar. Estas foraõ as primeiras, que avistáraõ a Fróta inimiga de mais de 40 paráos bem armados, e guarnecidos, que vinhaõ no bórdo da terra, e tambem se coseraõ com ella vendo a Armada do mar, naõ descobrindo a do Governador, que estava occulta junto ao Ilheo de Baticala. As nossas fustas, e galeotas ao signal, que se lhes fez das náos, advertíraõ na visinhança dos inimigos; dobráraõ o Ilheo, e a toda a voga vieraõ ganharlhes o barlavento por terra. Ellas o conseguíraõ felizmente, ficando os inimigos por ambos os bórdos de mar, e terra mettidos entre os nossos fogos, de que foraõ bem servidos.

O seu Chéfe, que era irmaõ de Mamale, Regedor de Cananor, animado com as vantagens, que tinha ganha-

nhado sobre nós, naõ perdeo o animo, antes se avançou intrépido a forçar as nossas embarcações ligeiras. Ellas sustentáraõ a peleija com tal vigor, que foraõ levando os paráos até ao Ilheo, aonde rendêraõ doze desamparados da gente, que se salvou a nado. Este bom principio augmentou de sórte a nossa coragem, que dobrando o fogo, e o vigor, as nossas fustas á vista do seu Chéfe ganháraõ a gloriosa victoria, em que os inimigos perdêraõ trinta e oito paráos, dezoito rendidos, e vinte despedaçados nas rochas. O seu General com o favor da noite quiz fugir para Cananor; mas chegando ao monte de Dely, e vendo huma fusta nossa, que fora fazer agoada, naõ lhe descobrindo a pouca gente, que dormia, a entrou sem resistencia. Ao ruido despertáraõ os Portuguezes: defendendo-se; aos primeiros impulsos arrojáraõ o General por huma escotilha ao fundo do poraõ; lançáraõ os Mouros fóra, abordáraõ, e rendêraõ ao seu paráo, que trouxeraõ a Cananor, aonde acháraõ no poraõ da fusta escondido ao irmaõ de

Era vulg.

Era vulg. de Mamale, que dava pelo seu resgate 20000 pardaos ao Governador da Fortaleza D. Simaõ de Menezes, e elle generoso naõ quiz acceitar sem ordem do Governador da India.

Ainda que o Rei de Baticala era nosso amigo, esta victoria o sobmetteo tanto, que a nada teve resistencia de quanto o Governador pretendeo delle. Bem provída a Armada de mantimentos em pena de consentir, que os inimigos os levassem a Calecut; elle veio a Cananor, aonde mandou cortar as mãos, e enforcar nas ameias da Fortaleza ao General captivo; desprezando magnanimo as grandes promessas, que Mamale, e o Rei de Cananor lhe mandáraõ fazer pelo seu resgate, e acompanhando a execuçaõ da resposta, de que era Governador da India com os olhos abertos para a justiça, com o coraçaõ fechado aos interesses. Depois proveo a Fortaleza em Heitor da Silveira; nomeou a D. Simaõ de Menezes para Capitaõ-Mór do mar da India em lugar de D. Estevaõ da Gama, que voltára para o Reino, e elle o fez

com

com a Armada para Cochim, resoluto a continuar a guerra pela cósta do Malabar. Era vulg.

Naõ tardou muito a proposta, que Heitor da Silveira lhe mandou fazer da necessidade, que havia de se queimar a povoaçaõ de Marabia, que sendo do Rei de Cananor, este sentia consideralla o refugio dos piratas de Calecut. Condescendeo o Governador com a proposta, e lhe mandou huma galeota com dez fustas para o ajudarem na empreza. Heitor da Silveira foi a ella em pessoa como varaõ magnanimo, que naõ queria deixar passar na India occasiaõ de assignalar o seu valor. Á vista de Marabia entendeo elle que bastava fiar a expediçaõ á corage de seu parente Joaõ Fernandes da Silveira na tésta de 140 homens; mas attento ao combate, e ao grande número de inimigos, que de muitas partes vinhaõ a darlhe calor, julgando-o entaõ digno da sua presença, saltou em terra com o resto da gente, e á maneira de turbilhaõ rápido, que no ar enrola o pó, elle foi dobrando os esquadrões contrarios,

Era vulg. rios, parte desfeitos, muitos fugindo, todos derrotados. Seguio-ſe o incendio da povoaçaõ, de todas as embarcações; e a prizaõ das mulheres, e mininos, que entregou ao Rei de Cananor por ſerem ſeus vaſſallos.

Se eſte eſtrago tocou com ſenſibilidade ao Çamorim para deſejar a paz, as inſtancias dos Mouros foraõ tantas, e taõ perſuaſivas, que lhe irritáraõ o animo para naõ pretender menos deſpique, que a conquiſta da noſſa Fortaleza de Calecut. D. Joaõ de Lima, que a governava, foi logo aviſado, como da Serra, aonde o Rei tinha entaõ a ſua Corte, baixavaõ 15$000 Nayres ás ordens de tres Chéfes, que ſe haviaõ unir ao Catual, que eſtava reforçado com 40$000 Mouros. D. Joaõ ſe diſpoz para receber eſtes hoſpedes, naõ dentro dos muros; mas além das obras exteriores, ſó com a companhia de 40 homens, em que entravaõ D. Miguel de Caſtro, Leonel, e Fernando de Lima com outros bravos aventureiros coſtumados a deſprezar perigos. Eſtes ſe avançáraõ aos Mouros, que ou atoni-

tos

tos da audacia, ou temerosos de que fosse vá-guarda de maior número de trópas, paráraõ circunspectos. De tal sórte os carregou D. Joaõ, que elles tiveraõ de defender-se, quando D. Vasco de Lima, Artur de Mello, Joaõ Rodrigues Pereira, Antonio de Sá, Mem de Lima, e Ruy Dias da Silveira com outros 40 homens os atacavaõ por hum dos flancos.

Era vulg.

Entaõ a refrega pareceo batalha; mas succedendo atravessar Mem de Lima com huma lança a hum dos tres Generaes inimigos, que logo cahio morto, os Mouros corrêraõ de tropel a vingallo; e os Portuguezes opprimidos da multidaõ, sem a menor perda, e em boa ordem, se retiráraõ para a Fortaleza, aonde apparecêraõ coroando os muros. Como os Barbaros vinhaõ apinhados, e furiosos, elles se mettèraõ sem accordo debaixo do nosso fógo, que entrou a varejallos com a artilharia carregada a cartuxo, com toda a fuzilaria sem perder balla; ficando mais de mil despedaçados. Tanto se apertáraõ os espiritos do Camorim com este

se-

Era vulg. segundo revéz da fortuna, que immediatamente mandou hum Embaixador a Cochim para pedir a paz ao Governador. Este lhe respondeo: Que seu amo fora quem declarára a guerra sem razaõ na fórma do seu costume, e por isso naõ devia sentir a pena da injustiça: que elle mandaria ao Commandante da Fortaleza as instrucções necessarias para o ajuste, se o Çamorim quizesse estar por ellas. Ouvido D. Joaõ de Lima, que estava menos soberbo com a sua victoria, que bem instruido nos inconvenientes de se fazer entaõ a paz, respondeo ao Çamorim que á vista de huma rotura de guerra taõ injusta, os Portuguezes naõ metteriaõ as espadas na bainha sem as condições seguintes.

Que no seu Reino naõ se haviaõ fabricar paráos, e elle entregaria quantos estivessem nos seus portos: Que logo poria nas nossas mãos a Patecamar, rebelde de Cochim, que se refugiára nos seus Estados para nos fazer a guerra, e com elle todos os Portuguezes, que tinha prisioneiros, com os seus es-

cra-

cravós: Que havia pagar toda a fazenda, que os Mouros nos tinhaõ roubado depois da declaraçaõ de guerra, e entregar-nos toda a artilharia grossa, que tivesse. O Çamorim, ainda que dissimulou, naõ pode soffrer a arrogancia destas propostas, que resolveo castigar com outro sitio da Fortaleza na entrada do Inverno, que lhe impossibilitaria os soccorros. Porém o Governador primeiro se approveitou do Veraõ, sahindo de Cochim com a grossa Armada de oito náos, 40 fustas, oito galés, galeotas, e alguns bergantins para derramar o terror no rio, e Cidade de Panane, escala principal do commercio de Calecut.

Era vulg.

O seu Governador enviou logo recado á Armada, insinuando a ordem, que tinha do Çamorim para lhe entregar treze paráos, que estavaõ naquelle porto; que lhe desse tempo para o avisar da sua chegada, e receber nova ordem para fazer a entrega. A fórma do recado descobria o artificio para entreter; mas o Governador, que com o pretexto de fazer agua, queria obser-

Era vulg. to, que a forçou degollando muitos Barbaros. Os que escapáraõ se foraõ incorporar com os seus camaradas, que ainda disputavaõ a D. Simaõ a victoria. Tanto era o seu número, que a cada passo lhe punhaõ tropeços; mas seguindo-os o Governador, e passando a estrago a que era peleija, elles se foraõ retirando até ganharem as boccas das ruas da Cidade, aonde se fizeraõ fortes. Entaõ se mandáraõ formar em pelotões os espingardeiros de ambos os corpos, que pelas mesmas ruas os foraõ perseguindo com grande mortandade, e os mettêraõ em hum denso palmar, aonde o Governador mandou tocar a retirada. Depois de saqueada a infeliz Panane, que nos forneceo hum riquissimo despojo, foi queimada até os fundamentos; abrazados os navios, que estávaõ no porto; deitados a terra os seus frondosos palmares; Panane hum espectaculo da miseria, sem mais perda nossa, que a de oito homens mórtos.

O Governador D. Henrique vendo-se taõ favorecido da fortuna, naõ quiz perder occasiaõ de se fazer glorioso, re-

pu-

putadas as armas, ao ſeu Rei reſpeita- Era vulg.
do. Elle ſe fez logo na volta de Calecut para ſe empenhar em acçőes novas, que ſe reſolveo a conferir com D. Joaő de Lima, mandando-o vir da Fortaleza ao mar. Na conferencia foraő mutuos os arbitrios. D. Joaő propoz ao Governador, quanto lhe ſeria vantajoſo render o porto de Coulete, aonde eſteve a força principal de Calecut, quando D. Vaſco da Gama chegou a elle na primeira viagem da India, e aonde entaő eſtavaő 50 paráos, que vieraő de Cambaya com cargas importantes. O Governador inſinuou a D. Joaő o grande crédito, que elle adquiriria, ſe por alguma indúſtria, e por acçaő, que pareceſſe ſua, como ſe elle naő lha inſinuára, fizeſſe pôr o fogo á Cidade viſinha da Fortaleza, que nos arrabaldes tinha muitas caſas de madeira, e feno, aonde ſería facil atear-ſe o incendio. Ouvidos os arbitrios, D. Joaő prometteo executar hum, o Governador partio á execuçaő do outro, ambos com feliz ſucceſſo.

Reparou D. Joaő no deſembaraço

En vulg.] de hum Malabar de Calecut, bom christaõ, que vivia na nossa Fortaleza, e se chamava Duarte Fernandes. Elle lhe descobrio o projecto de queimar a Cidade por alguma das suas invectivas, dando-lhe logo 200 pardaos para soccorrer as necessidades da sua familia, e esperanças de maior ganancia. Huma noite bem disfarçado em Jogue, ou Santaõ do paiz, com huma pouca de polvora, e pontas de murraõ escondidas, sahio da Fortaleza o astuto Duarte, e como solitario vindo do hermo, andou alguns dias pela Cidade roubando esmólas, attrahindo venerações, inculcando penitencias, dormindo aonde lhe anoitecia. Em huma das noites escura, e ventosa, envolveo em trapos varias porções de polvora; quando todos dormiaõ lhes accendeo os murrões; foi-as lançando pelos tectos das casas, e veio marchando para a Fortaleza. Pegou o fogo no feno; com o vento laborou o incendio, communicou-se á Cidade, morrêraõ abrazadas muitas pessoas, a Fortaleza augmentou o horror com hum chuveiro de ballas, e o fingi-

gido Jogue entrou nella levado em braços pelo Capitaõ, que dalli em diante lhe deo a sua propria meza, conseguio de D. Henrique huma pensaõ annual de cem pardaos, e lhe ordenou que se chamasse Duarte Fernandes de Lima em merecido premio de reduzir Calecut a cinzas.

Era vulg.

## CAPITULO II.

*Da expediçaõ do Governador D. Henrique sobre Coulete, e outros successos do seu tempo.*

QUANDO D. Joaõ de Lima fazia arder Calecut, D. Henrique de Menezes abrazava Coulete. Na entrada do seu porto, aonde se receava a sua vinda, notou elle grande número de paráos, e embarcações, promptos a defender-se, amarrados huns aos outros, com os mastos abatidos, as poppas ao mar, as prôas em terra; eminente a elles huma alta ribanceira bem entrincheirada com grossas traves, cortaduras, fachinas, e numerosa artilha-

Era vulg. lharia ; a gente em quantidade , bem armada , e expedita para o combate. Este theatro horrivel no mar , e na terra , capaz de atemorisar os espiritos intrépidos , servio de desafiar a corage dos Portuguezes. Na terra , e no mar dispoz o Governador , que fossem os inimigos atacallos ao mesmo tempo : elle com 600 homens tomou á sua conta investir os paráos encadeados : a D. Simaõ de Menezes , e a Pedro Mascarenhas com 300 homens cada hum encarregou a avançada da ribanceira pelos seus flancos. Ao romper da manhã se fez o desembarque , D. Simaõ no lado direito , Pedro Mascarenhas no esquerdo , o Governador no centro ; e como na fórma desta divisaõ o ataque foraõ tres choques , eu vou assim a referillos.

Com constancia inalteravel soffreo o Esquadraõ do Governador o fogo dos paráos , e passada a primeira rociada , em que perdeo alguns homens , quatro intrépidos os abordáraõ , e á força de golpes espantosos abríraõ lugar para entrarem vinte camaradas. Es-

tes

tes sustentáraõ largo tempo todo o pe- Era vulg.
zo do mais desigual combate, até se-
rèm soccorridos por mais duzentos,
animados por Gomes Freire, Nuno
Fernandes Freire, Antonio de Azeve-
do, e o bravo Joaõ Pousado, que en-
trára primeiro, e déra principio á ac-
çaõ. Tantos foraõ os exemplos destes
poucos homens, que communicando-
se os espiritos do valor, obravaõ proe-
zas incriveis com tanto terror dos Bar-
baros, que de tropel se lançavaõ ao
mar. O Governador vendo a vantagem
da sua trópa, fez vogar para terra, e
descarregar a artilharia sobre os mui-
tos Mouros, que desciaõ das trinchei-
ras a soccorrer os paráos, fazendo nel-
les consideravel estrago. Como desta
parte a victoria estava conseguida, o
Governador ficou desembaraçado pa-
ra occorrer, aonde a necessidade o pe-
disse.

D. Simaõ de Menezes encontrou
muita difficuldade no desembarque, as-
sim pela opposiçaõ dos Mouros, que
descêraõ áquella parte, como pelos
golpes do mar, que batia com gran-
de

Era volg. de força. Mas arrojando-se a ambos os perigos impavidos Gomes Martins de Lemos seguido de Ayres da Silva, de Fernaõ Gomes de Lemos, de Jeronymo de Sousa, estes quatro homens resolutos foraõ desviando os Mouros, fazendo lugar aos companheiros, e dando tempo a D. Simaõ para em terra se formar em batalha. O Governador via do seu posto esta arriscada manobra; mandou remar para aquella parte, pojou em terra, e carregando os Mouros, elle, e D. Simaõ os mettêraõ ás cutiladas nas trincheiras. Aqui fizéraõ elles huma gentil defensa; mas chegando os nossos marinheiros, que lhes arrojáraõ quantidade de lanças de fogo, e panellas de polvora, que abrazavaõ os Barbaros, elles entráraõ em desordem.

Pedro Mascarenhas no lado esquerdo encontrou maior perigo para o desembarque na opposiçaõ, e no mar. Os soldados sahiaõ a terra aos mergulhos; alguns se affogáraõ; os inimigos nos matáraõ onze, feríraõ alguns; mas Jorge Cabral atropellando valente tantas

tas difficuldades, fez caminho a cincoenta camaradas, que sustentáraõ todo o pezo do choque, em quanto desembarcou o resto da gente. Entaõ Pedro Mascarenhas com os seus valerosos Capitães, reparando nos paráos já rendidos, no Governador, em D. Simaõ, que montavaõ a trincheira; elle carregou os Barbaros com tanta fúria, que os levou pela ribanceira a cima, até os metter na trincheira daquelle lado. Neste avance das trincheiras já os nossos Esquadrões mutuamente se soccorriaõ, e davaõ as mãos, todos em competencia de qual as havia montar primeiro. Conseguio esta felicidade Artur Ferreira, logo Antonio de Lemos, e outros bravos homens, que desfizéraõ parte das fachinas, por onde os nossos foraõ entrando, e levando os Mouros igualmente cortados do temor, e do ferro.

Era vulg.

Declarada a victoria, os nossos seguíraõ os fugitivos, que degollavaõ sem piedade, mas taõ desmandados, e furiosos, que naõ ouvíraõ o toque da retirada. O Governador na mesma trinchei-

Era vulg. cheira armou Cavalleiros muitos Officiaes, que se distinguíraõ na acçaõ: achåraõ-se nella cem canhões de ferro: conduzíraõ-se para a Armada 38 paráos novos: outros muitos, e grande número de embarcações foraõ pasto do fogo: em fim, com glória estimavel rendemos Coulete, que nos custou o preço de trinta mórtos, e mais de 200 feridos, que foraõ mandados curar a Cananor. D. Henrique triunfante se fez á véla para Cochim, deixando naquelles mares a D. Simaõ com algumas galés, e 30 fustas para continuar a guerra de Calecut.

Cumprio este Fidalgo os seus deveres com o costumado valor. Sabendo que no rio de Barcelor estavaõ vinte paráos, dos que vieraõ de Cambaia, refugiados com medo da Armada, entrou no porto, e lhes poz o fogo: o mesmo fez á povoaçaõ, e aos navios, que estavaõ nella. Daqui marchou para Baticala, e tomou no caminho muitas prezas carregadas de mantimentos, com que forneceo a sua Fróta. Pelos mais rios daquella cósta andou o furor

der-

derramado, naõ havendo lugar seguro para as embarcações perseguidas dos contrarios. Mas no de Marabia a temeridade de Domingos Fernandes o Rume, que mandava hum brigantim, e pelo rio a cima foi só perseguindo muitos paráos, D. Simaõ mandando-o soccorrer em hum esquife por Gomes Martins de Lémos: nos foi causa este homem de huma perda bem sensivel. Varou em hum baixo o esquife, quando a maré descia, e servido de muito fogo por ambas as margens do rio, foraõ mortos os oito Portuguezes, todos os remeiros, entrando no seu número tres Fidalgos taõ cheios de valor, e carregados de serviços, como eraõ Gomes Martins de Lémos, D. Fernando de Lima, e Artur de Castro. Quando voltou o temerario Rume achou nús, e espoliados os illustres cadaveres, que D. Simaõ com lágrimas commuas levou a sepultar em Cananor, aonde a pompa funebre correspondeo á grandeza da alma de Heitor da Silveira, que a mandou fazer.

Era vulg.

Vantajosa corria na India este anno,

Era vulg. no, que em Portugal entrára feliz pela celebraçaõ do casamento do Rei com a Rainha D. Catharina, que no fim do passado chegára á nossa fronteira, e pelo ajuste do da Infante D. Isabel, que occupou o maior throno do Mundo, como Esposa do Imperador Carlos V. Admittidas as práticas para este consorcio augusto, vieraõ a Portugal com o caracter de Embaixadores o mesmo Carlos Popeto de La-Chaulx, em que já fallamos, e D. Joaõ de Zuniga da Ordem de Sant-Iago, que tiveraõ as suas conferencias com D. Antonio de Noronha, Escrivaõ da Puridade, e com Pedro Correa, Senhor de Bellas, nomeados por El-Rei. Assentáraõ estes quatro Ministros, que o Imperador pagaria a dispensa, El-Rei o transpórte da Imperatriz a Castella, para nestas condições se igualar El-Rei no ajuste de sua irmã com o Imperador, que assim o fizera no da sua. No dote porém houve desigualdade; porque o Imperador recebeo hum milhaõ, e El-Rei 200⊕000 dóbras. O Cesar arbitrou de arrhas á futura Esposa a terça parte do dote, e

450⊕000

45000 ducados por anno. Como na impetra para a dispensa naõ se especificáraõ todos os parentescos, foi necessario pedir supplemento a Roma, e naõ passou a Imperatriz para Castella, senaõ em Janeiro do anno seguinte, como diremos.

Era vulg.

O assumpto das conversações da India por este tempo era sobre o grande sitio, que se esperava pozesse o Çamorim á nossa Fortaleza de Calecut na entrada do Inverno. Quando D. Simaõ de Menezes chegou a ella na volta de Marabia, andava esta voz taõ válida, que elle teve de soccorrer a D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, com a maior parte dos viveres, munições, alguma artilharia, e 120 homens dos que levava na Armada. Com a publicidade das mesmas vozes em Cochim, o Governador mandou prover a Fortaleza de polvora, e balla; e para companheiros dos trabalhos, que D. Joaõ esperava, vieraõ seu irmaõ D. Christovaõ de Lima, seu primo Leonel de Lima, outros doze Fidalgos seus parentes, e amigos, que na Aula de hum Professor taõ

ju-

Era vulg. jubilado na milicia da India, vinhaõ a fazer oſtentações públicas do ſeu valor. Mas em quanto naõ nos deſperta o eſtrondo das armas de Calecut, ouçamos o de Malaca, e das Molucas.

Com a partida de D. Garcia Henriques para eſtas Ilhas a render o Capitaõ Antonio de Brito, entendeo o noſſo implacavel inimigo o Rei de Bintaõ, que o poder de Manoel de Souſa, Capitaõ-Mór do mar de Malaca, e ainda o de Jorge de Albuquerque na Fortaleza, ficariaõ taõ enfraquecidos, que as ſuas armas poderiaõ conſeguir alguma vantagem. Com eſte deſignio appareceo de repente em Malaca o arrojado Laque Xemena com 30 fuſtas cheias de bravos Bintamezes, que pojou em terra, quando a gente no Templo aſſiſtia á Miſſa. Elle entrou a povoaçaõ dos Quelins matando, e ferindo ſem reſiſtencia. Ao eſtrondo do rebate ſahíraõ da Igreja Jorge de Albuquerque, e Manoel de Souſa, que mandáraõ hum reforço de 80 homens acudir aos Quelins, que animados com o ſoccorro fizeraõ volta face, e obrigáraõ o Laque

a embarcar-se. O mesmo executou Manoel de Sousa com 70 soldados em tres fustas, e foi seguindo com temeridade ao mar alto o General astuto, que se fingia fugindo. Manoel de Mattos, e Manoel Falcaõ, Officiaes práticos na guerra, gritáraõ a Manoel de Sousa advertisse que a retirada do Laque era indústria; que naõ se engolfasse tanto, porque havia virar sobre elle, e que todos se perderiaõ.

Era vulg.

Desprezou Manoel de Sousa o conselho saudavel: seguio os impulsos da temeridade, e a pagou com a perda da vida, acompanhando-o na desgraça 50 camaradas. Nenhum delles escaparia da mórte rodeados de 30 embarcações inimigas, se huma balla perdida naõ derrubasse o masto da fusta do Laque, que dando-lhe na cabeça, o deixou como morto. Acudíraõ todos os Mouros ao perigo do seu Chéfe, e nesta revolta foi tal a corage do Capitaõ Manoel Falcaõ, unico Official, que ficára vivo, e dos vinte Portuguezes, que escapáraõ de mórtos, que deo cabo ás duas fustas, e pela popa da sua as trous-

Era vulg. se de reboque a Malaca carregadas de cadaveres. Laque Xemena, restituidos os sentidos, veio no dia seguinte com a Frota embandeirada, dando salvas, e tocando trombetas, celebrar-lhe exequias plausiveis á vista da opprimida Malaca.

Nas Molucas naõ cessava Antonio de Brito de fazer a guerra ao Rei de Tidore com successos varios. O mesmo fazia Martim Affonso de Mello Zuzarte em Banda, quando o seu destino era vir a Malaca, como Antonio de Brito lhe ordenára. Este Chéfe, quando se sentio enfermo, pedio successor a D. Duarte de Menezes, que estava naquella Cidade. Elle nomeou a D. Sancho Henriques; mas sendo este morto no porto de Paõ, como fica dito: Jorge de Albuquerque mandou agora ás Molucas com o mesmo emprego a D. Garcia Henriques, que se encontrou com o Zuzarte em Banda. Elle lhe pedio o soccorresse para se vingar dos moradores da terra, que o haviaõ tratado mal, deixando hum exemplo em Lotir, Capital daquellas Ilhas, para saberem os

Ilheos,

Ilheos, que os Portuguezes eraõ incapazes de soffrer attrevimentos. Ambos os Cabos saltáraõ em Lotir com cem homens; mas como elles na guerra buscavaõ a vingança, naõ os ajudou o movel da Fortuna, e tiveraõ de se embarcar diminuidos. O Zuzarte continuou a viagem de Malaca para vender o seu cravo, e D. Garcia a das Molucas para as governar.

Era vulg.

Este Fidalgo chegou a tempo, que Antonio de Brito saõ, e robusto, mandava atacar huma povoaçaõ do Rei de Tidore, e naõ o achou disposto para lhe fazer entrega da Fortaleza com a promptidaõ, que elle queria. D. Garcia determinava embarcar-se, e retroceder; mas o Brito, que era prudente, o entreteve, e lhe rogou quizesse ficar com elle no seu mesmo aposento como bom amigo, até que se acabasse hum Junco, que mandára fazer para a sua viagem, e que entaõ lhe entregaria a Fortaleza. Acceitou D. Garcia esta offerta, que evitou as desordens, em que se podiaõ interessar dous partidos. E porque para o futuro temos

Era vulg. de vêr huma conteſtaçaõ pezada entre Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo ſobre o governo da India; conteſtaçaõ, em que fez a primeira figura o Védor da Fazenda Affonſo Mexia; devemos ſaber, que eſtando agora a partir o primeiro daquelles Fidalgos para o governo de Malaca, em que viera provido do Reino, ſobre deſpejar, ou naõ deſpejar hum paiol de popa da náo, que Pedro Maſcarenhas queria para recolher os mantimentos, e o Védor para levar fazenda d'El-Rei; elles diſputáraõ a queſtaõ, ambos taõ azedos, que perturbados os humores, revolvêraõ a harmonia dos negocios de Eſtado. Mas chega o Inverno, e os de Calecut deſafiaõ a noſſa attençaõ.

## CAPITULO III.

*O Çamorim de Calecut põe sitio á nossa Fortaleza, que D. Joaõ de Lima defende com corage generosa.*

SE D. Joaõ de Lima naõ fora taõ grande pelos memoraveis feitos, que em tantos annos obrou na India, especialmente na tomada de Goa, como nós temos visto nesta Historia, que tantas vezes se ennobrece com a repetiçaõ do seu illustre nome: bastavaõ os que elle executou na defensa da Fortaleza de Calecut, que eu passo a referir, para ser digno entre nós de immortal memoria. A soberba dos Çamorins de Calecut, que do tempo da entrada dos Portuguezes na India sempre foi rival arrogante da sua felicidade, agora estimulada, menos das perdas, que da quebra da reputaçaõ das armas, determinou tomar de tudo vingança, e desafogar a cólera nas paredes fracas de huma Fortaleza, que o seu espirito abatido pelas nossas victorias nos havia an-

Era vulg.

Era vulg. antes offerecido nas ſuas terras. Corria o mez de Junho do anno que tratamos, quando as ſuas trópas em grande número vieraõ poſtar-ſe em torno da Fortaleza, reſolutas, ou a ſepultar-ſe nos ſeus foſſos, ou a arrancar nella o padraõ injurioſo á independencia dos Monarcas de Calecut.

D. Joaõ de Lima obſervando na entrada do Inverno, que o impoſſibilitava a ſer ſoccorrido, a longa duraçaõ da tempeſtade, que o ameaçava; elle ſe preparou para ſe conduzir de modo, que todo o furor ſe desfizeſſe no rochedo da ſua conſtancia; que tendo elle de ſer dalli em diante o objecto de tantos Expectadores amigos, e contrarios, a eſtes ſerviſſe de eſcandalo, aos outros de exemplo. Occupado de idéas ſublimes, que naſciaõ do eſpirito magnanimo, rodeado de circunſpecções, que traziaõ a origem da ſciencia militar adquirida em tantos annos de ſerviço; elle diſpoz o animo para a tolerancia do trabalho; elle regulou os expedientes para naõ desfalecer a defenſa. A ſua primeira acçaõ foi arrecadar com vigilancia

cia os mantimentos, e munições para se gastarem sem desperdicio: reparar as obras interiores, e exteriores da praça, que necessitavaõ fortalecidas: pôr em bom estado a artilharia com o numero de gente habil para ser bem servida: nomear os Officiaes, e soldados, que haviaõ defender cada hum dos baluartes; reservando duas patrulhas, huma para o acompanhar, quando acudisse aos lugares, em que houvesse maior aperto; outra para D. Vasco de Lima fazer sahidas ao campo, e o inquietar com rebates repetidos.

Era vulg.

Este Fidalgo na testa de trinta homens, que elle medio pela estatura do seu valor, sahindo todos os dias a observar as manobras do inimigo, foi o primeiro, que ensanguentou a guerra; atacando-o com tanto vigor, que os magotes dispersos eraõ levados a golpes até os metter na Cidade, ou no grosso do acampamento. Como estas invasões furtivas de D. Vasco incommodavaõ aos Barbaros, hum Italiano renegado, que servira aos Turcos na tomada de Rhodes, e agora gover-

Ett vulg. vernava os ataques por ser Engenheiro de profissaõ, reparando que D. Vasco tinha segura a retirada por baixo do fogo da Praça, que varejava a Cidade; mandou levantar de huma ponta do mar até a outra, linhas de circumvallaçaõ taõ altas, e taõ grossas, que a Cidade, e o campo naõ só ficavaõ cobertos aos tiros da nossa artilharia; mas a Praça inhabilitada para receber soccorros por aquella parte: inconveniente, a que occorreo a vigilancia de *D.* Joaõ, mandando fazer huma trincheira de pipas cheias de areia da pórta da trahiçaõ até ao mar, que os inimigos naõ podéraõ impedir, e sustentou aquelle lugar destinado para os desembarques, que depois se fizéraõ nelle com valor, e fortuna.

Ainda que o déstro Italiano se naõ descuidou de levantar todos os reparos para cobrir as suas batarias, e a muita gente, que trabalhava nellas; a nossa artilharia laborava com effeitos maravilhosos no estrago das vidas, e das obras. O renegado Portuguez Sebastiaõ de Sousa, de que já fallamos, que

que servia em Calecut, e que sempre Era vulg.
se mostrou grato aos favores, que de-
via a D. Joaõ de Lima; para o infor-
mar dos designios do Italiano, fez lu-
gar na sua boa graça, acompanhava-o
sempre, e elle como a seu imitador
abominavel na apostasia, todos os in-
tentos lhe communicava. D. Joaõ pa-
ra se aproveitar das boas vontades do
renegado, persuadio ao Malabar Duar-
te Fernandes de Lima, o incendiario
de Calecut, que segunda vez se fizes-
se Jogue; passasse ao campo contrario;
conferisse com o renegado, e de noi-
te viesse pelo lado do mar á Fortale-
za, aonde acharia hum fio para atar as
cartas: industria, que nos servio de
grande proveito todo o tempo, que
durou o sitio.

Por esta via soubemos que hum
grande reparo, em que trabalhavaõ os
Mouros, era para se plantar hum for-
midavel trabuco, que o Italiano tinha
fundido na Cidade de muitas peças de
artilharia, e havia lançar bollas de pe-
dra de vinte quintaes de pezo. Naõ
pode deixar o Governador de assustar-
se

Era vulg. se com esta invençaõ, que arrazaria todo o interior da Praça, e dando parte della só aos Fidalgos, assentáraõ em fazer huma sahida para arruinar o reparo. Elles a executáraõ no quarto d'alva com tanta felicidade, que demolíraõ a obra, e degolláraõ quantidade de inimigos. Como estes eraõ muitos, facilmente renováraõ os aproches, que os nossos em outras duas sahidas naõ podéraõ impedir pela grande vigilancia, com que os acháraõ guardados. Montou-se o trabuco; póz-se prompta para laborar a numerosa artilharia; mas o Italiano jactancioso protestou ao Rei, que naõ desparava tiro, em quanto elle em pessoa naõ viesse vêr, como elle em huma hora arrazava a Fortaleza, e abatia a arrogancia dos soberbos Portuguezes seus inexoraveis inimigos.

Da vinda do Rei, e do ataque, que estava preparado, teve D. Joaõ aviso pelo disfarçado Jogue, e se prevenio para huma resistencia, que fizesse mentirosas as promessas do apostata. Amanheceo o dia destinado para

o formidavel avance, e D. João para mostrar, ou que celebrava a vinda do Rei ao campo, ou que festejava a guerra, mandou embandeirar a Fortaleza, e que a guarniçaõ de galla coroasse o muro. As oito horas do dia se deo o signal para dispararem as batarias com hum alarido barbaro, a que se seguio o fogo horroroso de cem canhões, que por espaço de mais de huma hora tiveraõ extacticos sem acçaõ os sentidos de vêr, e ouvir. Calláraõ-se as boccas de bronze, dissipou-se o fumo, vio o Rei a Fortaleza em pé como d'antes, e sahirem entaõ della chuveiros de ballas de 40 canhões, que pelo seu campo foraõ fazendo em pedaços a artilharia, os reparos, as trincheiras, grande número de homens, naõ havendo nós perdido mais de tres. Tornado o Rei da cólera á vista da nossa pouca ruina nos muros, e do seu grande estrago no campo, reprehendeo os que o enganáraõ; mas o Italiano mudou de estylo, e lhe disse que elle hia a trabalhar em huma mina, que abriria nos muros, para o assalto,

Era vulg.

Era vulg. a entrada, que naõ rompêraõ as ballas. Os Portuguezes com felicidade a contraminárаõ, abrazáraõ as mantas, fizeraõ retirar os picadores depois de muitos mórtos, e naõ teve o Italiano por entaõ outro expediente, que o de apellar para as obras do decantado trabuco.

Poz-se fogo a este monstro de bronze, e visto, e ouvido no ar o zunido da mole de pedra, que elle despedio, deixou suspensos os espiritos valentes, sem alentos os covardes. Oito destas pedras cahíraõ no primeiro dia na Fortaleza, e ainda que naõ matáraõ mais que cinco pessoas, o effeito nas ameias, nas torres, e nas paredes era taõ prompto, e taõ horrivel, que a continuarem os golpes, era inevitavel a ruina. No meio desta consternaçaõ o memoravel Fernaõ Pires, Condestavel da artilharia, invocando com fé viva o patrocinio da Senhora, correo ao alto da torre, apontou humas peças ao braço do trabuco, que se deixava vêr quando acabava de arrojar a pedra, e foi taõ evidente a protecçaõ da Sobe-

berana Auxiliatriz dos Christãos, que da primeira balla o rompeo, cahio sobre o reparo, e o desfez, ficando o trabuco todo descoberto. Entaõ o mesmo Condestavel, descendo á bataria baixa, lhe apontou o mais grosso dos canhões com tanta certeza, que deitou o trabuco a terra, e desfez os reparos em tantos hastilhaços, que matou cem homens dos muitos, que trabalhavaõ com o desmarcado trabuco.

Erá vulg.

Mudou-se a consternaçaõ em vivas de successo taõ feliz; o Condestavel foi levado nos braços dos Fidalgos, por todos bem remunerado, e o Governador com toda a gente correo ao Templo a dar graças á admiravel Authora da maravilha. Os Barbaros naõ perdêraõ com ella os espiritos animados pela presença do seu Rei, que os fez trabalhar em novas minas, redobrar o fogo, pôr a Fortaleza em estado de se lhe dar hum assalto, em quanto o Italiano trabalhava na fundiçaõ de tres trabucos novos. A fábrica das minas derrotámos nós com a repetiçaõ das sahidas, queimando as mantas, e degol-

lan-

Era vulg. lando os trabalhadores: a continuaçaõ do fogo arruinou os armazens, de que resultou corromperem as chuvas os mantimentos, e seguir-se extrema fome: da fabrica dos trabucos avisou D. Joaõ ao Governador, e que se com tempo naõ mandasse embarcações pela parte do mar a fulminarem o campo dos inimigos, que ficava descoberto, e elles entrassem a laborar, que a ruina da Praça era infallivel, a sua defensa muito difficultosa.

Além deste aviso, o Governador em Cochim, e Heitor da Silveira em Cananor sabiaõ que o Exercito de Calecut já passava de 60@000 homens; que a quantidade da sua artilharia era prodigiosa; que o Rei em pessoa dava grande vigor ao sitio; que a Fortaleza ficava no ultimo aperto da fome, inimigo mais inexoravel, que os Barbaros. Heitor da Silveira, que estava mais perto, a soccorreo com dous catures de mantimentos: o Governador despedio duas caravellas ás ordens de Christovaõ Jusarte, e de Duarte da Fonseca com a mesma carga, grossa artilharia,

e 40 homens cada huma para fazerem fogo do mar sobre os inimigos. O Jusarte com a sua companhia, sem que o seguisse o Fonseca, resolveo metter-se na Praça, que tinha falta de gente; porque para acanhoar o campo bastava a marinhagem com os artilheiros. O seu desembarque foi huma das acções mais gloriosas. Mouros innumeraveis o rodeáraõ; e sustentando hum choque incrivel, depois de matar a muitos, ainda que perdêo 15 homens, com os mais cobertos de honra, entrou na Fortaleza. Era vulg.

Os Barbaros por estes pequenos soccorros entendêraõ, que naõ tardariaõ os maiores; reforçáraõ os ataques; cresceo o fogo; já o fazia hum dos trabucos; os repelões eraõ continuos; nos defensores augmentava-se a consternaçaõ, e a miseria. No meio della hum Flamengo, e o Condestavel Diogo Pires inventáraõ huma especie de bombas, que despediaõ da bocca dos canhões com a espeleta accesa, e hiaõ rebentar nas trincheiras dos inimigos. Ellas produziraõ taõ bom effeito, que so-

Era vulg. ſobre tirarem a vida a muitos, queimáraõ o reparo do trabuco, quantidade de madeiras, e fachinas, que cobriaõ o campo. Duarte da Fonſeca, ou porque via do mar o aperto da praça, e as gentilezas, que os noſſos obravaõ, ou corrido da que obrára o ſeu camarada Chriſtovaõ Juſarte, que elle naõ acompanhou; agora quiz imitallo deſembarcando com os outros 40 homens, que para iſſo o inſtavaõ reſolutos. D. Joaõ de Lima o naõ quiz conſentir, e lhe envíou huma carta para a mandar logo da caravella do Juſarte ao Governador, pedindo-lhe gente para ir atacar aos inimigos nas trincheiras, antes que o fogo, e a fome o conſumiſſem.

Ao meſmo tempo deſcobrio o Fonſeca huma galeota, e demandando-a ſe encontrou com Franciſco de Vaſconcellos, que na fórma das ordens, que trazia, determinou que o Fonſeca foſſe a Cochim levar a carta ao Governador, e elle com a caravella do Juſarte partio para Cananor, a receber ſoccorros de Heitor da Silveira. Era

en-

entrado o mez de Agosto, quando o Fonseca chegou a Cochim, e o Governador sem perda de tempo aprompptou algumas embarcações, que foraõ a do mesmo Fonseca, a de D. Affonso de Menezes, as de Antonio da Silveira, Pedro Velho, e Gonçalo Paes. Entaõ se offereceo o generoso Francisco Pereira Pestana, que fora Governador de Goa, e sahio em huma náo com 200 homens sustentados á sua custa: generosidade, que depois lhe servio no Reino para avançar a reputaçaõ, e os despachos.

Era vulg.

Entre tanto naõ estavaõ ociosos os sitiadores, e sitiados. Aquelles trabalhavaõ de dia, e de noite na construcçaõ de novas obras, em reforçar o fogo, em arruinar a Praça, que já se via rota, pósta por terra; estes sem descanço reparavaõ as ruinas, resistiaõ á fome, aos inimigos, á natureza, á mórte, á tudo conjurado no seu destroço, elles a nada rendidos. Entre tanto aperto acudíraõ os auxilios do Ceo, e os soccorros da terra a remunerar os esforços da constancia. Quan-

Era vulg. do, a firmeza dos espiritos competia com todas as furias, que os atormentavaõ; appareceo em pessoa o bravo Heitor da Silveira, e Francisco de Vasconcellos com a maior parte dos soldados de Cananor, muitos paráos carregados de mantimentos, e tudo, por baixo do fogo dos inimigos, elle metteo na Praça, e se recolheo para a sua, que deixára encarregada ao Alcaide Mór. Francisco de Vasconcellos ficou no mar para com o seu navio fazer fogo sobre o campo: exercicio, em que o achou occupado Francisco Pereira Pestana, chegado ao porto depois de correr huma grande tormenta, que fez arribar a Cochim os outros navios da sua conserva, com impaciencia dos soldados.

Sem embargo do Vasconcellos o informar do soccorro, que Heitor da Silveira mettêra na Fortaleza, elle lhe quiz mandar hum paráo, que conduziraõ seis homens. Tinha elle posto em terra metade da carga, quando acudiraõ os Mouros, e tomáraõ o paráo com o resto della. Esta preza deo ocr

castirão a mais vistosa de todas as gentilezas, que se obrárão neste sitio. Sa- Era vulg.
bio D. João de Lima com parte da guarnição a castigar o attrevimento dos Barbaros; e a salvar os mantimentos, que estavão em terra. Acudio a sustentar o campo hum dos Generaes inimigos com o grosso do Exercito, que poz o fogo á nossa trincheira do mar. Nós o apagámos, e depois de servidos os Barbaros com huma descarga da nossa artilharia, nos avançamos ao combate. Na duração delle se forão recolhendo os mantimentos, e apertando os inimigos com tal esforço, que mortos 300, e entre elles o seu General, os mais abandonárão o empenho. D. João de Lima ferido, e victorioso, com tres homens menos, entrou na Fortaleza, que entregou a D. Vasco de Lima em quanto se curava.

Pouco depois forão apparecendo os navios de Cochim, mandados por Antonio de Miranda, e na sua reta-guarda D. Simão de Menezes com huma Frota de desaseis velas, que o Gover-

Era vulg. do, a firmeza dos espiritos competia com todas as furias, que os atormentavaõ; appareceo em pessoa o bravo Heitor da Silveira, e Francisco de Vasconcellos com a maior parte dos soldados de Cananor, muitos paráos carregados de mantimentos, e tudo por baixo do fogo dos inimigos, elle metteo na Praça, e se recolheo para a sua, que deixára encarregada ao Alcaide Mór. Francisco de Vasconcellos ficou no mar para com o seu navio fazer fogo sobre o campo: exercicio, em que o achou occupado Francisco Pereira Pestana, chegado ao porto depois de correr huma grande tormenta, que fez arribar a Cochim os outros navios da sua conserva, com impaciencia dos soldados.

Sem embargo do Vasconcellos o informar do soccorro, que Heitor da Silveira mettêra na Fortaleza, elle lhe quiz mandar hum paráo, que conduziaõ seis homens. Tinha elle posto em terra metade da carga, quando acudiraõ os Mouros, e tomáraõ o paráo com o resto della. Esta preza deo oc-

casião a mais vistosa de todas as gentilezas, que se obrárão neste sitio. Sahio D. João de Lima com parte da guarnição a castigar o atrevimento dos Barbaros, e a salvar os mantimentos, que estavão em terra. Acudio a sustentar o campo hum dos Generaes inimigos com o grosso do Exercito, que poz o fogo à nossa trincheira do mar. Nós o apagámos, e depois de servidos os Barbaros com huma descarga da nossa artilharia, nós avançamos ao combate. Na duração delle se forão recolhendo os mantimentos, e apertando os inimigos com tal esforço, que mortos 300, e entre elles o seu General, os mais abandonárão o empenho. D. João de Lima ferido, e victorioso, com tres homens menos, entrou na Fortaleza, que entregou a D. Vasco de Lima em quanto se curava.

Era vulg.

Pouco depois forão apparecendo os navios de Cochim, mandados por Antonio de Miranda, e na sua reta-guarda D. Simão de Menezes com huma Frota de dezaseis velas, que o Gover-

Era vulg. nador enviava a devaſtar os pórtos de Calecut, em quanto elle ajuntava o poder da India para vir dar huma batalha ao Çamorim, que proteſtava render á Praça, ou morrer na empreza. Com eſtes ſoccorros, quando declinava o mez de Setembro, a guerra mudava de ſemblante, os Mouros deſconfiavaõ do projecto, o Italiano apoſtata tinha eſgotado as induſtrias; os noſſos embandeiravaõ as poſtradas ruinas para moſtrarem, que em quanto nellas houveſſem pedras, e elles tiveſſem peitos, havia ſer incontraſtavel a defenſa. Creſceo o jubilo com a chegada de Franciſco de Faria, que Franciſco de Sá, Governador de Goa, mandava com vinte fuſtas carregadas de gente, munições, e viveres, que pozéraõ a Fortaleza em eſtado de ſoffrer hum novo ſitio. Ora em quanto o Governador ſe prepara para a ſua viagem, e os valeroſos ſitiados continuaõ a ſua defenſa, vamos nós á narraçaõ de outros ſucceſſos, depois concluiremos eſte no ſeu tempo.

CA-

## CAPITULO IV.

*Trataõ-se varios successos da India no tempo do sitio da Fortaleza de Calecut, e o fim do mesmo sitio.*

GRANDES embaraços á tranquillidade antiga, e amigavel com a Corte de Cochim nos hia causando o espirito de inteireza do Governador D. Henrique de Menezes, senaõ a atalhára a fidelidade provada do Rei para com os Portuguezes, a instancia dos Fidalgos, e ceder o Governador da sua teima. Tres Naires de hum General muito poderoso, senhor de hum grande partido em Cochim, foraõ prezos innocentes pelo crime de hum furto taõ ridiculo como o de hum pedreiro, que certos marinheiros da terra fizeraõ em huma embarcaçaõ nossa. Sem mais exame quiz o Governador justiçallos, naõ admittindo o empenho dos Fidalgos, do General, do mesmo Rei para a sua soltura. Em huma representaçaõ, que lhe fez o mesmo General, o Gover-

Era vulg.

Era vulg.

nador fazendo huma acçaõ com vio-
lencia, ferio-o na boca com o caſtaõ
da bengala. O Barbaro, que a teve
por huma injúria enorme, convoca o
ſeu numeroſo partido, e reſolve na-
quella noite degollar a todos os Por-
tuguezes em Cochim, aſſaltar a Forta-
leza, e atacar o meſmo Rei, ſe ſe op-
pozeſſe ao ſeu deſpique.

Eſte ſabedor da reſoluçaõ do Ge-
neral, põe a ſua gente em armas, avi-
ſa aos Portuguezes, e ao Governador,
poſta-ſe na frente dos revoltoſos, e
já com branduras, já com ameaços os
faz por entaõ reentrar nos ſeus deve-
res. Os Fidalgos ſentidos de que hu-
ma pequena faiſca foſſe a cauſa de tal in-
cendio, fizeraõ ao Governador repre-
ſentações taõ vivas, que elle obteve de
ſoltar os Naires, levallos em peſſoa
ao Rei, dar ſatisfações ao General,
que as eſtava pedindo em nome do Rei.
Eſtes paſſos ſuſpendêraõ o tumulto;
mas o Governador entrou em outro
muito mais perigoſo. Elle ſe queixou
dos ſeus predeceſſores naõ terem levan-
tado hum muro, que cercaſſe o com-
mu-

munitaçaõ com a Cidade, e pezesse à Fortaleza a coberto dellas, e outras semelhantes invasões. Determina elle fazello, e quando demarcava o terreno em que todos os votos dos Portuguezes, o Rei, que sentia houvesse esta desconfiança da sua antiga amizade, busca o Governador no campo, no principio com vozes brandas, logo com ellas bem duras o argue, o accusa, e o reprehende da sua resoluçaõ inconsiderada, injusta, e offensiva da sua boa fé, que poderia ter consequencias funestas. O Governador o satisfez, suspendeo a resoluçaõ, e continuou inalteravel a amizade.

Era vulg.

Por estes tempos chegava Pedro Mascarenhas a Malaca para receber de Jorge de Albuquerque a posse do seu governo, em que vinha provido. O Rei de Bintaõ lhe quiz provar o caracter, e o mandou visitar por dous Exercitos naval, e terrestre, que os naõ quizeraõ empenharse nos cumprimentos, e os temeraõ deras as respostas. O novo Governador naõ perdeo tempo em lhe mandar agradecer a vi-

si-

Em vulg. sita por Ayres da Cunha, com huma Esquadra, que tomando o porto de Pintaõ, para lhe impedir os mantimentos, fez presas, e a perseguio com a fome. A Cidade de Patane, que tambem deria conhecer a Pedro Mascarenhas, enviou-lhe a Martim Affonso de Mello Zuzarte, pouco antes chegado das Molucas, com outra Fragata, para lhe agradecer os serviços, que nos fazia. Por alguns dias naõ vio Patane no seu porto mais que o horror da pilhagem, dos incendios, e das mortes, e depois foi feito a Cidade arrazada por huma inundaçaõ de balas: o terror, que abateo o Rei Hat entaõ soberbo, para nos pedir a paz humilde.

Do Reino navegaraõ para a India cinco náos mandadas por Filippe de Castro, que levava as suas ordens. Os Capitães Diogo de Mello, Antonio de Abreo, D. Lopo de Almeida, e Vicente Gil. Tres destas náos chegaraõ á India em Setembro. A do Commandante, vindo na volta de Ormuz, se naufragou no Cabo de Rosalgate, e mas fal-

van-

No segundo conselho naõ houve mudança nos primeiros sentimentos. Entaõ o Governador, chamando ao semblante todo o pezo da authoridade do cargo, declarou os seus neste estylo severo: Que Portuguez rodeado das imagens da honra, nas occasiões de a adquirir, medio proporções? Que dirá a Asia, sabendo que o Governador da India ajuntou todo o seu poder para vir, como quem furta, roubar da Fortaleza os nossos soldados, abandonar aos inimigos a artilharia, e munições, fazer a Calecut a guerra defensiva? Que culpa se nos formará no Reino do descredito das armas? Em que conta nos teráõ os Reis tributarios, e alliados? Que figura representaremos, que se pareça com a dos nossos passados na India? Com que semblante nos deixaremos vêr nella? Ah! Senhores, já naõ vos peço conselho sobre se havemos acometter o inimigo, senaõ sobre o modo, com que o havemos acometter. Francisco Pereira Pestana abraçou o parecer do Governador, fallou, disse, persuadio, ficou resoluta a batalha; e se

Em Julh[illegible]

Era vulg. se tratáraõ os expedientes, com que se
havia fazer o desembarque.

O intrepido Heitor da Silveira se
offerece para o executar; para se met-
ter aquella noite na Fortaleza com 400
homens; para depois sahir com elles,
e a mais gente da sua guarniçaõ escara-
muçar no campo para o Governador ter
tempo de desembarcar com o grosso do
Exercito. Elle fez este aviso a D. Joaõ
de Lima para o esperar fóra da porta
no ponto destinado, que havia ser no
maior silencio da noite futura. Para en-
ganar os inimigos se deraõ muitos re-
bates falsos, e quando se havia execu-
tar o verdadeiro, sahio D. Vasco de
Lima com alguns Fidalgos, e 50 ho-
mens atacar os postos avançados dos
inimigos, que correraõ a repelir os nos-
sos. D. Joaõ de Lima se havia postado
em fórma de receber na retirada este
pequeno corpo, e facilitar o desembar-
que de Heitor da Silveira, que sem os
Barbaros o advertirem, se metteo com
os 400 homens na Praça. Elle, e D.
Joaõ assentáraõ, que quando désse o
Governador o signal para desembarcar,

sahiriaõ ao inimigo com toda a gente, cada qual por seu lado; que na Fortaleza só ficaria o Alcaide-Mór com vinte homens, e que as mulheres vestidas de Soldados bordariaõ os muros.

Era vulg.

Amanheceo o fausto dia de seis de Novembro, em que o Governador da India dispoz a gente da sua Armada para dar huma batalha campal ao Rei de Calecut. Cobria o lado direito das lanchas, e fustas promptas para o desembarque D. Simaõ de Menezes, o Governador o centro, e Francisco Pereira Pestana o lado esquerdo. Ao sinal, que fez a Capitanea, sahiraõ da Fortaleza com 600 homens D. Joaõ de Lima, e Heitor da Silveira, a entrarem em novos trabalhos, que haviaõ pôr fim glorioso aos de taõ prolongado cerco. Fernaõ de Moraes, que levava a vanguarda com 50 fuzileiros carregados de panelas de polvora, ao romper o dia marchou á sordina sobre a trincheira mais avançada dos inimigos, e os foi servindo com hum diluvio de fogo. Elles estavaõ constantes, em que o Governador, sendo bem soccorrida a Forta-

ta-

Elr. vulg. taleza, naõ se exporia a huma batalha; e que este repelliõ era das costumadas sobprezas de Joaõ de Lima. Vendo porém que este marchava por hum lado, e Heitor da Silveira por outro com maior numero de gente, que elles podiaõ esperar, todo o campo se poz em armas; e huma grande multidaõ acudio a rodear a Fernaõ de Moraes para castigar nelle os golpes descarregados em tantos dos seus camaradas agonisantes.

Com valor, que se naõ concebe, os bravos Moraes, Jorge de Lima, e Antonio de Sá sustentavaõ o pezo de tantos Barbaros para darem lugar a que chegasse Heitor da Silveira, que corria a soccorrellos. Com impeto todo de magnanimidade entrou este Fidalgo a cortar pelos Barbaros, taõ empenhado na refrega, como se quizesse para si so toda a gloria de taõ formoso dia. D. Joaõ de Lima, que se occupava de ideas naõ menos sublimes, buscou pela sua parte o flanco dos inimigos, que o forraõ atacando vantajosamente com hum corpo de espingardeiros. Deraõ estes a primeira carga, em que lhe mataraõ

tres

tres homens; mas arremettendo-os, entre outros soldados de valor, D. Vasco, e Fernando de Lima, Duarte de Faria, Henrique da Silva, Christovaõ Jusarte, Ruy Freire, Fernaõ Furtado, André Pessanha, e Artur de Castro, elles foraõ desvjando os inimigos para D. Joaõ se incorporar com Heitor da Silveira, que cercado da maior parte do Exercito, obrava ultimas gentilezas em aperto extremo.

Em vulgo

Já a esse tempo o Governador tinha posto toda a gente em terra sem opposiçaõ, assim por naõ esperarem os Barbaros o desembarque, como por estarem entretidos no combate com os nossos dous Chéfes, que provocavaõ as suas attenções. Ao romper o Governador a marcha, a artilharia das lanchas, das fustas, da Fortaleza deo huma salva real sobre os inimigos, que lhe juncou o campo de cadaveres. Elle lhes foi fazendo face para os empenhar na peleija, divertindo os que andavaõ ás mãos com D. Joaõ de Lima, e Heitor da Silveira. Unidos em hum corpo D. Tristaõ de

No-

Era vulg. Noronha, D. Diogo de Lima, D. Jorge de Menezes, Rui Dias Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Francisco de Vasconcellos, e outros bravos imitadores da sua corage, obravaõ tantas maravilhas, que os Mouros por aquelle lado, naõ podendo soster-se, hiaõ abandonando o campo, as trincheiras, e a victoria. Por outra parte se conduziaõ com igual intrepidez D. Simaõ de Menezes, Antonio da Silveira, D. Jorge Telo, os dous irmãos D. Affonso, e D. Pedro de Menezes, Jorge Cabral, Antonio de Lémos, D. Fernando de Monrroy, outros Fidalgos, e Soldados, recebendo constantes o fogo, que os Barbaros lhes faziaõ de cima das mesmas trincheiras.

O Governador deixando o seu posto, queria acudir em pessoa a esta rafrega, que era a mais perigosa; mas detido por Francisco Pereira Pestana, e por Joaõ de Mello da Silva, elles soccorrêraõ aos camaradas com tanto esforço, que póstos os inimigos em derrota por todas as partes, perdendo terreno fugiaõ para a Cidade. Entaõ o Go-

Governador, aclamando-se victorioso, entrou nas linhas abandonadas pelos vencidos, e fez tocar a retirada sobre os nossos, que os perseguiaõ pela Cidade, naõ succedesse que desmandados com a arrogancia de vencedores, fizessem mudar a scena de dia taõ plausivel. Quando Heitor da Silveira, D. Joaõ, e D. Vasco de Lima se congratulavaõ da victoria, e repartiaõ entre si a guarda do arraial, advertindo que os Mouros, ainda que destroçados, se retiravaõ inteiros. O Rei de Calecut affrontado de huma quebra taõ injuriosa, tornou a apparecer na tésta de 40000 Nayres resolutos, e seguido de outras trópas, naõ só pára pôr tropeços á victoria, mas para principiar nova batalha. Os Portuguezes com as armas ainda quentes, e o mesmo ardor nos espiritos, esperáraõ a pé firme o repelaõ dos Barbaros, que elles tiveraõ a felicidade de desconcertar com huma carga cerrada do seu fogo.

Era vulg.

Na tésta de mil homens se avançáraõ entaõ a espetallos nas lanças Heitor da Silveira, Simaõ de Andrade,

Em vulg. Antonio de Miranda, Fernaõ Gomes de Lémos, D. Miguel, D. Simaõ, D. Affonso de Menezes, e outros Fidalgos, que observavaõ aonde o perigo era mais enorme para se lançarem a elle, e mostrarem, que davaõ á morte o nome de Desprezada. O memoravel Condestavel da artilharia, que neste sitio fizera o seu nome celebre, notando o lugar aonde vinha El-Rei, correo á Fortaleza, apontou-lhe hum grosso canhaõ, que lhe levou a zunir a balla pela cabeça. Antes que viesse outra, elle se poz em fugida precipitada com o seu grande Exercito, naõ apparecendo hum só homem de tantos mil no campo em pouco tempo. Os Portuguezes senhores da victoria, dos despojos, do acampamento, jantáraõ nelle este dia; e recobradas as forças lassas de taõ continuadas fadigas, deraõ graças ao Todo-Poderoso por tamanho triunfo, que o Governador authorisou armando na tarde muitos Cavalleiros aos Officiaes, e soldados, que mais se haviaõ distinguido em acções façanhosas.

O estrondo desta grande victoria fez

tre-

tremer as Regiões visinhas. Nós perdemos nella 60 homens mórtos, e tivemos 200 feridos. Os mórtos dos inimigos passáraõ de 3000, grande número de feridos, e muitos prisioneiros: os despojos foraõ á proporçaõ da grandeza do Exercito, que mandava hum Rei de Calecut em pessoa. Este Monarca arrependido de se deixar sobprender das sugestões dos Mouros, estando o Governador ainda no campo, mandou a elle o nosso antigo conhecido o Mouro Cogebique fazer-lhe propóstas de paz com estes Artigos á sua reputaçaõ vergonhosos: Que elle pagaria toda a perda, que os Portuguezes tinhaõ tido nesta guerra: Que entregaria todos os captivos, artilharia, e paráos, que houvessem no seu Reino, e naõ consentiria nelle as pessoas, que os armavaõ. A estas condições taõ abatidas queria o Governador ajuntar outra impracticavel, que era a da expulsaõ dos Mouros de todos os seus Estados.

Era vulg.

Concluida a paz, o Governador concebeo a idéa desacordada, depois

N ii mui-

Era vulg. muito mal recebida no Reino, de recolher na Armada quanto havia na Fortaleza, depois minalla, e fazella voar. Todos os Fidalgos, que antes eraõ deste voto, agora vencedores se oppozeraõ a huma resoluçaõ arbitraria sem ordem d'El-Rei; mas o Governador incapaz de ceder, levou avante o projecto, e estando ainda no mar, e os Mouros dentro da Fortaleza, pegou o fogo nas minas, de que elles naõ sabiaõ, e com estampido horroroso voou ella pelos ares com mórte de 300. O Rei de Calecut desaffogou a cólera, que lhe agitou este successo com mandar cortar a cabeça a Cogebique, que reputou Emissario fraudulento no ajuste da paz, que veio a naõ ter observancia. Daqui se originou o abatimento da reputaçaõ da passada victoria, que veio a ficar huma acçaõ sem fructo, nem consequencias; ella hum parto da vaidade, a ruina da Fortaleza hum aborto da inconsideraçaõ.

Os Principes nossos desinclinados a estimáraõ por huma grande victoria do Çamorim, e se congratuláraõ com elle,

le, de que só o seu esforço na Asia era o que abatia a arrogancia Portugueza: aromas derretidos para elle de vapores taõ agradaveis, que mandou logo preparar Exercitos, e Armadas para nos fazer crúa opposiçaõ por mar, e terra. Este foi o exito de tantos trabalhos, tantas despezas, tantas mórtes, tantas façanhas, que poderiaõ fazer glorioso o nome Portuguez, e o deprimíraõ; que eraõ capazes de exaltar o Imperio, e o desmembráraõ. O Governador se recolheo para Cochim a curar-se de huma chaga antiga em huma perna, donde se lhe originou a mórte: se he que o pezo dos cuidados, ou a sensibilidade do arrependimento lhe naõ abreviou a vida.

Era vulg.

## CAPITULO V.

*Concluem se os successos da India no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, e se trataõ os do Reino até ao fim deste anno de 1525, juntamente com os de Africa.*

Era vulg.

PARA continuar a guerra pelos pórtos de Calecut, que pela ruina da Fortaleza a declarou, quando acabava de firmar à paz, o Governador deixou com a Armada ligeira a D. Simaõ de Menezes, que executou as ordens com o seu valor ordinario. Pelo mesmo tempo chegou a Cochim Jorge de Albuquerque, que vinha de Malaca, aonde entregou o governo ao seu Successor Pedro Mascarenhas. Por elle se soubéraõ as desavenças pesadas, que houvéra nas Molucas entre Antonio de Brito, e D. Garcia Henriques sobre a entrega da Fortaleza, e modo da embarcaçaõ do primeiro. Mas que como estes dous Fidalgos eraõ prudentes, mediando Cachildaroes, elles se despe-

pedíraõ em paz, e Antonio de Brito ficava prestes para se recolher a Malaca. O Governador estimou estas noticias; e porque a molestia da perna se lhe engravecia, determinou ir-se curar a Cananor. Na viagem se encontrou com huns paráos de Calecut, que teve de investir, e mandando safar a náo para o combate, deo huma canelada sobre a chaga com golpe taõ sensivel, que lhe apressou a mórte em Cananor, como diremos.

Era vulg.

Agora concluindo os successos deste anno, lembramos como os Xerifes em Africa, depois de estarem senhores de Marrocos, e de haverem derrotado o Rei de Féz, o irmaõ do segundo, que com permissaõ do primeiro se intitulava Rei de Sus, foi dar huma vista a este Reino para visitar as fabricas de Tarudante. Ajuntando aqui cópia de gente, voltou a Marrocos, e achou a seu irmaõ posto em campo com os designios sobre a Cidade de Çafim, que já palpitava, como quem queria dar os ultimos arrancos. Era entaõ seu Governador Garcia de Mel-

lo,

Era vulg. lo, que avisado pelos batedores da invasaõ dos Xerifes, animou a gente da Praça, e a dos Mouros alliados para fazerem semblante á audacia de dous Tyrannos, que entrando na Mauritania em tom de Missionarios do Alcoraõ, se hiaõ fazendo senhores de toda ella: que pertencia á honra dos Portuguezes, e dos Mouros seus amigos mostrar-lhes no campo, que Çafim era o freio, que fazia parar o curso da sua ambiçaõ desbocada. Sahíraõ todos a combater dous homens, que levavaõ a fortúna ao lado, quando a nossa, já sentida de a querermos abandonar em Africa, nos abandonava. Antes elles naõ sahissem, escusariaõ de entrar em Çafim diminuidos, com muitos camaradas mórtos, e captivos Antonio de Mello, filho do Governador, Lopo Peixoto, Francisco Machado, e outros Fidalgos, que conduzidos ao Castello de Tiut no Reino de Sus, carregados de ferros soffrêraõ tempo longo tratamentos barbaros.

Com esta victoria os Xerifes naõ se mostráraõ soberbos, antes deixando-

do-se vêr moderados, se affectárao juſtos para cobrirem com a formoſura da juſtiça apparente o horror da tyrannia verdadeira. Porque o Rei de Féz quiz desaggravar a ſua injúria atacando-os com hum corpo de vinte mil cavallos: os Xerifes o derrotárao, tirárao a vida a hum filho do ultimo Rei de Granada: victoria, de que recolhêrao deſpojos immenſos, e com que augmentárao os Eſtados pela ſujeição de muitos Póvos, que ſe lhes ſobmettêrao voluntarios. Depois ganhárao a Cidade de Tafilete em Numidia, de que era ſenhor o Xeque Amar: Outra victoria, que nos Reinos de Marrocos, e de Sus lhes nao deixou oppoſitores, ſenao os Portuguezes, que daqui em diante parecia haverem perdido os alentos na face da ſua fortuna, ou á viſta do ſemblante da ſua corage.

Era vulg.

1526

Eſtes forao os ultimos acontecimentos do anno de 1525, e entrou o ſeguinte em Portugal com a chegada do Supplemento da diſpenſa para o matrimonio da Infante D. Iſabel com o Imperador Carlos V. Reiteradas as ce-

re-

Em vulg. remonias do recebimento na presença de D. Fernando de Vasconcellos, Capellaõ Mór, e Bispo de Lamego, a Imperatriz se pôz em marcha para Castella acompanhada dos Infantes D. Luís, e D. Fernando, do Duque de Bragança D. Jayme, de D. Pedro de Menezes, Marquez de Villa Real, de outros muitos Grandes, e Fidalgos, e em poucos dias fez a jornada de Almeirim a Elvas. Vieraõ esperalla á fronteira o Duque de Calabria D. Fernando de Aragaõ, o Arcebispo de Toledo D. Affonso da Fonseca, D. Alvaro de Zuniga, Duque de Bejar, o Bispo de Placencia, D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, D. Francisco de Zuniga e Soto-Maior, Marquez de Ayamonte, com grande número da Nobreza de Hespanha. A nossa comitiva chegou á raia com a Imperatriz, que ao haver de passalla se poz a cavallo, e depois dos Castelhanos lhe beijarem a maõ, o Infante D. Luís pegou na redea da faca, e os Fidalgos de ambas as Nações formáraõ hum circulo, de que a Impera-

triz

triz occupava o centro. Entaõ os Duques de Calabria, e de Bejar, e o Arcebispo de Toledo se pozéraõ ao lado do Infante D. Luís. O primeiro daquelles Duques mandou lêr os plenos poderes, que trazia do Imperador para recebér a Imperatriz, e feita esta ceremonia, o Duque lhe perguntou que mandava Sua Magestade do seu serviço.

Era vulg.

A Imperatriz com semblante grave, e alegre se çallou; porque ao Infante D. Luís pertencia responder: Eu entrego a Vossa Excellencia a Imperatriz, minha Senhora, em nome d'El-Rei de Portugal, meu Senhor, e Irmaõ, como Esposa do Imperador Carlos. E dando esta resposta, passou da sua maõ a redea da faca pára a do Duque de Calabria. Chegáraõ entaõ ambos os Infantes a beijar-lhe a maõ, e ella lhes lançou os braços com ternura. Despedíraõ-se os Portuguezes, excepto o Marquez de Villa Real, que levava ordem de a seguir, até onde estivesse o Imperador para cobrar as cedulas da satisfaçaõ do dote, e tomar posse das

Era vulg. terras, e das Villas, que o Imperador obrigava á satisfaçaõ dos 450000 ducados annuaes; levando o Marquez por seus assistentes o Thesoureiro Mór, Fernando Alvares de Andrade, e os Doutores Antonio de Azevedo, e Lourenço Gomes. Chegou a augusta comitiva á Cidade de Sevilha, aonde a Imperatriz foi recebida no meio das magnificencias do maior Monarca do Universo, e já entrado o mez de Março se consummáraõ as vodas, que largos annos foraõ para Hespanha felices.

Em Cananor a dous de Fevereiro acabou a vida com todas as demonstrações de Catholico fervoroso o Governador da India D. Henrique de Menezes. Na Capella da Igreja, aonde estava o seu cadaver, e presente D. Simaõ de Menezes com todos os Fidalgos, o Vedor da Fazenda Affonso Mexia abrio a segunda das vias, que trouxéra o Conde Almirante, e nella se achou nomeado para o governo da India Pedro Mascarenhas, que entaõ estava governando Malaca. A sua ausen-

ſencia, e a demora indiſpenſavel da ſua vinda foi aſſumpto da diviſaõ dos pareceres; mas o Védor Mexia, que a tinha no animo para com o Governador nomeado, ſahio com hum arbitrio bem retratado pelas ſuas cores. Elle propoz que ſe abriſſe a terceira via, e que todos obedeceſſem á peſſoa, que nella eſtiveſſe nomeada até vir de Malaca Pedro Maſcarenhas para ſe encarregar do Governo: clauſula bem advertida para maſcarar as intenções do eſpirito proprio, e naõ perturbar os alheios, que com uniformidade tiveraõ por ſaudavel o arbitrio.

Era vulg.

Dados os juramentos de obedecerem todos a Lopo Vaz de Sampaio, e eſte a Pedro Maſcarenhas quando vieſſe de Malaca; o novo Governador com a actividade natural do ſeu eſpirito ſe applicou a expedir os negocios para todas as partes da India. A ſeu cunhado D. Vaſco Deça fez Governador de Cochim; criou Capitaõ Mór do mar a Antonio de Miranda; deſpedio com tres náos a Heitor da Silveira para ir

a

Era vulg. a Maçua conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima; ordenou a Jorge Cabral que com huma Fróta fosse cruzar na altura das Maldivas para dar caça a todas as náos inimigas, especialmente as de Meca; despachou para Malaca a Duarte Coelho, que levou a Pedro Mascarenhas a noticia de estar reconhecido Governador da India; enviou á Costa de Coromandel outra Fróta ás ordens de Manoel da Gama para fazer guerra aos paráos de Calecut; deo duas náos a Francisco de Sá para ir fundar a Fortaleza de Sunda; despachou para Governador das Molucas a D. Jorge de Menezes, que levou para Capitaõ do mar a Simaõ Galvaõ; e elle despedindo-se do Rei de Cochim, partio para Goa com o grosso da Armada, que naõ havia estar muito tempo ociosa.

Com o designio de renovar a Fortaleza de Cananor, elle navegou logo para esta praça, aonde o avisáraõ D. Jorge Telo, e Pedro de Faria, como elles com as suas duas náos ficavaõ postados na embocadura do rio Bacanor

im-

impedindo a sahida a huma Armada de 70 vélas, que o Çamorim tinha naquelle porto guarnecida de mais de tres mil homens, e amparada por hum Capitaõ do Rei de Narsinga com a escólta de vinte mil. Resolveo Lopo Vaz ir atacar os inimigos; mas como na Armada naõ tinha mais de 700 homens, em quanto avisava a Christovaõ de Sousa, e a Antonio da Silveira para virem incorporar-se com as embarcações, que estavaõ em Goa, mandou com huma náo a Manoel de Brito reforçar o bloqueio do rio de Bacanor. Já elle havia ferrado o mesmo porto, quando vieraõ os navios de Goa; e os inimigos naõ se attrevendo a peleijar no mar, determináraõ esperar a invasaõ perto da terra, que fortificáraõ de trincheiras com muita artilharia, attravessando com estacadas o rio para difficultarem a passagem.

Era vulg.

Naõ quiz o Governador usar da força sem enviar primeiro huma Deputaçaõ ao Rei de Bisnaga, em que lhe representava que aquella Armada era do Rei de Calecut, inimigo dos Portugue-

zes;

Era vulg. zes; que elle como seu amigo devia entregar-lha; e que se o naõ fizesse, era impossivel deixarem elles de o irem investir sem injúria da sua reputaçaõ. Porque o Rei de Bisnaga naõ attendeo a este requerimento, o ataque ficou resoluto para o dia seguinte, que era o de 25 de Fevereiro. Ao romper da manhã estavaõ póstos os batéis na ordem para o desembarque, levando a vã-guarda D. Vasco de Lima, Manoel de Brito, e Payo Rodrigues de Araujo; o centro D. Jorge Telo com os navios de remo, e os Capitães das naos nos seus batéis; na reta-guarda o Governador com os Officiaes velhos, e a maior parte dos Fidalgos. Nesta fórma entráraõ pelo rio, foraõ cortando os cabos, que sustentavaõ as estacadas, e passando, até pojarem a gente em terra.

O primeiro, que a pisou desprezando, como diz o nosso Couto, a *infermalidade* do fogo dos inimigos, foi D. Jorge Telo seguido do Brito, e do Araujo com huma companhia, que deo principio á acçaõ, em quanto D. Jorge desembarcava 500 homens. Estes se

avan-

avançáraõ ás trincheiras com hum furor derramado, que buscava a victoria sem fazer caso de perigos, nem esperarem o Governador, que se occupava em romper a estacada. Elle o consegue; salta em terra; pelo seu lado se avança á trincheira, e passa a ser carnagem a que era batalha. Todas as trincheiras foraõ montadas com morte de 800 Barbaros, e de quatro Portuguezes; os mais levados a golpes até a Cidade, aonde estava o Capitaõ do Rei de Narsinga formado em batalha pela sua retaguarda sem se mover. O Governador ordenou aos Fidalgos guardassem as portas, que hiaõ ao campo para ninguem sahir; que á Cidade se naõ fizesse damno por ser do Rei de Bisnaga; fez tocar a retirada nas trincheiras, e mandou que se lhes désse fogo.

Era vulg.

Antonio de Miranda, que ficára no mar com as embarcações ligeiras, vendo a victoria declarada em terra, elle se avançou a investir a Frota de Calecut, que achou encadeada na figura de hum formidavel entrincheiramento. O horror do nosso fogo, junto ao destro-

Era vulg. ço, que os Barbaros viaõ em terra, os metteo em tanto desacordo, que sem valor para a defensa, se botáraõ ao mar. Á sua fugida se seguio o incendio, que consumio com horror 70 navios em poucas horas, e hum armazem, em que os inimigos tinhaõ recolhido preciosidades, que podendo desafiar a cobiça dos Diogenes, os nossos para ella se mostráraõ insensiveis. Unicamente nos aproveitamos de 80 peças de artilharia; as mais foraõ lançadas ao mar; e conseguida esta grande victoria, huma das mais gloriosas, que as nossas armas ganháraõ na India, o Governador se recolheo para Goa, aonde deo muitas providencias respectivas ao governo, e com huma Armada de doze náos partio pouco depois para Ormuz.

Como a Nobreza lhe contrariava esta jornada com os fundamentos da guerra do Malabar, e do receio que havia da vinda dos Rumes; Lopo Vaz, que queria occorrer aos grandes embaraços, em que seu tio Diogo de Mello, Governador da Praça, se mettêra com o Rei de Ormuz, e com

Xa-

Xarafo, que tinha prezo com rigor, sem o deixar depois exposto á justiça de Pedro Mascarenhas; elle cortou todos os obstaculos com encarregar huma grossa Armada á Antonio de Miranda de Azevedo, acompanhado de muitos Fidalgos, para sustentar a primeira guerra, e prevenir a segunda. Chegado a Ormuz, satisfez plenamente a ElRei, soltou o Xarafo, proveo em tudo conforme á configuração dos negocios civis, e militares; e fazendo-se prestes para voltar á India, o veio encontrar Heitor da Silveira, que dissemos fora ao Estreito conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima: viagem, que nós agora vamos a escrever.

Era vulg.

## CAPITULO VI.

*Viagens de Heitor da Silveira ao Estreito, e de Pedro Mascarenhas para a India, com os successos de Bintaõ.*

Era vulg.

AS recommendações effectivas d'El-Rei, para que D. Rodrigo de Lima se mandasse conduzir da Embaixada, que levára ao Preste Joaõ da Ethiopia, reiteradas a todos os Governadores, e que deraõ causa ás tres viagens, que ficaõ referidas nos seus lugares proprios; ellas mesmas obrigáraõ Lopo Vaz de Sampayo a mandar Heitor da Silveira com ordem de chegar mais cedo a Maçua, poder esperar D. Rodrigo, e naõ se mallograrem tantas jornadas. Este Fidalgo chegou com felicidade a Adem, aonde naõ teve mais demora, que a de queimar as poucas náos, que achou no porto, e embocou o Estreito. No fim de Março chegou a Maçua, e achou dous caminheiros de D. Rodrigo, que esperavaõ a

Ar-

Armada, e deraõ noticia, de que elle ficava a quatro dias de caminho. Heitor da Silveira os despedio com cartas, que moverão o natural alvoroço dos que em ausencia longa suspíraõ saudosos pela Patria. Chegou D. Rodrigo na companhia de outro Embaixador Abexim, que havia passar a Lisboa; ambos entregues pelo Governador de Arquico ao nosso Chéfe com as demonstrações da mutua, e mais sincéra amizade. Com viagem trabalhosa por tormentas, e falta de agua, chegáraõ elles a Ormuz, aonde estava o Governador Lopo Vaz, que os recebeo cheio de ternura com a maior honra.

Era vulg.

O Vedor da Fazenda Affonso Mexia quiz cumprir com a obrigaçaõ do seu cargo, mandando hum galeaõ a Malaca com aviso a Pedro Mascarenhas do que se tinha passado a respeito do Governador da India, em que elle vinha nomeado. Mas Jorge Cabral, que dissemos sahíra a cruzar a cósta das Maldivas; como bom amigo de Pedro Mascarenhas, sem fazer ca-

Era vulg. caso das ordens de Lopo Vaz, entregou a Frota a Gomes de Sotto-Maior, adiantou-se na sua náo; e em poucos dias ferrou Malaca. Elle deo a agradavel noticia a Pedro Mascarenhas, que a recebeo com huns transportes de prazer, que naõ pareciaõ producções de taõ grande alma, na infelicidade, e na fortuna sempre a mesma. Reconheceo-se Governador no juramento, que deo logo seguindo o costume, e para se mostrar reconhecido ao seu amigo; instou, persuadio ao illustre Francisco de Sá quizesse fazer com Jorge Cabral o cambio de lhe delegar a viagem para a fabrica da Fortaleza do Sunda pelo governo, que elle lhe conferia de Malaca; mas porque o Sá naõ conveio, servio o governo para premio do Cabral.

Embarcou-se Pedro Mascarenhas para a India com o contratempo de arribar a Malaca depois de poucos dias, trazido por huma tormenta furiosa, em que esteve perdido. Porque passára a monçaõ, que o detinha mais seis mezes, e ainda achou na Praça a Fran-

cis-

ciſco de Sá com a ſua Fróta, a D. Jorge de Menezes, que hia governar Maluco, e o ſeu Capitaõ do mar Simaõ de Souſa Galvaõ; elle os convidou para com as forças unidas deſcarregarem hum golpe mortal ſobre o Rei de Bintaõ, que ſe envelhecia na idade, cada vez inveterava mais o odio contra os Portuguezes de Malaca. Ainda que Franciſco de Sá por enfermo naõ pode achar-ſe neſta expediçaõ, foraõ a ella 400 Portuguezes da ſua Fróta, 150 da Praça, e 400 Malayos ás ordens de Sina Raja, e de Tuaõ Mafamede. Compunha-ſe a Armada de muitas embarcações de todos os lotes, na qual além do Governador, foraõ Franciſco de Sá enfermo para ſer teſtemunha do ſucceſſo, o Galvaõ, Ayres da Cunha, Fernaõ Serraõ, Duarte Coelho, com outros valeroſos Cavalleiros, e bravos particulares.

Era vulg.

O Rei tinha taõ fortificada a Ilha de Bintaõ, e o ſeu rio com tantas eſtacadas, que mar, e terra pareciaõ inacceſſiveis ao atrevimento mais audacioſo. A façanha de desfazer a eſta-

ca-

Era vulg. cada do rio para as embarcações entrarem, foi encarregada ao impávido Fernaõ Serraõ, que gastou oito dias na empreza, soffrendo sem alteraçaõ o fogo dos inimigos. Vencida esta primeira opposiçaõ, faltava ganhar huma grande ponte com duas trincheiras nas cabeças guarnecidas por 6000 homens, e que hia de hum braço do rio parar perto da Cidade. Como *ella* tinha muito maior altura, que os nossos navios, o seu fogo nos incommodava muito; mas Pedro Mascarenhas assestando-lhe os canhões grossos da sua galé, a fez em pedaços; e descoberta a gente aos tiros de metralha, depois de soffrer muito estrago, se poz em fugida vergonhosa antes de tempo.

Nesta figura estava o ataque, quando appareceo na barra huma Fróta de 30 fustas com 2000 homens, que o Rei de Paõ mandava de soccorro ao de Bintaõ seu Sogro. Antes que ella entrasse para se unir no porto á deste Rei, Pedro Mascarenhas destacou os navios de Francisco de Vasconcellos,

de

de João Pacheco, de Diogo Soares, *Era vulg.*
e a Tuaõ Maſamede com as ſuas fuſtas
para irem inveſtir a Fróta fóra da barra.
Elles o fizéraõ taõ façanhoſos, que
os Barbaros perdida a corage, foraõ
varar em huma Ilha pouco diſtante,
aonde lhe tomáraõ 18 fuſtas, que trouxéraõ
a Bintaõ atoadas. O ſeu Rei atonito
com eſtas gentilezas, que na ſua
idéa nem eraõ para penſadas, ainda
que reputava inacceſſivel o lugar da
ſua reſidencia, que eſtava rodeado de
18ↀ000 dos ſeus vaſſallos, ſoccorrido
por outro Rei alliado com 12ↀ000;
elle ſe teve por taõ pouco ſeguro, que
mandou fazer muitas pontes levadiças
da Ilha para a terra firme, que lhe podeſſem
ſegurar a retirada no horror das
brenhas, aonde havia marcado o lugar
de refugio.

Quando elle ſe occupava neſtas manobras,
ſoube que os noſſos haviaõ
ganhado a ponte do rio, e tomado da
cólera, ou poſſuido do medo, arguio
a cobardia dos ſeus Chéfes, que taõ
facilmente cediaõ vantagens aos Portuguézes.
O famoſo Laque Xemena ſe
of-

Era vulg. offereceo para o despique; e embarcado em vinte fustas com gente escolhida, veio a favor da maré dar de repente nos navios de Fernaõ Serraõ, e de Joaõ Moreno, que estavaõ bem descuidados de semelhante visita. Elle os entrou com tal pressa, que quando os nossos se pozéraõ em tom de defensa, tinhaõ ganhado os convezes. Ao estrondo da briga acudíraõ Tuaõ Mafamede, Joaõ Pacheco, Simaõ, e Pedro Mascarenhas com vinte homens nas suas respectivas lanchas. Os vinte homens com Pedro Mascarenhas entráraõ o navio de Fernaõ Serraõ, que acháraõ cahido, e aberto em feridas. Elles se lançáraõ aos Barbaros, e os fizéraõ em póstas. Successo semelhante tiveraõ os que abordáraõ o navio do Moreno; e chegando os batéis das outras náos forçando a maré contraria, os inimigos foraõ póstos em derrota, muitas fustas tomadas, e Laque Xemena ferido fugio apressadamente para naõ faltar ao seu Rei hum Emissario, que lhe levasse a nova deste destroço.

Para Pedro Mascarenhas coroar empre-

preza taõ gloriosa naõ lhe restava mais, Em vulg.
que conquistar a fórte Cidade de Bintaõ. Elle se occupava nestes pensamentos, generosos só concebidos, quando hum escravo Portuguez teve a felicidade de se escapar, vir a bórdo da sua náo, e informallo da consternaçaõ, em que estava toda a Ilha. Este aviso determinou o ataqúe, e ponderado o modo se resolveo que para chamar os inimigos á defensa do porto, e se descuidarem da da Cidade, nelle fariaõ os navios ligeiros fogo toda a noite, como disposiçóes para o avance: que no silencio della, guiado pelo Portuguèz escravo, Pedro Mascarenhas marcharia com 700 homens o quarto de legoa, que a Cidade ficava longe do porto para a atacar na madrugada. A este tempo, ainda que o Rei de nada se temía nella taõ guarnecída, já havia mandado para a terra firme os seus thesouros, as suas mulheres, e familia: Capitaõ prudente, que se escusou á nota do *Naõ cuidei*, reprehendida pelo Príncipe dos nossos Poetas Lusitanos.

Tu-

Era vulg.

Tudo ſe executou como fora diſpoſto ; e arremettendo os noſſos com intrepidez, fingindo o deſembarque no porto, acudíraõ os inimigos em grande número a defendello, laborando o noſſo fogo com admiravel effeito. Da ſua parte o Governador no quarto d'Alva fez avançar com parte do corpo alguns Officiaes, que ſendo ſentidos, ſahíraõ contra elles os Barbaros com o deſignio de os bater pelas eſpaldas para os atracarem entre o ſeu fogo, e a Cidade. Entaõ o Governador ſe fez ſentir pela retaguarda, mandando tocar todos os inſtrumentos a avançar. Intrépidos ſoffrêraõ os Barbaros a primeira deſcarga, em quanto naõ conhecêraõ a noſſa vantagem; mas ſentindo-ſe atacados pelos flancos, e retaguarda, foraõ abandonando o campo. Ao meſmo tempo ſe encontráraõ fugindo os que defendiaõ o porto, e os que combatiaõ o Governador, que já endireitava a marcha ao Paço do Rei, para que hum deſpojo Real lhe naõ eſcapaſſe. A embaraçar eſta marcha acudio Laquè Xemena com toda a gente, que o meſmo

Prin-

Principe tinha na guarda do outeiro, aonde se via o Paço em fórma de Castello. Começou de novo a batalha, arrostando os inimigos pela frente com impulso do raio o Governador em pessoa, aos seus lados Ayres da Cunha, Francisco de Vasconcellos, Duarte Coelho, Joaõ Pacheco, e outros Fidalgos.

Era vulg.

Já o Laque perdia o terreno a palmos, quando chegavaõ Leonel de Ataide, e Alvaro Ferreira com hum Esquadraõ de gente da Armada, que forçára o porto; e muitos marinheiros carregados de panelas de polvora, que entre os inimigos ateáraõ hum incendio. Este soccorro obrigou o Laque a virar as cóstas para acompanhar o seu Rei na fugida para a montanha espessa da terra firme, aonde se pozeraõ em cobro. Os nossos seguíraõ o alcance até as pontes, aonde encontráraõ occupada na passagem muita gente da Cidade, que foi degollada sem piedade, excepto hum bom número de Damas especiosas, ás quaes a gentileza, ainda que amargurada, servio de carta de se-

Em vulg. ſeguro para a vida. Quando celebravamos o triunfo, chegou em noſſo ſoccorro o Rei de Linga com varias fuſtas carregadas de gente, e mantimentos. O Governador ſe aquartelou com elle no Paço do Rei, e o regalou com o mimoſo preſente de algumas das Damas captivas, que para ſer bem acceito levava a recomendaçaõ em ſi meſmo. Em quanto ſe recolhiaõ deſpojos ſummoſos, Ayres da Cunha, Duarte Coelho, e Tuaõ Mafamede ſeguíraõ ao ſoberbo Rei de Bintaõ já poſto em fugida, até darem de face com a eſpeſſura intractavel do boſque, donde ſe retiráraõ. Aquelle Principe fez romper por elle novos caminhos, que o conduzíraõ ao lugar de Viantana para paſſar nelle o reſto da vida; ſempre perſeguidor de Malaca, ſempre inimigo dos Portuguezes. O Rei verdadeiro de Bintaõ, a quem Alodin a conquiſtára quando perdeo Malaca, e andava deſterrado com o patrimonio perdido, o nós o chamamos, e lhe reſtituimos a Ilha com o juſto reconhecimento a taõ grande beneficio. Pedro Maſcarenhas depois

de

de estar nella quinze dias para dar ex- Era vulg.
pediçaõ aos seus negocios, voltou a Malaca com reputaçaõ nova sobre a primeira.

Chegado a esta Cidade cuidou elle nas suas providencias, que naõ lhe embaraçassem a viagem da India. O seu governo o encarregou a Jorge Cabral, e despedio Francisco de Sá com a Armada, em que levava 300 homens para ir edificar a Fortaleza de Sunda. Este Fidalgo foi mal succedido na sua expediçaõ; porque achou morto ao Rei nosso amigo, que nos promettêra a Fortaleza, e o successor tanto seu oposto nos sentimentos, que estava declarado nosso contrario; que recebeo de guerra a Francisco de Sá; que lhe degolou a gente de huma lancha, que mandou a terra; e que o seu poder era tanto, que Francisco de Sá naõ tendo forças para o combater, veio a Malaca pedir soccorros. Quando elle voltou, já Pedro Mascarenhas tinha partido para a India, e Jorge Cabral naõ se via em estado de diminuir a guarniçaõ, com que ficou por entaõ mallograda a em-

pre-

Era vulg. preza de Sunda pela falta da gente, que D. Jorge de Menezes levava para Maluco, e pela que pouco depois conduzio Gonçalo Gomes de Azevedo em seu soccorro.

Pedro Mascarenhas deixou Malaca taõ enfraquecida, advertindo que a derrota do Rei de Bintaõ lhe firmava a paz para muitos annos, de que já via os indicios na sobmissaõ, com que os Reis comarcãos lha pediaõ, e se congratulavaõ com elle pela ruina daquelle Tyranno. Firme nesta idéa, reforçou os tres Officiaes nomeados para as expedições de Sunda, e das Molucas, proveo as duas náos, em que elle, e Antonio da Silva navegáraõ para a India; mas como a sua chegada a Coulaõ foi já no anno seguinte de 1527, nós a trataremos nelle, e agora continuamos com o Governador Lopo Vaz de Sampayo, que sahio de Ormuz para voltar á India na companhia de Heitor da Silveira, que viera de Malaca com o Embaixador D. Rodrigo de Lima.

Chegáraõ ambos a Mascate no princi-

cipio de Agosto, donde Lopo Vaz des- Era vulg.
pedio a Heitor da Silveira com quatro
náos, e duas caravellas para esperar na
cósta de Dio as embarcações de Meca.
Neste tempo governava a Cidade Me-
lique Saca, filho de Meliqueaz, que
temeroso da crueldade do Soltaõ Ma-
mud, Rei de Cambaya, para segurar
a vida negociou entregar a Fortaleza aos
Portuguezes. Tratava-se esta negociaçaõ
com Christovaõ de Sousa, Governador
de Chaul, e nesta Praça estava o Emis-
sario de Melique Saca, quando chegou
a ella Lopo Vaz de Sampayo, que do
mesmo Emissario soube as intenções de
Melique. Veio pouco depois Heitor da
Silveira apresentar-lhe tres náos de Me-
ca taõ importantes, que só o quinto
d'El-Rei chegou à 600$000 pardaos.
Lopo Vaz teve por digna da pessoa de
Heitor da Silveira a commissaõ de ir a
Dio tratar o modo da entrega da For-
taleza, que deixou ajustado á satisfaçaõ
de ambas as partes. Em quanto elle vol-
tou a Chaul para instruir o Governa-
dor, que havia dar as providencias pa-
ra se tomar posse da dita Praça, o Mou-

Era vulg. ro Hag Mamud, parente de Melique, o divertio do projecto, tomou-lhe por trahiçaõ a Praça, entregou-a ao Rei de Cambaya, e Melique teve a felicidade de poder escapar com toda a sua familia em Jaquete.

## CAPITULO VII.

*Da discordia entre Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo sobre o governo da India, e os acontecimentos succedidos no tempo della.*

NÓS entramos na narraçaõ da rotura, de hum scisma politico na India, bem capaz de transtornar a firmeza do estabelecimento Portuguez naquelle Estado, se a Providencia naõ acudíra com o reparo ao golpe mortal, que o ameaçava. Pozéraõ-se em campo dous ambiciosos, naõ sei se ambos da honra, se da fazenda, ou se cada qual attento, e dividido entre estes dous objectos; na sua testa com hum intrigante déstro, para hum, officioso, para o outro, apai-

apaixonado; e começáraõ a separar os animos, que se inclináraõ, e dividíraõ entre os partidos, que lhes eraõ mais interessantes. Chegáraõ este anno á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Francisco de Anhaia, Tristaõ Vaz da Veiga, Vicente Gil, Antonio de Abreo, e Antonio Galvaõ. Logo se fez público, que El-Rei nomeava Governador a D. Henrique de Menezes já morto: que ordenava ao Vedor Affonso Mexia lhe remetesse fechadas, sem lhes dar algum uso, as vias, que levára o Conde Viso-Rei: que vinhaõ outras novas; mas além dellas remettida ao mesmo Vedor huma Provisaõ, se he que naõ foi fabricada na India a influencias suas, na qual El-Rei mandava, que fallecendo D. Henrique de Menezes, o mesmo Mexia nomeasse Governador a Lopo Vaz de Sampayo.

Era vulg.

Estas vozes vagas se acompanhavaõ da certeza constante da boa acceitaçaõ, que o Vedor tinha na Corte de Lisboa; que El-Rei lhe agradecia as dexteridades, com que se havia condu-

Era vulg. zido; que o encarregava de negocios importantes: acceitação, que achando lugar em hum espirito vivo para a saber aproveitar, encheo de corage o façanhoso Vedor para tirar a cára a público contra Pedro Mascarenhas a favor de Lopo Vaz, que então tinha chegado a Goa da viagem de Ormuz. Posto nas mãos do Patrono, e nas do seu Conselho, Lopo Vaz veio a Cochim, despedio as náos para o *Reino*, e vendo a Cidade dividida em bandos públicos, degradou os Chéfes do partido contrario, e mandou pôr avisos em Coulaõ para Pedro Mascarenhas saber, quando alli chegasse, como naõ vinha governar a India, por ser elle o nomeado pela nova Provisaõ do Rei remettida ao Mexia. Nas náos, que partíraõ para o Reino embarcáraõ D. Rodrigo de Lima, e o Embaixador, que com elle viera da Ethiopia, ambos recebidos por El-Rei em Coimbra com as demonstrações do maior prazer, da mais distincta honra.

Lopo Vaz bem instruido, ou fosse porque na realidade quiz ir atacar

os

os Rumes, que estavaõ na Ilha de Camaraõ, como elle jurou em público na presença de huma Hostia consagrada, ou fosse por evitar o encontro com Pedro Mascarenhas, como dizia a gente da India; elle sahio de Cochim com huma Armada na volta de Goa, deixando em regimento, que se alli chegasse o seu rival, ninguem lhe obedecesse. Ordem semelhante ficou em Cananor; e chegado a Goa, a viagem de Camaraõ foi revogada, e tomado o acordo, de que a seu tempo se esperassem os Rumes na ponta de Dio, aonde podiaõ ser atacados com maior vantagem: mudança de idéa, que confirmou a todos na que primeiro haviaõ concebido sobre a retirada de Cochim. Finalmente, Pedro Mascarenhas chegou de Malaca a Coulaõ correndo o mez de Fevereiro de 1527, e foi logo mandado visitar do Vedor com muitos refrescos, com huma carta de tantas civilidades, como indústrias, em que lhe recommendava naõ viesse a Cochim; mas partisse para Goa, aonde o Governador o esperava com

Era vulg.

1527

o

Era vulg. o alvoroço merecido das ſuas qualidades, da grande victoria, que acabára de ganhar ſobre o Rei de Bintaõ.

Pedro Maſcarenhas entende o eſtratagema, e o deſpreza; apreſenta-ſe em Cochim, e o reſoluto Mexia o notifica para naõ ſaltar em terra; elle intenta fazello, e ſe encontra na Praia com aquelle emulo acompanhado de gente armada, que eſpanqueia, fére a hum homem como Pedro Maſcarenhas, a ſeu ſobrinho Jorge Maſcarenhas, a outros Fidalgos, e homens da ſua comitiva: atrevimento, que naõ ſem grande nota da inteireza da juſtiça, ficou impunido, ſem hum exemplar de ſeveridade para conter audacias deſcommedidas. Cede o Varaõ conſtante á maior força; entrega as náos; reſolve-ſe ir a Goa para ſer requerente no Juizo cégo de Lopo Vaz de Sampayo; ſoffre em Cananor as repulſas forçadas da obediencia ſem olhos de hum amigo tanto do ſeu ſeio, como era D. Simaõ de Menezes, que lhe fornece embarcaçaõ para paſſar a Goa. O deſpotico Mexia avança os arrojos, de-

degrada, e remete Jorge Maſcarenhas preſo para Coulaõ; aos mais Fidalgos prende em ferros; e eſte particular ſe arroga a authoridade de arbitrio abſoluto no provimento do Governo da India: flatos de valîdo em Lisboa ſem recurſo contra elle em Cochim.

Era vulg.

Ayres da Cunha, que preſenciára todas as deſordens neſta Cidade, e foi mandado a Goa levar cartas do Vedor, e de Pedro Maſcarenhas a Lopo Vaz; eſte conſulta com os ſeus amigos a ſituaçaõ critica dos negocios, e todos aſſentaõ, que ao ſeu Competidor por caſo algum deve naõ o conſentir em Goa. Em reſulta deſte conſelho mandou Lopo Vaz tomar as embocaduras dos rios, que entraõ em Goa, por ſeu ſobrinho Simaõ de Mello, e por Antonio da Silveira, que eſtava para ſer ſeu genro, com ordem de prenderem a Pedro Maſcarenhas, e Simaõ de Mello o levar a Cananor. Appareceo na barra o infeliz Fidalgo em hum catur, ſem mais companhia, que a de dous pagens. Foi logo obrigado a amainar, e intimada a ordem reſpon-

deo:

Era vulg. deo : Que hum homem provido por El-Rei no governo da India, que vinha em tom de particular requerer a sua justiça perante Lopo Vaz, que occupava o seu cargo, nem commettia crime, nem merecia pena: que o deixassem entrar para fazer os seus requerimentos, a que Lopo Vaz deferiria como bem lhe parecesse. Ouvindo esta resposta taõ comedida, Antonio da Silveira se arrojou ao descomedimento de fazer a hum homem do tamanho de Pedro Mascarenhas a honra de lhe deitar dous pares de grilhões aos pés, e entregallo a Simaõ de Mello para o levar a Cananor.

Como se fossem réos, as pessoas, que vinhaõ com elle se trouxeraõ para o tronco de Goa carregados de ferros. Entaõ cresceo o escandalo até aos ultimos pontos do desconcerto, que contra Lopo Vaz desentoava as vozes pelas ruas, e praças públicas. Quiz prevenir as consequencias a santa simplicidade do Guardiaõ dos Franciscanos, que entre outras passagens célebres, com que teceo hum Sermaõ de concordia, te-

teve a bondade de deitar do pulpito abaixo hum requerimento ao Vigario Geral, em que lhe pedia da parte do Papa condemnaſſe em déz marcos de prata para a Sé, e fulminaſſe pena de excommunhaõ contra todos aquelles, que diſſeſſem que Lopo Vaz de Sampayo naõ era verdadeiro Governador da India. Em eſtylo mais concertado, e mais pathetico, em tom mais ſólido, e mais tocante eſcreveo a Lopo Vaz Chriſtovaõ de Souſa, Governador de Chaul, que pelas ſuas altas qualidades attrahia as gentes; e no eſpirito de Lopo Vaz fez impreſsões bem ſenſiveis. Elle lhe repreſentou a enormidade da rotura civil abominavel em todos os Eſtados, agora muito mais no da India ameaçado da invaſaõ dos Rumes, que faziaõ neceſſaria a concordia para a reſiſtencia: que entregaſſe o governo a ſeu domno; ou entraſſe com Pedro Maſcarenhas em juizo, para nelle ſe dar a juſtiça a quem a tiveſſe; ficando certo, que elle naõ obedeceria a algum dos pretendidos Governadores, em quanto naõ foſſe declarado le-

Era vulg.

Era vulg. legitimo por Juizes arbitros menos apaixonados, que o Vedor Mexia, taõ parcial como todos sabiaõ.

O Xarafo de Ormuz por ordem de Lopo Vaz veio prezo para Goa, quando nella tomavaõ novo corpo os desconcertos. Heitor da Silveira até entaõ partidario daquelle Governador, justamente escandalisado se poz na tésta dos Fidalgos para lhe requererem apresentasse em juizo as Provisões, que dizia, e ninguem víra; que Pedro Mascarenhas estava prompto para fazer o mesmo, e que se daria a justiça a quem a tivesse. Ferviaõ os requerimentos deste Fidalgo, e de outros do seu partido; mas quem os apresentava hia povoar o tronco de Goa carregado de ferros. Todos vacillavaõ, e Lopo Vaz mais que todos sentia a mudança de Heitor da Silveira, que determinou castigar arrogante, assaltando-o em casa com gente armada para o prender, e a muitos Fidalgos, que estavaõ nella, com ignominia. Sem soçobro do seu animo intrépido, Heitor da Silveira cedeo ao tempo; deixou-se prender

com

com outros, entre elles seus parentes D. Diogo, e D. Antonio da Silveira, D. Tristaõ de Noronha, D. Jorge de Castro, Nuno Fernandes Freire, e Jorge da Silveira. D. Simaõ de Menezes em Cananor despicou esta affronta, entregando as chaves da Fortaleza a Pedro Mascarenhas, reconhecendo-o Governador da India.

Era vulg.

Finalmente, para naõ allongarmos esta narraçaõ, ainda que recopilemos o estylo difuso, e impertinente com que o fazem os nossos Chronistas mais chegados á idade, em que succedeo esta memoravel discordia, nós concluiremos com dizer, que depois de requerimentos multiplicados, de prizões innumeraveis, de odios, de inimisades, de todos os effeitos, que costuma causar hum scisma teimoso; os dous competidores Lopo Vaz de Sampayo, e Pedro Mascarenhas vieraõ a comprometter-se em Juizes arbitros, que decidíraõ a causa a favor do primeiro, e que o segundo, conformando-se com a sentença, se embarcou para o Reino, como diremos no seu lugar proprio

Era vulg. prio ; porque o devem agora ter os acontecimentos das Molucas.

Nós deixámos estas Ilhas entregues por Antonio de Brito a D. Garcia Henriques, que achando a Fortaleza em necessidade de tudo, teve de ordenar a Martim Correa viesse a Banda proverse dos generos, que lhe faltavaõ. Fez elle a jornada a taõ bom tempo, que naõ só achou ainda a Antonio de Brito; naõ só se encontrou com os navios de Manoel Falcaõ, que Pedro Mascarenhas mandára de Malaca áquellas Ilhas, mas soube que nellas se avistáraõ duas náos, que pela figura se entendeo seriaõ de alguma Fortaleza Castelhana, que nos fosse inquietar a Ternate. Por esta causa aquelles dous Capitães soccorrêraõ com gente, munições, e viveres ao Correia, que sem demóra voltou para Maluco. Por este tempo D. Garcia com o Rei Almançor de Tidore andava em ajustes de paz, que Cachildaroes, já Tutor do minino Rei Bohat, desejava impedir, como prejudiciaes á sua conservaçaõ. A paz se concluio, e o Rei para adoçar

o desgosto do Cachil lhe offereceo huma filha em casamento, que D. Garcia tambem quiz, e naõ pode embaraçar, como pernicioso aos nossos interesses.

Era vulg.

Tinha Almançor concluido estes grandes negocios, quando lhe sobreveio huma grave doença, que o obrigou a pedir a D. Garcia hum Medico, para o curar. Elle lhe enviou hum Boticario, disse-se, que bom fabricador de veneno, que o matou. A tempo, que a sua Corte estava para dar sepultura ao cadaver, D. Garcia com o pretexto da falta de cumprimento a alguns dos Artigos da paz, entrou nella sem ser sentido, levou-a a ferro, e fogo, reduzio-a a hum monte de cinzas, e cheio de vaidade por esta façanha víl, se embarcou mui satisfeito. Os Tidorezes recobrados acclamáraõ por seu Rei a Cachil Raxamira, filho do defunto, que nos declarou viva guerra; e os barbaros das Ilhas visinhas concebêraõ tal horror da perfidia de D. Garcia, que os seus Reis ouviaõ com escandalo o nome Portuguez, fugiaõ, e abominavaõ o seu commercio.

Pe-

Era vulg. que ella temerosa de alguma indignaçaõ futura naõ o abandonasse, e com elle partisse para o Reino, ou para lhe mostrar, que o mesmo Lopo Vaz sabia ser affavel, e rigoroso, depois de Governador benigno, quando pretendente severo. Fosse qualquer dos dous o motivo da mudança das suas exterioridades, elle conseguio o fim da idéa, e vio sobmettidos ás suas ordens os Fidalgos mais direitos, que elle mal podia esperar ter inclinados. He partido vantajoso em quem governa saber mudar de affectos, revestillos da côr propria das conjunturas, e os que se descobrem ornados da lenidade, da condescendencia, da brandura, da attençaõ, sempre saõ agradaveis ás vistas, magnetes das vontades, Absalões officiosos ás portas da Cidade, ladrões de toda a qualidade de espiritos.

Sem perder tempo Lopo Vaz se empregou nos expedientes sérios do governo. Elle quiz partir logo para a Ilha de Camaraõ a queimar a Armada dos Rumes, approveitando-se da sua desordem sediciosa, que havia tirado a vida

da ao Chéfe Solimaõ; mas a Nobreza com o fundamento da guerra de Calecut, e com o dos animos dos Portuguezes, ainda naõ bem concordes, o impedio. Ordenou porém que fizesse esta viagem de observaçaõ Antonio de Miranda de Azevedo com huma Fróta de treze náos, e mil homens, de que nomeou Capitães alguns dos que seguiraõ a voz de Pedro Mascarenhas. Porque Christovaõ de Sousa embarcára para o Reino, proveo no governo de Chaul a Francisco Pereira Pestana em premio dos seus relevantes serviços. Remunerou os que fizera Ayres da Cunha na ultima guerra de Bintaõ com a Fortaleza de Coulaõ. Mandou a Simaõ de Mello, que com huma náo, e huma caravella cruzasse os mares das Maldivas; e em Cananor proveo a D. Joaõ Deça para fazer a guerra no Malabar com onze navios.

Era vulg.

Despachou a Martim Affonso de Mello Zuzarte com onze vélas para Ceilaõ em soccorro do Rei de Cota, com ordem de passar a Malaca, e entregar esta Fróta a Francisco de Sá e Mene-

Era vulg. zes para ir fundar a Fortaleza de Sunda. Para Governador de Malaca despedio a Pedro de Faria, que levou comsigo a Simaõ de Sousa Galvaõ, que hia render a D. Jorge de Menezes no governo das Molucas. Proveo a Christovaõ de Mendoça na Fortaleza de Ormuz, e com elle foi solto, e livre o célebre Xarafo para ainda ir molestar os infelices Reis daquelle Estado. Dadas estas providencias, o Governador se embarcou na Armada para Goa; mas sabendo no caminho, que em Baçanor estavaõ 30 paráos armados para escoltarem a Calecut outros 50 carregados de arroz; elle investio a entrada do lugar, que segunda vez reduzio a cinzas, tomou todos os paráos, os bons que trouxe para Goa, os mais inferiores, que foraõ queimados por Antonio da Silveira.

Na cósta do Malabar D. Joaõ Deça cumpria bem os seus deveres. Avisando-o que em Mangalor estava huma Armada do Çamorim, foi a este porto, e naõ a achando arrasou a povoaçaõ. Na volta para o Malabar en-

con-

controu a Armada, que se compunha de 60 paráos ás ordens do bravo Mouro China Cotiale, que vinha em nossa demanda para nos atacar. A desigualdade de déz embarcações para cada huma das nossas, obrigou D. Joaõ a encadear a sua galé com algumas fustas, e esperar os Barbaros nesta fórma. A primeira descarga mettemos no fundo alguns paráos. Seguio-se a abordagem, a que os Portuguezes se arrojáraõ com o seu valor ordinario. A este cedeo o número; e entrado Cotiale, deitado no convéz aberto em feridas, arreado o seu pavilhaõ de Almirante, enfraquecem as tripulações para a resistencia; rendemos 40 paráos; degollamos 1500 Barbaros; quasi outros tantos fizemos captivos; perdemos vinte homens; porque Cotiale ainda estava vivo o fizemos curar; e D. Joaõ cheio de gloria entrou em Cananor a encarregar-se da Fortaleza, entregue por D. Simaõ de Menezes, que se embarcou para Cochim.

Era vulg.

O Governador, que se achava em Angediva, na viagem para Goa, naõ

sof

Esp. vulg. soffria o resentimento, que lhe mostrava hum Fidalgo da reputaçaõ de Heitor da Silveira, taõ bem visto em Lisboa, como na India. Elle o busca, o satisfaz, derrama sobre elle todos os perfumes de delicadeza, que naõ pódem deixar de produzir cheiro de suavidade. Ainda o Silveira quizéra resistir; mas já naõ era facil a hum espirito de tanta generosidade contrariar officiosas rogativas. Elle se rende, e apoz o seu exemplo todos os mais, que olhavaõ a Lopo Vaz, como hum intruso. A offerta de huma grossa Armada para a cósta de Cambaia foi o primeiro effeito da gratidaõ do Governador, que a entregou a Heitor da Silveira logo que chegou a Goa. Constava ella de quatorze navios com 400 homens, taõ independente o seu Chéfe por graça especial, que Commandante algum das Praças, aonde entrasse lhe poderia dar ordens, nem elle teria obrigaçaõ de as observar, se para isso fosse instado.

Incansavel no governo Lopo Vaz, mandou a Manoel da Silva com huma

Fró-

Fróta de seis fustas guardar os mares de Goa até Chaul: a Manoel da Gama com quatro fustas, e huma náo a correr a cósta de Coromandel, que elle deixou limpa de pyratas: a Joaõ de Flores para a Feitoria do aljofar com huma caravella, huma barca, e tres fustas. Este foi infeliz na arrecadaçaõ da renda da pescaria, em que andava só com as duas primeiras embarcações; porque encontrando vinte navios dos piratas de Ceilaõ, o abordáraõ, e sem dar quartel lhe passáraõ á espada 26 homens da sua companhia depois de vendêrem as vidas por alto preço. As tres fustas da sua conserva, sabendo a mórte do Flores, antes que os piratas viraſſem sobre ellas, se foraõ incorporar com Manoel da Gama.

Era vulg.

Nas Molucas atiçou todo o seu furor o espirito da discordia, que derramou indomavel nos dous genios duros de D. Garcia Henriques, do seu successor D. Jorge de Menezes, nos dous partidos de hum, e outro Fidalgo: rotura, que hia sendo causa do nosso dominio naquellas Ilhas ficar em pre-

Era vulg. za aos Castelhanos vigilantes em Tidore para se aproveitarem de taõ favoravel conjunctura. Queria D. Jorge, que D. Garcia se recolhesse a Malaca pelo rumo de Borneo, como lhe ordenára Pedro Mascarenhas: D. Garcia determinava fazer a jornada pelo caminho de Banda, aonde tinha prevenidos interesses avultados. Do quero, e naõ quero destes dous Chéfes resultou tomarem as armas os seus partidos, e tambem os Castelhanos para dissiparem o que ficasse victorioso. Instado D. Garcia por homens prudentes, que viraõ canhões assestados contra a sua casa, fizéraõ com elle, que cedesse ao tempo; que se fosse metter voluntario na prisaõ, como executou; mas encontrou hum par de grilhões, com que o odio fulminante, sem attençaõ ao nascimento, lhe abateo a authoridade.

Este proceder escandaloso irritou aos Castelhanos, e ao Rei de Geilolo para tomarem o partido de D. Garcia, e declararem a guerra a D. Jorge. O mesmo intentáraõ os seus amigos, que buscáraõ no Sertaõ a Cachildaroes para

ra

ra como as suas forças descarregarem o golpe mais pezado sobre a insolencia. Para que apparecesse Iris no meio da tempestade, naõ teve D. Jorge mais remedio, que soltar a D. Garcia, e tratallo em tom de amigo. Naõ podia elle imprimir boa harmonia no ouvido delicado de D. Garcia, que em nada cuidava tanto, como em corresponder a D. Jorge com outro som igualmente dissonante. Elle tomou taõ bem as medidas, que quando este Fidalgo menos o pensava; quando Cachildaroes, e o Rei de Bachaõ estavaõ em Ternate declarados contra elle; quando por instancia do Alcaide Mór elle permittio a Francisco de Castro, que levasse boa parte da gente juntar ao campo em distancia de huma legoa; D. Garcia com os seus amigos entra pela Fortaleza, toma posse della, prende a D. Jorge, metteo em huma masmorra carregado de ferros, e o mandou atar a huma peça de canhaõ.

Era vulg.

A este impeto de atrevimento, que foi despique de outro semelhante; ao rebate, que tocáraõ os amigos do

pre-

Era vulg. prezo, acudio o Alcaide Mór com a gente, que eſtava no campo; mas vendo a D. Garcia ſenhor da Fortaleza, ſocegado ſobre o muro, naõ pode executar mais acçaõ, que deſafogar em improperios contra elle. Como entaõ houve huma revolta geral, em que ſe intereſsáraõ os naturaes do Paiz, Cachildaroes, os Caſtelhanos, o Rei de Tidore; foi D. Garcia perſuadido naõ quizeſſe arriſcar a Fortaleza d'El-Rei, que com a pouca gente, que tinha, naõ poderia defender; que ſoltaſſe a D. Jorge, lhe entregaſſe o governo, e que ſem ſe vêr com elle fizeſſe a ſua jornada. Como no tempo da priſaõ de D. Jorge os Caſtelhanos ſe apoderáraõ da Ilha de Macuuſe, D. Garcia quiz evitar outras reſultas mais perniciosas; tomou a reſoluçaõ de ſeguir a ſua jornada para a India no navio de Pedro Botelho, com condiçaõ, que depois delle eſtar embarcado, o Alcaide Mór Simaõ de Vera ſoltaria a D. Jorge; mas antes de ſahir da Fortaleza mandou encravar toda a artilharia; naõ ſuccedeſſe D. Jorge depois

pois de solto fazer-lhe fogo sobre o navio. Era vulg.

Chegou D. Garcia a Banda, quando ferrava o mesmo porto Gonçalo Gomes de Azevedo, que Jorge Cabral, Governador de Malaca, mandava do soccorro a Ternate, como fica dito. Pouco depois veio Vicente da Fonseca, que como fora testemunha das desordens referidas, e era creatura de D. Jorge de Menezes, logo D. Garcia se receou, que elle negociasse com Gonçalo Gomes em seu prejuizo. Ainda que naõ conseguio a prisaõ de D. Garcia, logrou tomar-lhe o navio com o pretexto de engrossar o soccorro para Ternate, deixando-o naquella Ilha. Elle chegou no tempo mais opportuno para se sustentar a guerra com os Castelhanos, que estavaõ arrogantes com o reforço vindo da nova Hespanha ás ordens de Alvaro de Savedra, que perturbou por muito tempo o nosso socego em Ternate, e em todas as Molucas.

Em quanto se passavaõ estas cousas, Christovaõ de Sousa tomava posse

Era vulg. se do governo de Ormuz, e restituia aos seus empregos o Ruix Xarafo, que indo para Goa com figura de criminoso, elle descobrio meios para voltar a Ormuz como huma imagem da innocencia. Nós veremos a seu tempo ter elle a mesma habilidade em Lisboa, quando nella se via a justiça sem excepçaõ de pessoas. O novo Governador quiz avisar a El-Rei da morte de Solimaõ, General dos Turcos; da desordem da sua Armada; como se lhe desconcertáraõ os projectos sobre a India; e encarregou esta jornada a Antonio Temeiro. Elle a emprehendeo por terra. Foi a Baçorá; naõ achou a caravana de Damasco; toma huma nova corage até entaõ naõ vista; atravessa com huma bussola o espantoso deserto da Arabia sem mais sociedade, que a de hum guia; com felicidade incrivel chega a Alepo, aonde se embarca para a Ilha de Chypre; passa a Italia, a Genova, a Marselha, entra em Lisboa. O Rei, a gente, o Povo o recebe com applausos; e feita a supputaçaõ das suas jornadas, se demonstrou que

a

a haver em Portugal muitos Tenreiros, cada tres mezes saberia novas da India. Era vulg.

Martim Affonso de Mello Zuzarte, que nas ordens públicas hia encarregado de soccorrer o Rei de Cota contra Paté Marcar, General do Çamorim, e nas particulares se lhe incumbia ir fazer a Fortaleza de Sunda, para que estava destinado Francisco de Sá e Menezes, como nós deixamos dito; bastou a fama da sua vinda para aquelle General se pôr em retirada. De Ceilaõ foi elle a Paleacate a invernar. Aqui pode a gente penetrar o designio occulto da viagem do Sunda, e se queixou altamente deste engano pouco toleravel ao genio Portuguez. Parte della lhe fugio, outra quiz queimar as nove náos da Armada, e para a socegar foi necessario a Martim Affonso prometter, e jurar, que a sua derrota naõ passaria de fazer o corso nos mares de Bengala. Cruzando os de Arracaõ lhe sobreveio huma tempestade, que separou todas as náos. A de Martim Affonso se desfez na cósta; salvouse elle no batel com

Era vulg. 60 homens, que depois de soffrerem grandes penalidades, cahíraõ nas mãos de Codevascaõ, vassallo do Rei de Bengala, e Governador de Chatigaõ, que os tratou com humanidade. Acabado o temporal, Duarte Mendes de Vasconcellos, e Joaõ Coelho, dous dos seus Capitães, que os buscavaõ por aquelles portos, os vieraõ achar em Chatigaõ. O seu Governador naõ os deixou embarcar para se servir delles em huma guerra, em que o fizeraõ victorioso. Os navios, que os esperaraõ, tornáraõ sem elles; porque o Barbaro queria resgate, que Lopo Vaz de Sampaio lhe mandou, e elles chegáraõ á India governando já Nuno da Cunha.

Na narraçaõ dos successos dos Capitães, que aquelle Gvernador despachou, e que nós vamos seguindo, nenhum delles foi taõ gloriosamente infeliz, como Simaõ de Sousa Galvaõ, que nevegava para Maluco. Hum temporal furioso o apartou da conserva de Pedro de Faria, que hia nomeado Governador de Malaca, e o levou aó porto de Achem, naõ lhe sendo possivel forçar

os

os mares para deixar de entrar nelle. O Rei perfido o quiz enganar com os cumprimentos, que lhe mandou fazer por vinte fustas com mil homens; e porque elle naõ os acceitou, a sua galé foi investida, entrando a sustentar hum dos combates mais gloriosos, que se viraõ no mundo. Poucos Portuguezes cançados das fadigas da tormenta taõ longa, nesta primeira resistencia mettêraõ alguns vasos no fundo, degoláraõ 300 Barbaros, fugíraõ os mais. O Rei, que de terra via o combate, e o destroço, entrou em furor, que os seus lhe moderáraõ atestando, que os Portuguezes combatiaõ naõ como homens, mas como féras, á maneira dellas derramados, e indomitos.

Era vulg.

Despede elle outras cincoenta fustas com 2000 homens de refresco para renovarem os cumprimentos, persuadirem a Simaõ de Sousa o affecto do Principe aos Portuguezes, e que naõ lhe permittindo a tempestade sahir do porto, viesse a terra receber os Reaes favores. Segunda vez regeita Simaõ de Sousa as offertas fraudulentas; começa

se-

Em vulg. ſegunda batalha. Por todas as partes he entrada a galé ; mas o valor ſobre a multidaõ logra tantas vantagens , que coberto o mar de mórtos dos muitos vivos , que ſe reveſavaõ , tintas as agoas do ſangue Barbaro , e Chriſtaõ indiſtinctamente miſturado , tanta fuſta , tantos homens bem cortados por taõ poucos , fogem , retiraõ-ſe , dentro do ſeu meſmo porto deſmaiaõ. Permittio entaõ o Juizo Supremo , e ineſcrutavel , que hum Mouro , noſſo eſcravo , ſe lançaſſe ao mar , e foſſe nadando reprehender os inimigos por abandonarem o combate , quando a maior parte dos Portuguezes eſtava mórta , o reſto delles ferido , incapaz de mais reſiſtencia.

A eſte tempo vinhaõ de terra novos reforços , com que os inimigos voltáraõ com a confiança de quem hia dar á galé hum reboque para a vararem em terra. Elles encontráraõ os animos taõ inteiros em corpos deſpedaçados , que tiveraõ de ſuſtentar nova batalha. Com o pezo della foraõ cahindo os feridos como mórtos , os poucos sãos ſem vida. Morrêraõ os bravos Fidalgos Simaõ

de

de Sousa Galvaõ atravessado de huma setta pelos peitos, D. Antonio de Castro, Manoel de Sousa, Antonio Caldeira, e Jorge de Castro. Aqui acabáraõ quatro filhos do memoravel Duarte Galvaõ, que tambem deo a vida no serviço do Rei na Ilha de Camaraõ em idade de 80 annos, vindo da Embaixada da Ethiopia, como se disse em seu lugar. Além do Simaõ de Sousa, os outros alentados moços se chamavaõ Jorge, Manoel, e Rui Galvaõ. Vinte e cinco Portuguezes foraõ levados semivivos ao impio Rei, que lhes disse: Eu vos mando curar; em estando sãos, elegei entre vós hum, que vá a Malaca dizer ao Governador mande buscar a galé, e os mais companheiros, porque quero paz com os Portuguezes: engodo infame, com que este Barbaro queria pescar outros para multiplicar a horribilidade dos massacros.

Era vulg.

Ultimamente, Antonio de Miranda fez ao Estreito huma viagem mais esteril de gloria, que de proveito, mais interessante, que famosa. Chegando á altura do seu regimento dividio a Esqua-

Era vulg. dra em tres para nada paſſar por aquelles mares, que naõ foſſe preza. Vinte náos grandes carregadas com fazendas de valor ineſtimavel deixáraõ ricos do General até ao grumete mais vil. Os ventos contrarios lhe embaraçáraõ chegar á Ilha de Camaraõ, que era o deſtino da ſua jornada; mas em Cayxem ſoube a ſediçaõ dos Turcos, a mórte do Baxá Solimaõ, das cinco galés, que ſe levantáraõ; que o groſſo da Armada ſe havia retirado para *Suez*. Elle queimou a Cidade de Zeila, cujos habitantes a tinhaõ deſamparado, naõ deixando nella peſſoa, que combater, nada para pilhar. O Inverno elle o paſſou em Ormuz; e na volta huma tempeſtade violenta lhe diſſipou a Eſquadra na altura de Dio. Henrique de Macedo, e Antonio da Silva ſoffrêraõ o tempo ſobre ferro. Lopo de Meſquita encontrou hum grande galeaõ com 200 Mouros, que o abordou. Elle, e ſeu irmaõ Diogo de Meſquita com 20 ſoldados o entráraõ; mas com o golpe das ondas, e arfar dos navios, elles abríraõ por muitas partes, rompêraõ

os

os cabos, apartáraõ-se, e estavaõ nos termos de ir ambos ao fundo. Era vulg.

A gente, que ficou na náo do Mesquita, antes que se alagasse, velejou para Chaul, aonde chegou a salvamento. Os dous irmãos Mesquitas com os vinte soldados no galeaõ dos Mouros, vendo-se desamparados pozéraõ nos braços a salvaçaõ da liberdade, e entráraõ a peleijar, naõ como homens, como monstros. Acçaõ incrivel; mas verdadeira. Vinte e dous homens contra 200 mataõ a maior parte, e o resto que escapa, levado do amor da vida, que se lhes promette, ajuda os Portuguezes a tomar as muitas aguas, que o galeaõ fazia. Lopo de Mesquita para aproveitar os caixões de ouro, que vinhaõ nelle, os mette no batel com seu irmaõ, e alguns Portuguezes para esperar a hum dos bórdos o successo. Elles que temêraõ ir a pique com o galeaõ, quando se sobmergisse, apartáraõ-se, seguíraõ a sua derrota triste; sem que os podessem deter as vozes de Lopo de Mesquita. Este foi taõ feliz no seu trabalho, ajuda-

Era vulg. do dos Mouros rendidos, que metteo o galeaõ em Chaul, aonde já achou a Antonio de Miranda. O batel foi tomado por Alixa, General da Armada de Cambaia, que o apresentou ao seu Rei. Elle quiz obrigar os Portuguezes a abjurar a sua Religiaõ: o Mesquita se lhe mostrou sempre firme, e immovel. Sultaõ Badur o manda metter em huma grossa bombarda para o fazer voar em peças; mas o Mesquita entra nella com hum ar taõ deliberado, que o Rei se assombra; manda-o recolher com os companheiros da sua constancia, que todos depois foraõ resgatados.

Henrique de Macedo tambem se separou com a tempestade, e foi investido pelo mesmo Alixa com 33 galeotas, que rodeáraõ a náo. Os nossos fizeraõ nella outra defensa monstruosa com perda de várias embarcações, e muita gente de Alixa. Como as ballas choviaõ, a náo perdeo todos os mastos, as obras mórtas, e naõ se via mais que o casco sobre as aguas, taõ respeitoso aos Barbaros, que naõ se atre-

viaõ

viaõ a abordallo. Hum dia inteiro tinha durado o porfiofo combate, quando para livrar a Henrique de Macedo appareceo felizmente com a fua náo Antonio da Silva, defgraçadamente para elle mefmo, porque foi o unico que morreo de huma balla pela cabeça. Os foldados naõ fe embaraçáraõ com a mórte do Chéfe para deixarem de continuar a peleija, até fazerem fugir Alixa. Depois deraõ hum cabo á náo, e a mettêraõ em Chaul taõ crivada por ambos os coftados, o Macedo taõ desfigurado, que fe teve por hum milagre fuftentar-fe ella fobre as aguas; elle apenas havia quem o conhecesse por homem.

Era vulg.

# LIVRO XLV.

## *Da Historia Moderna de Portugal.*

## CAPITULO I.

*El-Rei nomeia Nuno da Cunha para Governador da India, e escrevem-se as acções de Lopo Vaz de Sampayo até á sua chegada.*

Era vulg. O Écco da discordia entre Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo; que no fim do anno passado chegou ao Reino; o estrondo da Armada dos Turcos no Estreito, que dissemos se desfez pela revolta dos seus Officiaes; fizeraõ nelle huma harmonia taõ dissonante, que El-Rei cuidou em prevenir as consequencias funestas com que a India estava ameaçada. Sem demora mandou aprestar huma grossa Armada de onze náos, em que embarcá-

raõ

raõ quaſi 40000 homens, de que hia por Chéfe o novo Governador da India Nuno da Cunha, filhó de Triſtaõ da Cunha, e com elle os Capitáes ſeus irmãos, Simaõ da Cunha, e Pedro Vaz da Cunha, D. Fernando de Lima, Franciſco de Mendoça, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, D. Franciſco Deça, Joaõ Freire, Bernardim da Silveira, e Affonſo Vaz Zambujo. Sahio Nuno da Cunha de Lisboa em Abril do anno precedente, e levava em regimento: Que a toda a deſpeza fizeſſe huma Fortaleza em Dio para refrear a inſolencia dos Turcos, que por aquella parte invadiaõ a India: que em Calecut edificaſſe outra em lugar da que arrazára D. Henrique de Menezes, para conter a falta de perſiſtencia do Çamorim: que lhe remetteſſe prezo a Lopo Vaz com toda a ſua fazenda confiſcada; e que ſe os Turcos vieſſem aos noſſos mares, com todo o poder da India foſſe atacallos ſem temér ás contingencias.

Era vulg.

Em quanto eſta Eſquadra navega, nós iremos encontrar-nos com o Go-

ver-

Era vulg. vernador Lopo Vaz de Sampayo, que havendo estado em Goa até agora, tambem quiz tentar a sua fortuna na guerra, e buscar os inimigos na propria casa. Informado pelo Vedor Mexia, de que em Calecut se carregavaõ náos para Meca, mandou treze navios de remo impedir-lhes a sahida. Elles foraõ taõ desgraçados com hum temporal, que se desfizéraõ na cósta de Chatúa, aonde os poucos homens, que escapáraõ das ondas, em terra foraõ barbaramente despedaçados. Á soberba, que este successo causou no Çamorim correspondeo o ardor, com que Lopo Vaz se preparou para a vingança. Em seis dias partio com a Armada para Cochim, deixando no governo de Goa a Antonio de Miranda, e bem depressa se encontrou com o mesmo, que buscava. Simaõ de Mello, que se havia avançado até o monte Deli, avisou ao Governador, que o Cutiale de Tanor sahíra com huma Fróta de 150 vélas, que naõ tardou em apparecer, quando Simaõ de Mello acabava de se incorporar na nossa Armada.

Lo-

Lopo Vaz naõ pôz em dúvida lançar-se aos inimigos com treze fustas, huma das quaes montou elle mesmo. Á vista de Cananor se atacou o combate, que durou duas horas espantoso. Já a victoria se declarava pelos Portuguezes, mettidos a pique muitos navios contrarios, morta innumeravel gente, quando chegáraõ as nossas náos, que entrando pelo meio da Armada, a foi servindo por ambos os costados com hum fogo horrivel. Entaõ passou a ser geral a derrota dos inimigos, que se pozéraõ em fugida depois de lhes mettermos a fundo 18 navios, tomado 22, peças de artilharia 50, degollado, e cativado 2000 Mouros, sem que da nossa parte houvesse mais que alguns feridos: accidente, que unido á desigualdade das forças, e ao rápido da batalha fez estimar na India a victoria por hum milagre. Depois della foi Simaõ de Mello devaçar os rios daquella cósta, aonde queimou outros 26 navios, reduzio a cinzas a Cidade de Chatúa, poz o fogo a outros muitos lugares até Cranganor.

Era vulg.

Aqui

Era vulg.

Aqui o encontrou o Governador, e lembrando-ſe das inſolencias, que o Arel tinha feito aos Portuguezes, reſolveo ir caſtigallo na ſua Cidade de Porcá. Em vaõ pretendêraõ defender-ſe os moradores: aquelles, que naõ fugíraõ, foraõ paſſados aos fios das eſpadas. Entregue a Cidade á pilhagem das trópas, achåraõ deſpojos immenſos, muita artilharia, treze navios, que foraõ preza dos vencedores. O Arel, que eſtava auſente, teve o deſgoſto de lhe ficarem captivas a mulher, e a irmã, que elle reſgatou pelo preço de huma humilde paz. A eſte porto chegáraõ entaõ as náos de Garcia de Sá, e de Antonio de Saldanha, que déraõ a Lopo Vaz a noticia da vinda de Nuno da Cunha para Governador da India; mas que naõ ſendo chegado até aquelle tempo, provavelmente invernaria em Moçambique: o que Lopo Vaz mandou examinar por Sebaſtiaõ Freire. Elle continuou a derrota pela cóſta do Malabar, e recolhido a Goa, a mandou ſeguir por Antonio de Miranda com huma boa Eſquadra.

Sem despir as armas, Francisco Pereira de Berredo, Governador de Chaul, empenhou a Lopo Vaz em outra nova guerra. Elle lhe representou que Alixa, General de Cambaya, estava senhor dos mares com 80 náos, a Fortaleza necessitada de tudo, e que havendo aquelle Soberano atacado ao Nizamaluco, este Principe lhe mandava pedir soccorro. Lopo Vaz armou logo 52 navios de todos os lotes para ir encontrar Alixa, que soube em Chaul naõ lhe ficava longe. Elles se encontráraõ sobre a tarde, e para o outro dia ficou determinada a batalha, que se deo á vista de Bombaim. Heitor da Silveira levava a vã-guarda com os navios ligeiros, e o Governador commandava as náos de alto bórdo com os Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, que quizeraõ ter este descanço na sua chegada, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Simaõ de Mello, e Henrique de Macedo. Ambos os Chéfes se dividíraõ para metterem os inimigos entre dous fógos. Heitor da Silveira se coseo com a terra

Era vulg. 1529

Era vulg. ra o mais que pode, e elle só combateo com o pequeno destacamento de oito navios, que se lhe destináraõ para guardar a embocadura do rio Maim: Alixa postou a sua Armada em tres linhas, cobrindo elle a ultima.

Elle rompeo a batalha dando a primeira descarga ao longe com mais de ostentaçaõ, que de effeito. Os nossos se chegáraõ, e estando a tiro certo, o estrondo fez tremer os mares, e assustar a terra. Francisco de Barros de Paiva foi o primeiro, que entrou huma galé, aonde peleijou só largo tempo, e teve tal fortuna, que pegando nella o fogo, cahio dentro de huma fusta nossa ligeiramente ferido. Heitor da Silveira trabalhou por se ferrar com Alixa; mas ficando-lhe muito pela reta-guarda, foi axorando quanto lhe fazia resistencia por diante. Naõ tardou em se declarar a victoria á vista do estrago, taõ horroroso para Alixa, que foi o primeiro em romper a fugida, assim como o fora em atacar a batalha. Os seus Officiaes, que naõ tinhaõ obrigaçaõ de ser mais valentes, o seguí-

guírao, e poderao salvar sete galés em Taná. Outras entrárao em Nagotana, em nosso poder ficárao 46, queimadas tres, tomamos 80 canhões grossos, e muitos miudos, entre mórtos, e captivos 800 Turcos, 200 Bombardeiros, mais de 2000 de Cambaya. Haverá quem creia, que em tamanha victoria nao perdemos mais que hum homem, que nos cahio no mar? Assim o dizem todos os nossos Historiadores, e nao he esta a primeira occasiao na India, em que contra inimigos cheios de valor nos succedêrao casos para milagres opportunos, para accidentes raros.

Era vulg.

Na consternaçao, em que ficou Cambaya com esta derrota, era infallivel a entrega de Dio, como o pensou Lopo Vaz. Ou fosse o rancor occulto de alguns dos seus Officiaes, ou em attençao ao novo Governador, que esperavao; elles lhe impedírao a gloria desta vantagem, que tanto se desejava em Portugal. Elle se fez na volta de Goa, sentindo já nos que o serviao officiosos as vesperas da falta de respei-

to,

Era vulg. to, que vio depois consummadas, como Heróe Portuguez, em premio de tantos assignalados serviços. Heitor da Silveira ficou naquelles mares para se aproveitar do bom semblante da guerra. A sua primeira invasaõ foi no rio de Nagotana, aonde queimou cinco Lugares. Depois do estrago acudio o Governador da Praça ao campo com 600 cavallos, e 20000 Infantes. Heitor da Silveira, que se embarcava, lhe fez rosto, combateo por necessidade, e triunfou por fortuna. Hum bravo soldado, sem outro nome, esperou hum Mouro, que o buscava com a lança enristada, atravessou-o por hum braço, deitou-o a terra, montou no seu cavallo, foi a outro, metteo-lhe a lança pelos peitos, tomou o cavallo de redea, e veio offerecer ambos ao seu Chéfe, pedindo-lhe o armasse cavalleiro. Elle lhe fez a graça; mas este homem, que só se chama soldado antes da heroicidade, soldado ficou depois della. Só Lopo Vaz o honrou como pode, trazendo-o ao seu lado em quanto esteve na India.

In-

Incançavel o intrépido Silveira, entrou por Baçaim, ganhou as trincheiras, e quando perseguia os fugitivos, Alixa lhe sahe ao encontro com tres mil homens de cavallaria, e infantaria. Bem pensou o Silveira, que elle hia atacar em terra o mesmo General, com quem se batêra no mar. Feita a sua gente em peças, elle deixando-se vêr pelas cóstas, Heitor da Silveira entra na Cidade, e a queima. O Rei de Taná prevenio successo semelhante com o tributo annual de 4000 pardaos. Por outros lugares da cósta correo este raio devorante levantando incendios, que aggravassem a vista do Rei de Cambaya. Alguns dos seus camaradas naõ se mostráraõ menos ardentes por diversas partes. O alentado Joaõ do Avelar, que o Governador mandára com hum corpo de trópas em soccorro ao Nizamaluco, tomou por escalada huma praça de Cambaya, que entregou áquelle Principe.

Era vulg.

Antonio de Miranda no Malabar entrou em Chael, tirou do porto huma náo muito importante, e deo fogo á Ci-

Era vulg. Cidade. Succedeo, indo elle ao largo, vir por terra Christovaõ de Mello com huma galé, e seis fustas, que foraõ acomettidas na mesma cósta por 50 paráos. Fez elle que fugia para o mar até avistar o Miranda, e virou de bórdo carregando os inimigos. O Miranda veio sobre elles, que só cuidavaõ em salvar-se; mas na fugida lhe tomáraõ quatorze paráos. O Governador Lopo Vaz, se da sua parte tinha as armas pendu-radas em Goa, naõ se poupava na applicaçaõ dos meios, que fazem hum Estado florescente. Elle se occupava em restabelecer a policia, em reformar os abusos, em corrigir as intrigas dos Officiaes da Fazenda, em reparar os armazens, em renovar algumas fortificações, em esquipar muitos navios, em fazer brilhantes os Templos, para que chegando o successor, que esperava, em tudo achasse que Lopo Vaz se conduzíra em hum governo de emprestimo, como se fosse seu de propriedade.

Este successor, como fica dito, era Nuno da Cunha, que sahindo tarde de Lis-

Lisboa, a ſua jornada foi huma das mais infelices. Tres das ſuas náos naufragáraõ, outras ſe dividíraõ com tormentas; duas, que diſſemos, chegáraõ á India com Garcia de Sá, e Antonio de Saldanha; as mais invernáraõ em differentes partes; a do Governador varou na cóſta de S. Lourenço; mas tudo ſe ſalvou, e recolheo na náo de ſeu irmaõ Pedro Vaz da Cunha. Elle invernou com tres náos em Mombaça, donde fez retirar o Rei, e os moradores por força a embrenhar-ſe nos boſques. Depois ſe nos ſobmettêraõ tributarios; mas ſobrevindo huma epidemia, que tirou a vida a muitos Portuguezes, entre elles a Pedro Vaz da Cunha, os Barbaros rompêraõ o tratado, o Governador mandou dar fogo á Cidade, que ardeo em incendio laſtimoſo. No ſeu porto ſe lhe uníraõ as náos, que invernáraõ em Moçambique, e de conſerva com ellas navega para Ormuz com 400 homens menos, que lhe morrêraõ de enfermidade. Eſtando a partir chegou Sebaſtiaõ Freire com as cartas de Lopo Vaz de Sampayo, e logo foi deſ-

Era vulg.

Era vulg. pedido para estar a Armada prompta na India, quando elle chegasse de Ormuz.

Chegou Nuno da Cunha a esta Cidade, e pouco depois Manoel de Macedo, que El-Rei mandava de Portugal prender o Xarafo, e levallo a Lisboa. O Macedo saltou em terra incognito, foi ao Paço do Rei, aonde entaõ estava o Xarafo, e o prendeo. O Governador estimulado de se lhe naõ dar parte desta diligencia, mandou tirar o prezo das mãos do Macedo, e o poz na Fortaleza com resguardo. Depois applacou o Rei irritado da pouca attençaõ, que se tivera com a sua pessoa, conseguindo no mesmo acto castigar a imprudencia do Official, e satisfazer o Principe offendido. Como este homem em Ormuz era tamanho, a prizaõ fez écco igual á sua estatura. Em quanto elle chega a Baharem, aonde era General Raix Bardadim, cunhado do Xarafo, Belchior de Sousa Tavares mandado pelo Governador com 40 Portuguezes, soccorria ao Xeque de Baçorá, que com este reforço obrigou os inimigos a pedir a paz. Baçorá he hu-

huma Cidade ſituada no fundo do golfo Perſico, a cima da embocadura do Tigres, e do Euphrates, que naõ chegou á noticia dos conquiſtadores antigos. Já mais os Portuguezes chegáraõ taõ longe; e foi tanta a felicidade do Tavares, que com hum punhado de Luſitanos penetrou, e ſe fez reſpeitar em hum paiz longo tempo inacceſſivel ás quilhas, e aos pés, que pizáraõ, que devaçáraõ o mundo.

Era vulg.

Bardadim, que pagava ao Rei de Ormuz 40000 xerafins pelo dominio de Baharem, com a noticia da prizaõ de Xarafo, ſe levantou com o tributo. O Rei, que nos ſatisfazia 60000, pedio-nos lhe rebaixaſſemos a quantia, que Bardadim lhe negava, ou lhe reſtituiſſemos Baharem. O Governador tomou eſte ſegundo expediente, que encarregou a ſeu Irmaõ Simaõ da Cunha com huma Eſquadra de oito navios. Bardadim mandou logo a bórdo repreſentar-lhe, que elle ſó ſe queixava do Rei de Ormuz, e naõ dos Portuguezes; mas que como elles faziaõ ſeu eſte negocio, lhe permitiſſem retirar-ſe com

Era vulg. a ſua fazenda, que elle lhes largava tudo. Bem inſtou Simaõ da Cunha, para que a offerta de Bardadim ſe acceitaſſe; mas a Nobreza de pouca idade recem-chegada do Reino, com os olhos na cubiça fez taes extremos, que Simaõ da Cunha foi forçado a reſponder, naõ conſentiria a ſahida da gente de Baharem com mais traſtes, que aquelles que tiveſſe no corpo. Naõ eſperou mais Bardadim para arrear a bandeira branca, que tinha arvorada, e içar outra vermelha. Rompeo-ſe a guerra infeliz, em que os noſſos gaſtáraõ todas as munições ſem effeito, e entráraõ as doenças a devorallos. Apenas eſcapáraõ 30 homens, que com a Fróta deſtruida, quaſi reduzida a nada, entráraõ em Ormuz cobertos do pejo de ſucceſſo taõ infauſto, da magoa de naõ apreſentarem ao Governador a ſeu irmaõ Simaõ da Cunha, que foi huma das victimas de contagio taõ fatal.

Nuno da Cunha, que ſó eſperava a vinda da Fróta para ſeguir a viagem da India, entregou o Xarafo prezo a Manoel de Macedo, que ſe embarcou pa-

para Lisboa: proveo o ſeu emprego no Xeque Raxete: deixou em ſegredo huma provizaõ ao Capitaõ-Mór do Eſtreito Belchior de Souſa para ſucceder na Fortaleza ao Governador ſe morreſſe: embarcou-ſe, levou na ſua conſerva as náos de D. Fernando de Lima, D. Franciſco Deça, de Franciſco de Mendoça, de Jorge Gomes: veio a Maſcate, aonde ſe incorporou com outras náos, que alli invernáraõ; e ſe fez na volta de Goa, aonde encontrou quatro náos vindas eſte anno do Reino com viagem taõ feliz, que de 500 homens, que traziaõ, naõ lhe morreo hum ſó. Os ſeus Capitães eraõ Diogo da Silveira, que vinha provído na Fortaleza de Ormuz, Ruy Gomes da Gran, Ruy Mendes de Meſquita, e Henrique Moniz Barreto, que trazia a ſeus filhos Ayres, e Antonio Moniz Barreto depois Governador da India.

Era vulg.

CA-

## CAPITULO II.

*Trataõ-se alguns successos antes da chegada de Nuno da Cunha, e os acontecimentos depois della.*

Era vulg.

EM quanto Nuno da Cunha seguia as differentes derrotas, que temos visto na sua viagem, e Lopo Vaz de Sampayo trabalhava por lhe entregar a India em estado florescente; o impio Achem com fraudulentas negociações, e com o pretexto da guerra de Aru, trabalhava em Malaca para conseguir de Pedro de Faria mandasse buscar a galé de Simaõ de Sousa Galvaõ, e os Portuguezes captivos, como preliminares da paz, que lhe propunha. Que de Capitães Portuguezes illuminados, cheios de experiencias, se deixáraõ cahir nos laços, que lhes armou este pérfido! Pedro de Faria abandonou por sua causa a amizade do Rei de Aru; mandou-lhe hum Embaixador, que foi morto em segredo, e como este naõ apparecia, fingindo-o

af-

affogado, pedio outro ao Faria incauto. A este succedeo no governo Garcia de Sá ainda mais crédulo, que lhe mandou a Manoel Pacheco em hum galeaõ com a melhor gente de Malaça para ajustar com elle o tratado da paz. Era vulg.

Na entrada do porto de Açhem foi este infeliz homem recebido por huma Armada de festa, que elle recebeo de galhofa, sem saber o a que vinha, senaõ quando se sentio matar, e quasi toda a gente sem defensa. Os poucos, que ficáraõ vivos foraõ levados a terra, e juntos aos outros, que lá estavaõ, o barbaro Rei tomou por divertimento vellos fazer em pedaços. Depois teve a confiança de mandar dizer a Garcia de Sá, que elle já estava senhor de huma galé, de hum galeaõ; que lhe faltava hum brigantim, e que este brevemente o iria buscar a Malaca. O nosso Bandorá Sina Raja era o trahidor, que mandava ao Achem todos os avisos. Agora lhe fez o de que viesse tomar Malaca, que elle lhe entregaria, por ficar com pouca guarniçaõ.

Era vulg. ção. O Barbaro mandou huma Armada com tres mil homens, a esperar a palavra cumprida do Sina, que tinha determinado esconder hum canhaõ carregado a cartuxo para o disparar, quando os Portuguezes estivessem á Missa, embocar as ballas pela pórta da Igreja, matallos a todos, e entregar a Fortaleza aos Achens.

Soccorreo-nos a Maõ Omnipotente, que no seu esforço nos sustentava entre os Póvos barbaros, permittindo que os Achens em hum festim, tomados do vinho, declarassem a alguns Malayos da terra toda a ordem da trahiçaõ. Hum delles superiormente tocado, a veio descobrir ao Governador. Elle se sobprende, conhece o seu erro, e ainda que tarde, remedeia a mais fatal de todas as consequencias. Manda logo chamar o Sina, que veio acompanhado de seu enteado Tuaõ Mafamede, que em muitas occasiões nos fizéra serviços relevantes. Garcia de Sá os recebe affavel; sóbe só com Sina ao ultimo andar das casas, aonde estava prevenida gente, que o arroja de

de huma janella, e rebenta na quéda. Era vulg.
Ao eſtrondo della, e da ſua cauſa fugírao os Achens: o Tuaõ he perſuadido pelo Governador continúe a ſervir El-Rei com a ſua coſtumada fidelidade; mas elle temeroſo de ſer victima dos crimes do padraſto, fugio para Viantana, aonde eſtava o Rei, que Pedro Maſcarenhas deſtruio em Bintaõ.

Navegava Nuno da Cunha, que ferrou Cananor, e com o pretexto do ceremonial ſe eſcuſou de fallar ao Rei. Como elle era hum Fidalgo da tempera antiga, ou dos humores de D. Henrique de Menezes, offerecendo-lhe o primeiro Miniſtro daquelle Rei hum preſente de precioſos brilhantes, elle o recambiou com eſte recado: Os diamantes, que quero me mandeis, ſaõ as próvas da voſſa fidelidade no ſerviço do meu, e voſſo Rei. Chegou depois a Goa, aonde achou detido por Lopo Vaz o Embaixador, que Melique Saca lhe mandára de Jaquete, offerecendo-ſe com 15$000 cavallos para o ajudar na conquiſta de Dio. O Gover-

Era vulg. vernador o deſpedio em huma galé para conduzir Melique a Goa. A eſte tempo ſabia elle o que ſe paſſára com o Xarafo em Ormuz, e quando o Capitaõ lhe deo o aviſo para ſe embarcar, lhe diſſe: Ide vós ſó, que eu naõ quero que os Portuguezes me levem, para onde conduzem a Xarafo. Depois deſpachou Antonio da Silveira com 53 fuſtas, e 900 homens para continuar a guerra de Cambaya: a Heitor da Silveira com déz náos para ir ao Eſtreito, e elle veio a Cananor.

D. Joaõ Deça, Governador da Fortaleza, mandado por Lopo Vaz, que eſtava nella, viſitou da ſua parte a Nuno da Cunha, e lhe repreſentou vieſſe a terra receber o governo da India, que elle tinha de lhe ceder. Como tratava com hum deſvalido, Nuno da Cunha ſe picou do cumprimento, e lhe mandou vieſſe ao ſeu bórdo fazer a renúncia com as formalidades ordinarias. Obedeceo Lopo Vaz para naõ voltar mais a terra; mas ſoube do pregaõ público, que aviſava a todos os que tiveſſem que requerer contra elle,

o fossem fazer a Cochim, para onde ambos partírao. Aqui foi prezo Lopo Vaz, que em tom quasi profetico disse ao Ouvidor, que fez a diligencia: Representai a Nuno da Cunha, que eu prendí, que elle me prende, que lá virá quem o prenda a elle. Assim havia ser na realidade se chegasse com vida ás Ilhas Terceiras, aonde estavao promptos os ferros para hum Heróe, cujo cadaver já tinha sido pasto dos peixes, como se o espirito presago nao quizesse, que a Patria ingrata lhe apontasse com o dedo o lugar da sepultura.

Era vulg.

Nada foi para Lopo Vaz a prisao: as suas resultas para qualquer homem de mediana consideraçao seriao muito. O Povo suscitou entao o antigo odio, insultou o seu abatimento, entoou opprobrios, desentoou letras injuriosas, que se hiao cantar como Psalmos triunfaes debaixo das suas janellas. Os que nao erao Povo obravao peior: destinárao-lhe para a viagem o navio mais ruim, hum casco quasi podre, apenas dous moços para o servirem, tudo rigor,

Era vulg. gor, tudo injúria contra o homem; que acabava de fazer tremer os mares de Calecut, de Cambaia, de inclinar as Coroas, de aballar os Sceptros. Peiores que na India foraõ os tratamentos em Portugal. Nas Ilhas Terceiras achou promptos os ferros, com que havia desembarcar em Lisboa. Nella fez a sua entrada da ribeira até ao carcere montado em hum jumento, que foi o seu carro triunfal, rodeado da baixa plebe, que o tratava com correspondencia á figura, em que o via. Mettido em hum carcere escuro, e sobterraneo este terror de tantos Barbaros, até se lhe negou o alivio de vêr sua mulher; nelle passou dous annos em miserias extremas com a constancia de huma montanha.

Por empenho do Duque de Bragança, seu parente, obteve elle huma audiencia d'El-Rei. Nella, naõ a lingoa de Lopo Vaz, mas todos os affectos do homem, sem esquecer a sua dignidade, falláraõ, disséraõ vivos, fórtes, patheticos quantos sentimentos cabem na vastidaõ da alma para justifi-

car

car acções, mover eſpiritos, abrandar inflexibilidades, attrahir corações. Naõ ſe eſqueceo a ſua illuminaçaõ de ſe confrontar com Duarte Pacheco Pereira, com o grande Affonſo de Albuquerque, com Diogo Lopes de Siqueira, com outros Heróes do ſeu tamanho, que fizéraõ o que elle fez, e ſe víraõ no eſtado, em que elle ſe via. Elle reſpondeo prompto, judicioſo, e concludente a quarenta e tres artigos, com que o arguio o meſmo Rei em peſſoa, quaſi todos reſpectivos a Pedro Maſcarenhas, e eſcritos pelo noſſo Couto. Da audiencia foi reconduzido á priſaõ com o deſpacho de ſer ouvido em juizo para allegar a ſua defenſa. A ſentença foi taõ rigoroſa, que depois de o declarar intruſo no governo da India, o degradava para Ultramar, e lhe mandava pagar a Pedro Maſcarenhas o ordenado annual de déz mil cruzados. O Varaõ reſentido ſe retirou a ſervir em Caſtella, donde ſe deſculpou com os motivos da ſua evaſaõ, ſe queixou do rigor, que com elle ſe uſava, e o Rei clemente, mais

Era vulg.

bem

Era vulg. bem informado, lhe perdoou todas as penas, o mandou vir para a Patria com honra; mas elle como ſimples particular ſe retirou para as terras, de que era ſenhor, aonde paſſou o reſto dos ſeus dias até o ultimo no anno de 1538.

Tudo era juſtiça em Portugal na época de Lopo Vaz. Só o célebre Raix Xarafo, que preſenciou a ſua entrada em Lisboa; que naõ havia perdido todo o ſeu cabedal; que era habil intrigante, teve maneiras de a illudir. Elle fez bem vêr que os Miniſtros, com que tratára em Lisboa, naõ eraõ Portuguezes differentes dos outros, com que elle corrêra os officios na India. Elle lavou até a ultima nodoa do ſeu crime, foi reſtituido com diſtinçaõ ao ſeu cargo, levando carta de ſeguro para cometter outros de novo. O contrario ſuccedeo ao memoravel Vedor Affonſo Mexia, aos orgulhoſos D. Garcia Henriques, D. Jorge de Menezes, ambos Governadores das Molucas, e a Diogo de Mello, que o fora de Ormuz. Pouco depois de Lopo Vaz entrá-

tráraõ elles em Portugal arrastando grilhões, e cadeias, e havendo apodrecido com o tempo nas masmorras, foraõ confiscados, e banidos: castigo bem ligeiro á enormidade dos seus insultos. He verdade que D. Garcia teve pouco que perder em terra, porque o mar o confiscou primeiro, que os homens. D. Jorge morto no desterro do Brasil, passaria a vida menos pobre. O Mexia, sem disputa mais culpado, que todos, as suas riquezas immensas, á força de rapinas amontoadas, eraõ as próvas mais terminantes para a sentença de hum garrote; quando naõ bastassem os modos indignos, com que tratára o Rei de Cochim com o ponto fixo em se enriquecer por meio dos roubos, e injustiças, como altamente se queixou o mesmo Principe a Nuno da Cunha.

Era vulg.

Por activas, que foraõ as diligencias de Lopo Vaz para deixar na India huma Armada respeitavel, todas as suas idéas illudio aquelle Ministro, mais attento ao seu interesse, que ao bem público. Naõ achou Nuno da Cunha

1530

Era vulg. nha o que penſava, quando houve de deſpedir para os ſeus deſtinos com tres Eſquadras os tres Silveiras Antonio, Heĩtor, e Diogo da Silveira, e foi neceſſario para elles metter em uſo a ſua grande actividade. Reconhecendo que o Mexia desbocado neceſſitava freio, lho deitou no reſpeito de Antonio de Saldanha, que nomeou Governador de Cochim com poderes amplos nas fabricas da ribeira, armazens, e em quanto era relativo á factura, e conſervaçaõ das Armadas. Por meio deſte expediente ſe deſembaraçou o Governador para a applicaçaõ dos negocios do Eſtado, viſitas das Praças, communicaçaõ com os Reis amigos, que ſe pagáraõ tanto do ſeu deſintereſſe, e affabilidade, quanto ſe empenháraõ em reſentir a dureza, o amor da ganancia de alguns dos ſeus predeceſſores.

Diogo da Silveira, bem inſtruido, foi mandado com vinte vélas continuar a guerra de Calecut, até obrigar o Çamorim a pedir a paz. Elle fez hum fogo taõ vivo ſobre a Cidade, ateou nel-

nella tal incendio, que se o vento lhe dura mais algum espaço, Calecut seria hum monte de cinzas. Depois guardou as bocas dos rios com tanta vigilancia, que rompeo todo o commercio, empobreceo as alfandegas do Çamorim, fez que as náos de Meca criassem raizes nos pórtos. Reforçado de Goa com mais vélas, entrou em Mangalor para render as graças a hum Mercador potentissimo de Narsinga, que esquecendo-se de ser o seu Rei nosso aliado, buscára este refugio para perseguir os Portuguezes. Elle o buscou no centro da mesma Cidade, aonde se defendeo com muitos, até que morreo com todos. Da immensidade das prezas se carregárão os vasos, entre ellas 60 canhões: o mais foi consummido pelo fogo. Pate Marcar, General do Çamorim, que vinha com 50 paráos soccorrer este poderoso tratante, á vista do estrago mudou de rumo; mas o Silveira o seguio até o monte Deli, aonde o bateo, e voltou a Cochim para gostar a doçura das victorias.

Era vulg.

Era vulg. Os succeſſos de Antonio da Silveira, que ſe enſaiava para expedições ſublimes, ainda tiveraõ mais de brilhantes. Appreſentou-ſe eſte gigante de valor ſobre a Cidade de Surrate, Emporio do Commercio de Cambaya, e para a render naõ teve mais trabalho, que deſembarcar. Os moradores ſe refugiáraõ na de Reynel, que ficava pelo rio a cima quatro legoas. Imitador da ſua rapidez, Antonio da Silveira tocou nas ſuas praias, aonde o eſperavaõ 400 cavallos, e 6ↀooo infantes para lhe diſputarem o deſembarque. Elle na têſta de hum Eſquadraõ, e Manoel de Souſa na de outro, leváraõ de tropel os inimigos, forçáraõ as trincheiras; fizeraõ-ſe ſenhores de Reynel. Ainda que ſe viaõ os inimigos ir com precipitaçaõ buſcando o aſylo dos boſques, o Chéfe prudente mandou tocar a retirada para ſe naõ deſmandarem os ſoldados. Para a quarta parte do deſpojo naõ baſtáraõ 53 navios da Armada. Para que a ſua monſtruoſidade, deſpertando a cobiça, naõ foſſe tropeço da victoria, o General lhe mandou pôr

o fogo: ardêraõ thesouros, a Cidade, e a campanha com assombro geral daquellas Regiões e tomáraõ-se quantidade de navios, e muita artilharia, que foi lançada no rio.

Era vulg.

Com celeridade extrema Antonio da Silveira passando a Damaõ, e a Agaçaim, os tratou como a Surrate, e a Reynel. Naõ lhe ficando povoçaõ por toda a costa, que naõ pilhasse, naõ destruisse, elle foi descançar hum pouco em Bombaim para obrigar o Rei de Taná, espantado da rapidez deste turbilhaõ, a pagar os tributos, que devia. Daqui foi elle acudir a Francisco Pereira de Berredo, Governador de Chaul, que sahindo imprudente com poucos a soccorrer o Tanadar da Cidade na guerra, que tinha com os Capitães de Cambaya, naõ lhe valeo o esforço em partido taõ desigual para deixar de sentir a derrota, quando o Tanadar o desamparou covarde. Appareceo Antonio da Silveira, e os inimigos se sumíraõ.

Heitor da Silveira chegou ao Estreito, e na sua boca espalhou os na-

Era vulg. vios da Armada em fórma, que nada entrava, nem sahia. Os seus Capitães fizéraõ prezas importantes, captiváraõ, e matáraõ muitos Mouros. Como a reputaçaõ de Heitor da Silveira nestas partes era do tamanho das suas acções, ella bastou para Mustafá, e Cofar, assassinos do Sultaõ Commandante da Armada Turca, levantarem o sitio de Adem, que batiaõ havia cinco mezes. O Silveira com politica sem escrupulo veio a esta Cidade para mandar dizer ao seu Rei, que elle sabendo o aperto, em que os Turcos o tinhaõ posto, voára para o soccorrer, determinado a investir aquelles adversarios communs, se elles tivessem câsa para o esperar. A ficçaõ deste cumprimento em situaçaõ de tanto susto negociou taõ diligente com o Rei consternado, que elle se sobmetteo vassallo de Portugal com o tributo de 10000 xerafins por anno: Tratado para Heitor da Silveira mais glorioso, que sólido; porque o Barbaro depois da sua partida, para se aproveitar dos interesses de huma náo nossa, que foi

ao feu porto, matou os Portuguezes com os mais, que o Silveira deixára nelle. Em fim, este grande homem, excepto em Meca, achou francas as entradas em todos os pórtos do Estreiro do mar Roxo, sem mais trabalho, que o de lhes prometter a protecçaõ do refpeitavel Portugal.

Era vulg.

## CAPITULO III.

*Continuaõ os fucceffos da India neste anno de* 1530.

EM quanto os tres Heróes Silveiras obravaõ as acçóes fublimes, que acabo de referir, o Governador empenhado por El-Rei na fabrica de huma Fortaleza em Dio, negociava com Melique Tucaõ, que o de Cambaya fizera Governador daquella Cidade. Era Tucaõ filho de Meliqueaz, e irmaõ de Melique Saca, que fe havia refugiado em Jaquete, como fica dito. Gafpar Paes, homem antigo na India, que muitas vezes tratára em Dio com os tres Meliques Pai, e irmãos, foi eleito pelo Go-

Era vulg. Governador para ir agora sondar os fundos da fidelidade de Tucaõ, se achava pelles aberta para lhe introduzir o temor das tyrannias de Badur, e para segurança da pessoa inclinallo aos nossos interesses. O Paes foi excellentemente recebido, inseparavel, officiosamente tratado por Tucaõ; mas no ponto das negociações, elle encontrou hum promontorio de constancia na fidelidade reconhecida a Badur, por fiar delle praça de tanta importancia á face da traiçaõ de seu irmaõ Melique Saca. Nada concluindo, o Paes se recolheo a Goa com as mãos taõ cheias de duvidas, como o animo vazio de esperanças.

Pelo mesmo tempo nas Molucas se soffriaõ grandes trabalhos agitados pelos Castelhanos, e pelo seu aliado o Rei de Tidore. Quando se pediaõ soccorros a Banda, aquelles aliados com o Rei de Geilolo nos invadiaõ Ternate. D. Jorge de Menezes no meio das suas desordens foi taõ feliz, que os desbaratou; que fez retirar a Fernaõ de La-Torre com os Castelhanos para a Ilha do Camafeo; que forçou o Rei de Tido-

dore a reconhecer-se nosso tributario. Era vulg.
Depois morreo o de Ternate naõ sem suspeita de veneno propinado por Cachildaroes, e foi reconhecido Cachil Ayalo, irmaõ do defunto. Crescêraõ entaõ as revoltas, que hiaõ chegando aos ultimos termos da nossa ruina, e da dos Castelhanos, conjurados os Reis de todas as Ilhas para degolarem os individuos de huma, e outra Naçaõ a favor de Cachildaroes, que queria desthronar o novo Principe, e fazer-se Rei. D. Jorge informado bem a miudo da conjuraçaõ, mandou vir Cachildaroes á Fortaleza com o Regedor, e Almirante de Ternate, que todos a confessáraõ de plano. Estes dous Officiaes foraõ soltos por equidade, e o Cachil pagou com a cabeça os flatos de reinar depois de tantos annos nos servir.

Leonel de Lima, chegado das Molucas a Cochim, deo parte das desordens infernaes, em que ellas ardiaõ, ao Governador, que sem demora despédio a Gonçalo Pereira para depôr, e prender o turbulento D. Jorge de Menezes. Elle fez a viagem por Borneo, Ilha das maio-

maiores do Sunda entre as dos Célebes, de Çamatra, de Java, das Filippinas; Ilha, que tem 400 legoas de circunferencia, fertil de quanto a vida necessita, rica de diamantes, de alcanfor, de bezoarticos, de especiarias immensas, que a fazem hum abórdo frequentado das Nações commerciantes; Ilha povoada de grandes Cidades, regada de rios, que se esgotaõ nas embocaduras de quatro pórtos caudalosos, rota em canaes, com facilidade para os transpórtes, habitada de Mouros dominantes, de alguns Gentios sobordinados; Ilha em fim sugeita a hum Rei com governo Genocratico, que segundo as Leis, se lhe communica pela parte materna, na qual os naturaes reconhecem a soberania. Do Principe, que entaõ reinava, foi Gonçalo Pereira muito bem recebido, e reguladas as condições de commercio mutuo, elle navegou para as Molucas.

¡De nada importou a probidade do novo Chéfe para deixarem de renascer novas Tragedias das mesmas cinzas dos espectaculos precedentes, D. Jorge, depos-

pos-

posto do governo, e mettido em ferros, foi hum dos poucos homens felices, que confessárao no mundo serem os seus crimes merecedores dos tratamentos duros. Respirou a Rainha de Ternate, fugida na terra de Turuto, que mandou logo Embaixadores ao Pereira, pedindo justiça contra a impiedade dos seus injustos perseguidores, e a restituiçaõ dos Principes seus filhos, que estavaõ como prisioneiros em Ternate. Tudo elle promette á Rainha, logo que acabe de reparar as ruinas da Fortaleza. Ao Rei de Tidore por impeto de generosidade propria o absolve do tributo odioso, que naõ podia pagar, e adquire nelle hum bom amigo. As Ilhas respiravaõ a aura benigna da paz; os Portuguezes ao contrario se soffocaõ com ella: criados no centro da insolencia se lhes fazia intoleravel a equidade. Contra o honrado Chéfe levantava clamores a calumnia; mas elle se fazia surdo aos éccos. Nada o abalava, porque deixou que a rectidaõ tomasse posse de todos os fundos da sua alma.

Era vulg.

Co-

Bem vulg. Como naõ approveitou a calumnia, a sua praça foi occupada pelo tumulto. O mesmo Vigario, que pela sua dignidade do sacerdocio havia promover a paz, unido com Vicente da Fonseca, homem sedicioso, trabalhou por azedar os espiritos, e por avivar a guerra. Prezo o Fonseca, e amotinado o povo, foraõ acções indistinctas, e o Pereira ameaçado, de que a Fortaleza seria entregue aos Castelhanos. Os amotinados estimariaõ mais, que este passo, o de tirar a vida ao Governador. Como a Rainha já estava em Ternate, elles a quizeraõ trazer ao seu partido por meio das suggestões, com que lhe fizeraõ crer que na entrega de Ayalo, seu filho, elle a enganava, antes para reinar só intentava matallo. Ouvio ella os do seu conselho, que approváraõ o insulto; marcou-se o dia, em que parte dos conjurados estaria occulta esperando o signal da outra parte, que havia ser a authora do massacro geral dos Portuguezes, para ella depois correr a senhorear a Fortaleza. Intentáraõ os revoltosos, que só morresse o seu Gover-

vernador Gonçalo Pereira; elle só mor- *Em vulg.*
reo: mas a intençaõ da Rainha foi ma-
tallos a todos.

Entráraõ os poucos conjurados até o quarto, aonde o seu Rei Ayalo dormia a sésta. Vicente da Fonseca, percebendo nos seus semblantes que hiaõ executar o golpe, para que elle ministrára as forças, os animou; e o illustre Gonçalo Pereira naõ pode escusar-se de ser a victima dos seus nacionaes criminosos, sacrificada pelas mãos dos Barbaros. Os que estavaõ de emboscada para se avançarem á Fortaleza, vendo passar hum Portuguez, que se recolhia, sem esperarem o signal corrêraõ a elle. O miseravel perseguido pode chegar á praça, dar aviso, fechar as pórtas, pegar a guarniçaõ nas armas, e voar intrépida á defensa. Os conjurados descobertos, naõ cuidáraõ mais que em salvar-se, sem colherem de todo este apparato mais fructo, que tirarem a vida a Gonçalo Pereira, já com arrependimento de alguns dos que lhe maquináraõ a mórte.

O monstruoso Vicente da Fonseca,
pas-

Era vulg. passando de réo infame a Governador absoluto, arrojou-se á temeridade de carregar de ferros a Braz Pereira, digno irmaõ de Gonçalo Pereira, e a quantos homens de probidade havia em Ternate, e remettellos para a India carregados de calumnias, e de opprobrios. Adiantou as perfidias com a Rainha, que elle havia animado para se desfazer do Governador benemerito com o fim da liberdade do Rei seu filho, naõ só deixando de lho entregar, e apertando-lhe a prizaõ, mas descobrindo indicios, de que os seus intentos eraõ mais perniciosos. Ella escandalisada, com toda a sua gente outra vez abandona Ternate, que bloqueia, e reduz a tal aperto de fome, que o Fonseca teve de comprar os viveres pelo preço da liberdade do Rei Ayalo.

Com a sua soltura appareceo em hemisferio taõ escuro hum ar sereno de tranquillidade, mas momentaneo. Quando para ella concorriaõ na Europa o Rei de Portugal, e o Imperador, formando Tratados, que de hum golpe cortassem nas Mulucas as pretenções in-

inquietas de Portuguezes, e Castelhanos; entaõ bastava haver nellas hum turbulento Vicente da Fonseca para os fazer infructuosos, para as perturbar, para as metter em ruina. Ayalo já homem, e já livre, entendeo que podia reinar por si mesmo. Paté Sarangue, que no tempo da sua prizaõ tinha sobre elle authoridade despotica, sentio perdella, e se conjurou infame com o Fonseca para unidos o dethronarem. As vozes calumniosas de ambos foraõ a disposiçaõ previa dos designios; depois se seguiraõ os movimentos do Fonseca para o tornar a haver ás mãos, e encarceralla. Penetra o Principe a conjuraçaõ, e segurou a pessoa no fundo dos desertos, aonde podia bem defender-se do barbaro Fonseca, que nelles o persegue. Hum resto de inclinaçaõ aos Portuguezes lhe impede derramar o sangue de muitos por causa de hum, e quer antes parecer que foge, retirando-se com a Rainha sua Mãi para Tidore.

Era Vulg.

A fugida de Ayalo foi no juizo do Fonseca huma sentença de inhabilida-

de

Era vulg. de para reinar. Elle a faz passar em julgado, e sobre este fundamento, de que acabava de ser a causa motiva, estabeleceo o delicado escrupulo de naõ o declarar decahido do Throno. Elle faz a declaraçaõ solemne, e manda a Tabarija, filho do Rei de Boleifa, e de huma concubina, que occupe o Solio de Ayalo. Já plantado na tésta do Povo de Ternate este fantasma da Magestade, o grande Fonseca se pósta na das trópas, e entra por Tidore a *fogo*, e sangue para se vingar de dous Reis; de hum porque lhe fugíra, do outro porque o amparava. Foi taõ feliz o intruso usurpador da authoridade Portugueza, que os dous Soberanos naõ se attrevêraõ a vêr-lhe a cára, buscando o escondrijo das cavernas para naõ se porem na presença do aspecto, que descobria o terror na insolencia.

Na volta desta victoria infame, o Fonseca se encontra com o cadaver de hum dos seus filhos bastardos, que hum vassallo fiel de Ayalo degollára; que fizéra o mesmo ao chamado Rei Tabari-

tija, se este lhe naõ fugíra: espectaculo triste, que pelo que tinha de honrado, foi novo objecto de cólera, de odio, de furor do Fonseca contra Ayalo. Outra vez manda trópas, que o persigaõ; e porque o afflicto Rei naõ póde resistir-lhe, se retira para Geilolo. A Rainha sua Mãi lhe cahe nas mãos; e hum homem Christaõ no nome, mas acções barbaro, amontoando a tantas atrocidades o desprezo das nossas Leis santas, que nos impedem os matrimonios incestuosos; o Fonseca como se fosse hum Papa, dispensou a infeliz Rainha para casar com seu amigo Paté Sarangue, e a mulher do Rei Ayalo para se receber com seu cunhado Tabarija. Daqui em diante Vicente da Fonseca, naõ só começou a ser o escandalo dos homens, mas elle abominavel a si mesmo. Innexoraveis os remorsos já o atormentavaõ, como verdugos. Desconfiado de si, de tudo, e de todos, temia as sombras, espantava-se dos homens, de dia, e de noite naõ despia as armas, perdia o somno, assustava-se de comer, buscava as so-

dõe

Rei vulg. dões; entaõ lhe gritava mais alto a consciencia, e sem lugar de tranquillidade, parece que só o tinha para a desesperaçaõ. O certo he, que de tantos crimes, se elle naõ os expiou, só de Deos receberia o castigo; que quanto dos homens naõ teve outro, mais que ir de Ternate prezo para a India, aonde logo foi visto solto, livre, e honrado, occupando empregos.

Para concluirmos neste lugar com os successos das Molucas até a entrada do anno futuro, se deve saber: Que informado o Governador da India da morte de Gonçalo Pereira, do estado das Ilhas, chegados á India os prezos, que mandára Vicente da Fonseca, elle nomeou a Tristaõ de Ataide para ir sem demora pacificar as desordens. Naõ era o Ataide homem de caracter para o fim a que o destináraõ, e foi muito que hum espirito taõ illuminado, como o de Nuno da Cunha, naõ o conhecesse. Nós vamos a vêr nelle outra imagem quasi semelhante aos originaes, que deixamos retratados. Entrou Tristaõ de Ataide em Ternate prendendo

Vi-

Vicente da Fonseca, que havia ser remettido para a India com D. Fernando de la Torre, e os mais Castelhanos, que estavaõ em Geilolo para dahi serem mandados a Hespanha nas nossas náos, confórme os ajustes feitos entre El-Rei, e o Imperador. Justamente receáraõ elles, que o Rei de Geilolo naõ os deixasse sahir, e tiveraõ necessidade de se valer da indústria para escapar sem maior perigo.

Era vulg.

Mutuamente se ajustáraõ os dous Chéfes, e resolveo o Castelhano, que Tristaõ de Ataide os mandasse pedir áquelle Rei; que elles fingiriaõ naõ querer estar pela ordem; que a publicariaõ huma idéa dos Portuguezes para os fazerem prisioneiros; que á vista da repugnancia entrasse elle com trópas em Geilolo; que os Castelhanos se offereciaõ ao Rei para os combater; que no principio da refega se lançariaõ da parte dos Portuguezes; logo unidos dariaõ sobre os Barbaros, os destruiriaõ, e viriaõ com elles para Ternate. Em tudo correspondeo o successo ao ajuste. Foi destruido o Rei

Era vulg. enganado, constrangido a esconder-se nos bosques, e ficando a sua Corte ao desamparo, os Castelhanos em reconhecimento de lhes ter servido de asylo, com ajuda dos Portuguezes a reduzíraõ a cinzas. Elles viéraõ para Ternate, aonde embarcáraõ para a India com Vicente da Fonseca, que foi entregue a Fernando de la Torre para o apresentar preso ao Governador Nuno da Cunha.

Os genios libertinos, que naõ se refreavaõ com a continuaçaõ das desgraças, souberaõ aproveitar-se do de Tristaõ de Ataide para continuarem na soltura. Elles escolhêraõ para sua cabeça a Camarraõ, hum Mouro, que D. Jorge de Menezes desterrára por complice na conjuraçaõ de Cachildatoes, e agora pelo Ataide fora restituido a Ternate, tratado como bom amigo. Era elle hum emulo inexoravel de Paté Sarangue, homem intrigante, de quem se valêraõ os sediciosos para persuadir ao Ataide, que El-Rei Tabarija intentava matallo. Sem mais exame, o triste Rei, o Paté,

to-

todos os seus amigos foraõ prezos, e mandados innocentes para a India com figura de réos. Elegêraõ os conjurados novo Rei a Cachil Aeiro, ultimo filho de Boleifa, e da sua concubina, que naõ queria largar dos braços ao tenro Infante para ir ser victima da ambiçaõ dos Portuguezes. Elles lho arrancáraõ por força, arrojando-a a ella de huma torre á rua para pagar com a vida o crime da repugnancia.

Em vulg.

Parece que o clima pestilente das Molucas infestou a condiçaõ dos Portuguezes, que nellas respiráraõ halitos venenosos, ou que os Governadores da India escolhiaõ para mandar a ellas a escoria da plebe, os homens infames, que em Portugal se tiravaõ dos carceres para em Regiões taõ remotas tisnarem o crédito da Naçaõ, e mancharem a probidade natural dos Portuguezes honrados. A maior parte dos antigos moradores de Ternate, cançados de sopportar tantas tyrannias, abandonáraõ nesta occasiaõ a Patria, e pedíraõ o amparo dos Póvos visinhos. Estes naõ os queriaõ receber, diziaõ

Esta vulg. que em pena de haverem consentido na sua terra os monstros da humanidade, que eraõ o horror, o escandalo de toda a natureza, féras merecedoras de ser affogadas no berço. Por outra parte o mesmo Ataide unido com Camarraõ, naõ cuidava em mais expedientes, que enriquecer-se por meios iniquos com huma total derrota do Commercio.

Naõ pode soffrer tantas extorsões o Rei de Bachaõ, e clamou contra ellas; mas a resposta foi entrar Camarraõ a fogo, e sangue pela Ilha ajudado pelos seus amigos de Tidore, e forçar o miseravel Rei a comprar a paz por hum alto preço. Ao mesmo tempo mandou o Ataide, para ajustar alliança com hum Rei das Ilhas de Moro, certo Emissario taõ pouco escrupuloso, que para se conformar com os estylos daquelles Barbaros, bebia com elles o sangue humano sem horror. Elle o naõ teve, quando tratava de paz, de roubar ao Rei alguns vassallos, e escondellos no fundo do navio; mas hum salvando-se a nado, deo

par-

parte da perfidia, que foblevou o Povo para correr á vingança. Com trabalho fe pode efcapar o Emiffario, que encontrou no mar outro verdugo, que parecia querer vingar alterado tantas atrocidades. Em fim, todos os Reis das Molucas fe conjuráraõ para a noffa ruina. Refolvêraõ defpovoar toda a Ilha de Ternate, dar fogo aos feus bofques, deixar-nos fós na terra calva, perfeguir-nos até aniquilar-nos: Cataftrophes horrendos, que duráraõ todo o tempo de Triftaõ de Ataide, até chegar o fanto Governador Antonio Galvaõ, filho do grande Pai Duarte Galvaõ, que mudou a face dos negocios.

Era vulg.

CA-

## CAPITULO IV.

*Continua-se com outros successos do anno de* 1530, *e os de* 1531.

Era vulg.

QUANDO em Ternate aconteciaõ as calamidades referidas, que tiveraõ por effeito a decadencia lastimosa da Christandade recem-nascida nas Ilhas de Maro, plantada pelos esforços incansaveis dos Veneraveis Padres Simaõ Vaz, nunca acabado de louvar nas nossas Historias, Francisco Alvares, e Gonçalo Veloso; chegaraõ á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Pedro Lopes de Sampayo, que vinha provido Governador de Goa; Francisco de Sousa Tavares em Cananor; Manoel de Brito; Luís Alvares de Payva, e Fernaõ Camello. Diogo da Silveira andando na cósta do Malabar foi o remedio da náo de Pedro Lopes, que encontrou á discriçaõ dos mares, sem trazer hum só homem saõ, que a governasse. Elle a metteo em Cananor, e continuando a guerra de

Ca-

Calecut, reduzio os pórtos maritimos Era vulg. a tal extremidade de miséria, que o Çamorim movido dos seus clamores, pedio a paz, que o Governador lhe concedeo com as condições, que quiz. Nuno da Cunha as estimou pelo dei-xarem desembaraçado para a expedi-çaõ de Dio, a que já a Historia nos convida.

Todo o inverno foi de apprestos para a poderosa Armada, que se des-tinava a empreza taõ importante. Com a chegada de 2000 homens nas cin-co náos do Reino se engrossou o po-der. Depois de carregadas as que ha-viaõ voltar, e aonde embarcou por ordem d'El-Rei o famoso Védor Me-xia com os seus bens confiscados, taõ copiosos, que se repartíraõ em porções avultadas por todas as náos; o Go-vernador se applicou a ajuntar as da sua Armada, que estavaõ dispersas por differentes partes da India. Toda a Nobreza, que entaõ era muita, acom-panhou ao Governador nesta jornada, e feita a revista geral da gente, que havia embarcar em mais de 200 vélas de

Era vulg. de todas as qualidades, que estavaõ prestes em Cochim, e Goa, se acháraõ 3$600 Portuguezes destinados para o desembarque; 1$400 para a equipagem dos navios; 2$000 Canarins; 8$000 escravos armados, e quasi 5$000 remeiros: poder, que até áquelle tempo naõ fora visto na India debaixo das nossas bandeiras outro igual.

1531 Sahio a Armada; e devendo endireitar as prôas para o lugar do seu destino, perdeo o principal por se occupar inutilmente no accessorio. Soube Nuno da Cunha, que na Ilha de Beth, oito legoas distante de Dio, estava hum Capitaõ de Badur com 2$000 homens Turcos, e Arabes. A natureza a defendia com rochedos eminentes, a arte com artilharia taõ numerosa, que Nuno da Cunha créo que era tanta, quando a vio. Inconsideradamente se resolveo o ataque desta Ilha, como se da sua tomada dependesse a conquista de Dio. Avançou-se a inconsideraçaõ naõ querendo acceitar o rendimento voluntario dos inimigos, que se resolveo deviaõ

viaõ ser passados á espada. Á vista da Armada todo o coraçaõ desamparou os Barbaros, que pedíraõ hum Salvo-conduto a Nuno da Cunha para o seu Governador vir em pessoa tratar com elle o rendimento, que se reduzia ás condições de deixar sahir a todos com os seus effeitos. Demasiadamente féro o nosso Chéfe, por confiado no seu poder, elle regeita as propóstas, e determina o ataque.

En vão.

De hum para outro extremo passáraõ os Turcos. O que nelles havia ser valor, foi desesperaçaõ. Resolutos a morrer vingados, a maior parte delles, ao exemplo do seu Chéfe, degolaõ as mulheres, e os filhos, rapaõ as barbas, e as cabeças, entre elles devisa dos Amoucos, que se conjuraõ para morrer matando, e se põe habeis, para que nada os embarace em huma defensa, que havia passar além da ultima extremidade. O ataque se fez por seis partes differentes por outros tantos córpos commandados por Heitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Sil-

vei-

Era vulg. veira, e o Governador na reta-guarda. De huma, e outra parte se derramou a cólera, obrando em lugar do valor verdadeiro o terror, os transportes dos espiritos. A corpo perdido se lançavaõ os Barbaros aos nossos, contentes de morrer, com tanto que matassem. Houve entre elles hum Turco, que buscando-o hum soldado nosso com a lança enristada, elle lhe offereceo o ventre, correo pela lança até chegar a postura, em que lhe descarregasse o golpe, com que o derrubou morto.

Pizando espectaculos ingratos á humanidade, os Portuguezes chegáraõ aos muros da Fortaleza, que leváraõ de escalada. Morreo nella o Chéfe Turco com toda a guarniçaõ da Ilha, sem escapar hum só homem. Nós perdemos 17; mas que caro foi o preço desta victoria sem consequencias, deste triunfo da vaidade? Ella nos custou, entre aquellas vidas quasi todas de Fidalgos, a do famoso Heitor da Silveira, que valia mais que muitas Ilhas de Beth, mais que a mórte de muitos mil Turcos. Perdemos nelle hum dos Heróes, que se

se criaõ tarde, e de vagar. Tudo acabado, se deo busca á Ilha, e se achárаõ riquezas consummidas, dous mil cadaveres, as cinzas quentes dos que elles queimáraõ quando vivos. Para que se naõ dissesse que fora victoria sem despojos, recolhemos a artilharia, que era muita. Perdemos nesta dilaçaõ a conjunctura, e Nuno da Cunha sentio com experiencia fatal, quanto ella he perniciosa na guerra.

Em vulg.

Mal empregados os dias em arrasar paredes em Beth, com o fructo da victoria perdemos a occasiaõ de tomar Dio, que estava determinada a renderse pela consternaçaõ geral, que na Cidade derramára o terror da nossa Armada. Naquelle intervallo, que seria precioso se a nossa confiança naõ o mallográra, Melique Tocaõ cobrou alentos com a chegada a Dio do Baxá Mustapha, e de Coge Çofar, que traziaõ em duas náos 600 Turcos, e 1$300 Arabes, reliquias da grande Fróta, com que o assassinado Baxá Raiz Solimaõ pretendeo inutilmente conquistar a Adem. Estes homens criados na guerra tomá-

raõ

Era vulg. raõ á ſua conta a defenſa de Dio : elles diſtribuíraõ déz mil ſoldados pelos póſtos, que podiaõ ſer invadidos : reparáraõ a toda a preſſa os muros, e baluartes, em que plantáraõ quantidade de artilharia : fizeraõ muitas minas na circunferencia da praça, e dobráraõ a cadêa, com que Melique fechava a entrada do porto : ultimamente, como homens, que fugiaõ da indignaçaõ do Graõ Turco para eſtabelecerem a ſua fortuna em Cambaya, com diſcurſos vivos, e fórtes animáraõ a gente para ſe arrojar intrépida aos perigos, mais facil a perder as vidas, que a praça, para com hum ſerviço de tanta relevancia merecerem a protecçaõ de Badur.

No dia quatro de Fevereiro appareceo a noſſa Armada ſobre a praça. Ella metteo a Dio em aſſombro; mas o do Governador naõ foi menor, quando contra toda a eſperança, deſmentidos os infórmes, a vio fortificada pelos lados de mar, e terra. Elle ignorava a cauſa deſtes effeitos, e naõ podia deixar de conceber ſuſpensões no animo, lembrado de que vinha buſcar a

Dio

Dio desprevenida, e encontrava Dio Egà valg. apresentando-lhe nos seus muros huma multidaõ de combatentes determinada a soffrer os ultimos revezes da fortuna. A opiniaõ resolveo o ataque, que se havia fazer no dia seis, dando-lhe principio pelo baluarte do mar. Dispoz-se a fórma delle, e foi encarregado a Francisco de Sá o dos oculos, a Antonio de Sá o Rume, a Nuno Fernandes Pereira, que haviaõ ser sustentados por D. Vasco, e Jorge de Lima com Tristaõ Homem. Para combaterem o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira foraõ nomeados Manoel de Albuquerque, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Affonso de Mello Zuzarte, e Francisco de Vasconcellos. O baluarte sobre a barra tocou a Miguel Carvalho, a Vasco Pires de Sampayo, a Henrique de Macedo, e a Martim de Freitas.

Ao romper do dia fez o Governador signal para o avance, a que partíraõ intrépidos os Officiaes nomeados. Elle durou até ao pôr do Sol, sempre imagem do Inferno. Naõ cessava hum ponto o fo-

Era vulg. fogo de ambos os partidos com estrondo horrorofo, que parecia confundir os elementos; mas com a differença, de que os Turcos o faziaõ com pontaria fixa, os Portuguezes com ella vaga, e incerta. O bravo D. Vafco de Lima, que havia affignalado o feu valor em tantas occafiões illuftres; fazendo remar para o baluarte por baixo de diluvios de ballas, huma dellas lhe levou a cabeça. O Governador girava por todas as partes para fe moftrar em todas mettido entre os horrores da morte, taõ inalteravel no meio dos perigos, que fazia hum entretenimento do zunido das ballas, quanto mais perto lhe paffavaõ dos ouvidos. Os mais Capitães nos feus lugares refpectivos trabalhavaõ valentes por avançar-fe; mas arrombados os navios, mórtos, e feridos os homens, ou paravaõ, ou retrocediaõ. A artilharia gróffa, que eraõ as noffas efperanças, com o fogo contínuo rebentou, e fem termos com que dar golpes, os recebiamos.

Foi neceffario hum dia inteiro de combate para o Governador conhecer o

o erro, de que só elle foi causa. Entaõ Era vulg. mandou retirar os navios destroçados, e naõ pode escusar-se ao pejo, quando os inimigos sãos, e inteiros com gritos affrontosos nos trataváõ de covardes, com o som dos seus instrumentos celebravaõ a victoria. Na noite chamou a conselho os Capitães, que se deixávaõ vêr circunspectos, e concluíraõ se desistisse da empreza, que a primeira resistencia deixava vêr impossivel; que era temeridade querer levar a golpe de maõ huma praça bem fortificada, e bem defendida. Tomada esta resoluçaõ, se soltáraõ as vélas na volta de Chaul. Do caminho despedio o Governador a Antonio de Saldanha com alguns navios para continuar a guerra pelas cóstas de Cambaya. De Chaul mandou a Antonio da Silveira para o seu governo de Ormuz, e chegado a Goa despachou a Garcia de Sá para o de Malaca. Nelle tudo era tristeza, imagens melancolicas, que lhe representavaõ vergonhosa a sua retirada, quando ao contrario Mustapha, e Çofar recebiaõ as congratulações faustas de vencedores unicos

Era vulg. cos dos confiados Portuguezes, que só elles podérão abater.

Elles marchárão em triunfo a Amadabá, Corte de Sultão Badur, acompanhados da confiança, que inspira a victoria, cheios da presumpção do serviço, que acabavão de fazer; não vexados da idéa de fugitivos, que buscavão hum amparo; mas estimando-se homens necessarios, que hião pedir a recompensa, e esperavão encontralla nos braços, e mãos abertas de Badur. Tudo lhes succedeo como elles o pensárão, e criados Generaes dos seus Exercitos, aquelle Principe presumia, não só expulsar os Portuguezes dos seus Estados, mas se lhe fosse possivel de toda a India. Mustapha se avançou ao seu camarada nos presentes magnificos, que offereceo a Badur, e lhe ajudárão a merecer o governo de Baroche, o senhorio de muitas terras, e o nome novo de Rume Cão, que lhe denunciava a Patria, e a Dignidade. Mas as expedições rápidas de Antonio de Saldanha pela cósta impedírão, que fosse completo o prazer de Cambaya.

So-

Sobre todos os pórtos daquelles mares desaffogou Antonio de Saldanha a cólera, que lhe trazia agitada a nossa quebra em Dio. Sem perdoar a vivente sensitivo, e racional, corrêraõ diluvios de sangue em Madrefaval, em Taloja, e em Gengimel. A famosa Cidade de Goga, Emporio riquissimo do commercio mais grosso de Cambaya, se entendia segura, naõ só por ficar pela terra dentro, mas pelo gyro dos seus estreitos em muitas partes cortados, que ella tinha por hum muro de divisaõ impenetravel a qualquer atrevimento. Antonio de Saldanha buscou Pilotos práticos, entrou affouto, fez os Barbaros em póstas resoluto; e para mostrar a Badur que vinha a vingar, naõ a enriquecer, com alto despreso de cabedaes immensos os involveo no incendio espantoso, que abrazou a Cidade, e 25 navios, que estavaõ no porto.

Era vulg.

Destino semelhante com igual estrago sentíraõ Balsar, Terapor, May, Quelme, Agaçaim, e os mais lugares até ao rio de Bandora. Os clamores

Era vulg. de tantos Póvos afflictos imprimíraõ éccos tristes na Corte de Badur, que perturbáraõ a harmonia deleitavel da victoria de Dio. Recolheo-se o Saldanha a Goa, e deixou por seu substituto até ao fim do veraõ, a Diogo da Silveira, que com espirito igual se occupou em expedições semelhantes. Por outra parte Nuno da Cunha encontrava motivos para se consolar na sua infelicidade. Elle sabia que *Badur* quando sobio ao Throno havia tirado a vida a alguns de seus irmãos: que dous destes infelices se haviaõ refugiado nos Estados do Nizamaluco, que se determinava entregallos ao Tyranno: que hum delles advertindo no fim, que o esperava, se fez hum suicida, hum verdugo de si mesmo: que o outro pedíra o amparo do Hidalcaõ, que naõ o queria em casa, nem entregallo, e o deixou sahir dos seus Dominios: que o desgraçado Principe vindo a Dabul, os seus criados dando-lhe veneno, o deixáraõ por morto; mas que elle recobrára a saude. Entaõ o Governador lhe offereceo na India hum asylo, pa-

ra

ra inquietar a Badur com este Princi- pe, que era hum penhor precioso para se servir delle conforme a conjunctura dos tempos.

Era vulg.

Além disto o Çamorim suspirava pelo estabelecimento de huma paz firme, e pedio ao Governador lhe mandasse pessoa, com quem elle houvesse de a tratar. Foi escolhido o habil Diogo Pereira, que levava plenos poderes, e instrucções para a fabrica de nova Fortaleza em Calecut. Nuno da Cunha trazia os intentos em Chale, que ficava tres legoas distante; mas naõ queria que o Çamorim os penetrasse. Para os cobrir a industria, ordenou ao Pereira pedisse o mesmo lugar, donde D. Henrique de Menezes fez voar a outra, na certeza de que o Çamorim de sorte alguma o consentiria. Ella produzio hum effeito bem contrario á idéa, porque o Çamorim conveio na proposta, quando parecia que o Pereira desistia do empenho. Já a este tempo o Rei da Ilha de Chale havia em segredo ajustado com o Governador a construcçaõ da Fortaleza, ligado para es-

Era vulg. efte fim com os Reis de Tanor, e de Caramanca, todos tres vaffallos do Çamorim, que defejavaõ a amizade dos Portuguezes, como hum apoio feguro contra os projectos do feu mefmo Soberano. Nós veremos logo o modo defta fundaçaõ, e as confequencias vantajofas, que della refultáraõ ao Eftado da India.

No tempo defta negociaçaõ o Governador entrou em outra com o Mouro Cufo Larim, que nos Eftados do Hidalcaõ occupava o emprego de Accedecaõ: aquelle Mouro, que no tempo de Affonfo de Albuquerque veio fobre Goa a fegunda vez, que elle a tomou. Larim defgoftado com o Hidalcaõ quiz fegurar a peffoa na Fortaleza de Ponda, e para ter certo o refugio de Goa fe foffe atacado, com efta condiçaõ nos entregou as terras firmes de Bardez, e Salçete, que haviaõ fido noffas pela doaçaõ, que nos fizera dellas o Rei de Bifnaga em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira. Nuno da Cunha as mandou fortificar, quando Larim fazia o mef-

mo

mo em Ponda : manobra , em que gaſtou o Inverno , para ficar expedito , e continuar a guerra de Cambaya , por ſe haver aſſentado que nós nos haviamos fazer ſenhores de Dio dominando os mares , rompendo-lhe o commercio , cortando-lhe a navegaçaõ , e ao meſmo tempo empregar-nos na fabrica da Fortaleza de Chale para ſujeitarmos o Malabar , poſſuirmos o ſeu grande trafico , e termos hum porto capaz de recolher as noſſas Armadas , que navegavaõ aquellas cóſtas. Era vulg.

Quando na India ſuccediaõ eſtas couſas , Portugal , que havia baſtantes annos gozava huma tranquillidade profunda recoſtado nos braços das delicias, da profuſaõ , da ocioſidade ; neſte foi flagellado com o fenomeno eſpantoſo de repetidos terremotos , de que reſultáraõ em todo o Reino ruinas de edificios , mortes de gente , eſpecialmente na Corte , e nos ſeus contornos. Como neſtes abalos a concuſſaõ do mar correſponde á da terra , nelle ſe levantou huma tormenta horrivel , que deſtroçou a maior parte dos navios , que eſ-

Era vulg. estavaõ em Lisboa; e se assegura que o Téjo se abríra pelo meio deixando vêr o seu fundo com assombro das gentes.

Tambem neste anno teve principio o estabelecimento do Tribunal do Santo Officio. El-Rei alcançou a concessaõ delle primeira vez do Papa Clemente VII., e foi reduzido a melhor fórma, ou á que hoje tem, *pelo Summo* Pontifice Paulo III., em 1536 á instancia do mesmo Rei. O primeiro Inquisidor foi D. Diogo da Silva, Bispo de Ceuta, a quem succedeo o Cardeal Infante D Henrique. Ha em Portugal tres Tribunaes da Inquisiçaõ, em Lisboa, Evora, e Coimbra. Nelles se inquire sobre os erros na Fé Catholica, e sobre a corrupçaõ dos costumes: freio potentissimo para conter a pravidade Judaica, a introducçaõ das Seitas, a libertinage dos homens corruptos, o Fanatismo dos Hypocritas, que em todas as idades foraõ a peste dos Estados, monstros devorantes das mais sólidas sociedades.

CA-

## CAPITULO V.

*Trataõ se os ultimos successos do anno de 1531, e principiaõ os de 1532.*

NAõ obstando as calamidades, que se padeciaõ em Portugal, El-Rei fez promptas seis náos, que este anno partíraõ para a India. Huma arribou a Lisboa: as cinco, de que eraõ Capitães Achilles Godinho, Diogo Botelho Pereira, Joaõ Guedes, Manoel Botelho, e Manoel de Macedo, que levára o Xarafo de Ormuz a Lisboa, com viagem feliz ferráraõ Goa em quatro mezes. Nuno da Cunha, que as esperava para partir á fundaçaõ da Fortaleza de Chale, se fez ao mar com huma Armada de 150 vélas, que enchéraõ de terror a todos os Reis do Malabar. Chegou elle em Novembro a Chale, aonde já achou a Antonio de Saldanha, que com outra Esquadra o esperava. Feitas as convenções amigaveis com o Rei, como os materiaes estavaõ promptos, se entrou á obra com ardor vivo,

Era vulg.

Era vulg. vo, animado pelo exemplo dos Fidalgos, que trabalhavaõ ſem diſtinçaõ entre os ſerventes humildes. No eſpaço de vinte dias já os muros da Fortaleza com doze pés de largura, os baluartes, a torre da homenagem, a caſa do Governador, os quarteis da guarniçaõ, os armazens, e a Igreja ſe viaõ em eſtado de naõ temer qualquer inſulto.

Foſſe a vantagem deſta fundaçaõ, ou o temor do noſſo poder em Chale, o Çamorim, como que eſquecia a injúria, que lhe faziaõ os Reis ſeus vaſſallos, pedio a confirmaçaõ da paz, que Nuno da Cunha lhe concedeo. Já em eſtado de defenſa a Fortaleza, elle proveo o governo em Diogo Pereira com 250 homens de guarniçaõ, e deſpedio a Antonio de Saldanha com huma Eſquadra para o Eſtreito de Meca a eſperar as náos de Cambaya. D. Antonio da Silveira, que o anno paſſado fora á meſma paragem com igual deſtino, fez algumas prezas; deixou-ſe vêr de Adem ſem acçaõ pelo ſeu pouco poder; veio a Ormuz, aonde eſteve

ve até Abril deſte anno, e paſſando a Era vulg.
Maſcate lhe ſobreveio a doença, de que morreo. Fidalgo benemerito, que deixou no Oriente bem eſtabelecida a reputaçaõ das ſuas virtudes, e talentos militares.

Depois que o Governador ſahio de Chale, o Çamorim naõ pode ſupprimir os impetos da cólera, irritado contra os tres Reis ſeus vaſſallos, que á ſombra da protecçaõ da noſſa Fortaleza lhe negavaõ a ſoluçaõ dos tributos. Elle determina vingar-ſe; mas hum Gentio poderoſo daquelles contornos, que punha 20$000 homens em armas, unindo-ſe aos tres Principes, fez infructuoſas todas as tentativas do Çamorim. A ſua deſeſperaçaõ foi tal em tantas deſgraças, que abandonado a huma melancolia profunda, chegou aos termos de perder a vida. Pelo contrario ſeu ſobrinho, o Principe, que lhe havia ſucceder, cujo Pai tratára amizade em Chale com o Governador, melhor advertido nas conſequencias da nova fundaçaõ, lhe eſcreveo dizendo: Que no caſo de ſeu Tio fal-

Era vulg. fallecer, desde já lhe promettia ser amigo fiel dos Portuguezes, e que naõ trataria commercio, senaõ por Cochim para se escusar á introducçaõ dos contrabandos, que tinhaõ sido a causa de todas as inquietações do Estado, em que elle esperava succeder.

Naõ impedio a obra de Chale a guerra de Cambaya. Em Agosto foi mandado o bravo Diogo da *Silveira* com vinte navios a infestar as suas côstas. Por ellas passou o Silveira como fogo devorante, que reduzio a cinzas a Taná, a Bandorá, a quanto vai destas Cidades até Surrate. Passando ao lado de Dio deo o mesmo tratamento a Paté, Patane, Mangalor, Castelete, Taloja, derramando tal espanto, que os moradores das Cidades maritimas se escondiaõ nas cavernas dos montes, esperando que passasse a torrente inflammada, que consumia casas, e navios. Na mesma Dio soberba foi taõ grande o medo, que devaçando o seu porto os pequenos catures de Diogo da Silveira, naõ havia quem sahisse a elles para

ra lhes caſtigarem o atrevimento. Neſtas emprezas ſe occupou elle até o mez de Abril do anno ſeguinte de 1532, em que voltou a Goa com cada qual dos ſeus navios huma náo Argos, e mais de 4000 eſcravos para forçados das fuſtas, e galés.

Em vulg.

Antonio de Saldanha na ſua expedição ao Eſtreito tambem teve a meſma falta de poder de D. Antonio da Silveira para caſtigar a rebelde Adem. Mas em quanto elle na bocca do meſmo Eſtreito eſperava as náos de Meca, mandou a Manoel de Vaſconcellos com parte da Eſquadra ſobre a Cidade de Xael, que elle pilhou, conſummio, e ſe apoderou da carga dos navios, que tambem foraõ abrazados. Deixando em Maſcate a Manoel de Vaſconcellos com os navios ligeiros, elle partio com as náos gróſſas para a cóſta de Dio, aonde tomou as de Meca taõ ricas, que dos quintos para El-Rei entregou ao Governador em Goa 200000 cruzados. Neſtes mares encontrou Antonio de Saldanha a Diogo da Silveira occupado na terrivel expediçaõ, que acabei de re-

1532

Era vulg. referir, e lhe entregou o commandamento da Fróta para se ir encarregar do das náos de carga, que haviaõ voltar para o Reino.

Occupava-se o Governador Nuno da Cunha em excogitar meios de forçar o Rei de Cambaya para lhe permittir a fabrica de huma Fortaleza em Dio, quando recebeo em Goa hum novo hospede. Era este Raix Chale, *irmaõ* do Rei de Ormuz, que querendo occuparlhe a praça, intentou tirar-lhe a *vida*. O Rei se queixou deste attentado a Antonio da Silveira, que acabava de tomar pósse da Fortaleza; que o prendeo, e enviou a Goa, aonde foi tratado como Principe. Em quanto aos pensamentos do Governador, Diogo da Silveira lhe trouxe da cósta de Cambaya outro assumpto de inquietaçaõ. Elle lhe representou, que Melique Tucaõ se fortificava em Baçaim, e se esta óbra se lhe consentisse, faria huma praça taõ fórte, como Dio: que se os Rumes se estabelecessem nella, seria para nós huma escala temivel pela grande cópia de madeiras, de que se serviria o Graõ Tur-

Turco para a fabrica de grandes Armadas, sem a enorme despeza, que fazia na sua construcçaõ dentro do Estreito de Meca: que em pouco tempo a Cidade se veria respeitavel pela affluencia das gentes, que de todas as partes concorriaõ a habitalla; e que este damno se devia atalhar quando previsto, antes de vir a ser experimentado.

Era vulg.

Propôz-se o negocio em Conselho, e ficou decidido, que Baçaim se devia conquistar. Tiradas as informações necessarias se soube, que Melique tinha edificado huma Cidadela com fosso profundo, aonde mettêra a agua do mar, com a guarniçaõ de 15000 homens entre Cavallaria, e Infantaria. Nuno da Cunha se preparava para a execuçaõ deste projecto, a tempo que chegavaõ as náos, que este anno sahíraõ de Portugal. Ellas eraõ cinco, que vinhaõ mandadas por Pedro Vaz do Amaral provido no governo de Cochim, no emprego de Vêdor da Fazenda, e que na monçaõ do anno passado arribára a Lisboa; por D. Estevaõ, e D. Paulo da Gama, ambos filhos do Conde Almirante, des-

pa-

Era vulg. pachados hum a pôz o outro no governo de Malaca; por Vicente Gil, e Antonio Carvalho. Tomáraõ calor as providencias com a chegada destas nãos; e despedido Diogo da Silveira para ir cruzar na ponta de Dio, o Governador se fez á véla com huma Armada de 150 navios, em que levava mais de 3000 Portuguezes, 1500 Malabares, e tomou porto em Chaul.

Desta Cidade despedio o Governador a Manoel de Albuquerque com quinze navios para ir fechar a barra de Baçaim ás entradas, e sahidas: mandou aviso a Diogo da Silveira para vir ajuntar-se com elle na mesma praça, enviando-lhe o Alvará de Capitaõ-Mór do mar da India, que viera de Lisboa, e no 1533 fim de Dezembro se deixou vêr de Melique Tucaõ, que agora estava em Baçaim mais soberbo, do que estivera algum tempo em Dio. Diogo da Silveira entrou a examinar as defensas por baixo de chuveiros de ballas: recolheo-se á Armada a dar parte do que vira, e destinado para o dia seguinte o ataque, elle foi encarregado de cobrir a

vã-

vã-guarda do desembarque, D. Fernando Deça o centro, o Governador a reta-guarda. Ao romper o dia entráraõ a barra de Baçaim 120 navios dos mais ligeiros, ficando de guarda della as náos de alto bórdo, dando, e recebendo hum fogo enorme, até que o impavido Diogo da Silveira poz pé em terra para a pizar triunfante.

Era vulg.

Elle, e Manoel de Macedo, dous corações superiores ao medo, quasi sem temer nos perigos, se avançáraõ ao longo dos fossos da Cidadela, e ganháraõ a cabeça da trincheira. Na frente do seu campo descobríraõ a Melique Tocaõ plantado na testa de 10000 homens, que ainda soberbos com a victoria de Dio, parecia celebravaõ o triunfo antes da batalha. Como quem naõ faz caso, os dous Chefes, naõ sei se intrépidos, se temerarios, elles voltaõ a marcha sobre os inimigos só com o corpo da nossa vã-guarda, para lhe mostrarem, que ao valor Portuguez nada se oppoem. Na impetuosidade do primeiro repellaõ elles derrubaõ 400 Barbaros. Cresce o impeto, derrama-se o fu-

Bombaim, e mais lugares da Cósta. Em attençaõ aos altos merecimentos de Diogo da Silveira o despachou com huma Esquadra poderosa para cruzar no Estreito do Mar Roxo: deixou a Manoel de Albuquerque com outra Esquadra nos mares de Cambaya, e elle se fez na volta de Goa. Apenas chegou a esta Capital, mandou a Gonçalo Pereira para Maluco render a Tristaõ de Ataide, e para Malaca a D. Paulo da Gama, em quanto naõ chegava seu irmaõ D. Estevaõ, que invernára em Moçambique. Os dous Officiaes destacados para Cambaya, e para o Estreito cumpríraõ os seus deveres, fazendo prezas de grande consideraçaõ; mas he digno da lembrança hum lance de Diogo da Silveira, filho bem legitimo da dilataçaõ da sua alma. Elle fez amainar huma formosa náo de Meca carregada com generos de extraordinario valor. O Capitaõ com confiança lhe apresentou o passaporte de hum miseravel Portuguez captivo em Juda, que dizia: Os Capitães, que encontrarem este Mouro, lhe tomem a náo; porque

Era vulg.

 el-

Era vulg. elle he o maior inimigo dos Portuguezes. O famoso Silveira, para que naõ se descobrisse o engano de hum individuo da sua Naçaõ, rasgou o passaporte falso, passou ao Mouro outro verdadeiro com o seu nome, e o deixou ir em paz.

Nós temos atégora passado em silencio os successos de Africa pela esterilidade delles; mas em quanto o grande Nuno da Cunha se dispõe na India para maiores emprezas, vamos nós a referir a que intentou o Xerife na nossa Villa de Santa Cruz do Cabo de Aguer. Como ella estava nos confins de Tarudante, aonde havia abundancia de assucar, aquelle novo Rei a entendeo necessaria para a sua fabrica; e determinou conquistalla. Com Exercito numeroso, grande copia de artilharia, e munições se apresentou sobre ella o Xerife, rompendo-a por muitas partes, e dando aos muros temerosos assaltos, que sempre encontráraõ nos Portuguezes hum valor igual. A fama deste sitio foi ouvida na Ilha da Madeira pelo seu Capitaõ Simaõ Gonçalves

da

da Camara, que para se mostrar no serviço de Africa filho generoso de Joaõ Gonçalves da Camara, partio em soccorro dos sitiados com seis navios seus, e 600 homens pagos a sua custa. A sua chegada alentou os espiritos cahidos; o seu esforço aterrou de sórte os Mouros, que levantáraõ o sitio.

Era vulg.

Para concluirmos neste lugar tudo o que pertence ao Cabo de Aguer, devemos saber que elle depois foi duas vezes soccorrido com igual zelo pelo mesmo Simaõ Gonçalves, ainda que inutilmente na terceira vez correndo o anno de 1536, por nos terem os Mouros tomado já a Praça. Foi author desta perda lastimosa o menor dos Xerifes, Rei de Sus, que indignado dos estragos continuos, com que os Portuguezes talavaõ os campos, resolveo-se a applicar os ultimos esforços para nos tirar do poder a Villa de Santa Cruz. Seu irmaõ o Rei de Marrocos o influia para a expediçaõ, que elle encarregou com 50000 homens a seu filho Mulei Mahamet, e ao habil Mamen, Ge-

 no-

Era vulg. novez renegado. Governava entaõ a Praça D. Guterre de Monroy, que com valor incrivel degolou em poucos dias mais de 7000 Barbaros. Ganhar huma Collina, que descobria o centro da Praça, e a deixava exposta a todo o fogo, era o ultimo refugio do Xerife. Elle o conseguio com felicidade; e estando as brechas em termos, moveo todo o campo à hum assalto geral. Elle foi formidavel; mas havendo chegado do Reino sete caravellas com gente de soccorro, a defensa foi taõ gentil, que degolamos 6000 homens; successo, que provocou mais o furor barbaro. Desesperado com tanta perda, o Xerife arroja o turbante contra a Praça, correndo ao seu alcance, como sinal que dava aos Mouros, para que todos se movessem a morrer com elle. Entaõ succedeo a infelicidade casual de pegar o fogo em huma pouca de polvora, que fez voar a muralha de hum baluarte com 60 homens, que o guarneciaõ, abrindo larga bocca para a entrada dos inimigos. Todo o pezo do campo carregou àquella parte, aonde

a

a confuſaõ dos noſſos era tanta, que fez de deſeſperados a defenſa, que devia ſer de valeroſos. Morrer, e matar eraõ os officios dos valentes: arrojar dos muros para embarcar nas caravellas foi todo o empenho dos covardes. Eſpada em maõ entráraõ a Praça muitos Barbaros, que com furor irracional naõ perdoavaõ a genero algum de vivente. Aſſombrou a todos neſte lance Joaõ de Carvalho, genro do Governador, marido da célebre D. Mecia, que com huma alabarda impedio aos Mouros a entrada em huma torre matando 30. ſem lhe poderem chegar, nem obrigarem a retroceder. A tiros de arremeço matáraõ eſte bravo Fidalgo, que vive immortal na fama.

Era vulg.

Foi neceſſaria a authoridade do ſegundo General para ceſſar a carnagem. Entre muitos captivos tiveraõ eſta triſte ſorte o Governador, e ſeus filhos D. Luis, e D. Mecia, monſtro igual de formoſura, e de reſoluçaõ. Ella captivou o Xerife, que a tratava em Palacio com caricias de amante para a gozar mulher, ſe ſe fizeſſe Moura. Por-

que

Em vulg. que se mostrou constante, os tormentos occupárão á praça das meiguices; foi levada do brilhante do Paço para a escuridade das masmorras. Nellas se achava D. Mecia, quando chegou a Tarudante hum Religioso, que levava ordem da Rainha D. Catharina para a resgatar a todo o preço. A opprimida Fidalga lhe requereo com toda a instancia executasse as ordens Reaes, de que vinha encarregado. O Frade grosseiro, e imprudente lhe responde: Que por ella lhe pedião o preço de cem homens; e que primeiro estava resgatar estas almas, que huma mulher. Generosamente impia se escandaliza D. Mecia; declara-se Moura; casa com o Xerife, que a distingue sobre todas as suas mulheres; a consente vestida á Hespanhola; come com ella em meza alta a desprezo da Lei de Mafamede: ella morre do primeiro parto, e antes de espirar chama a todos os Christãos, e lhes diz: Até aqui vos tenho parecido Moura; na vossa presença tomo a Deos por testemunha, de que no fundo da minha [alma] sempre fui Christã; que morro

na

na Fé de Jesus Christo, e com a hon- Era vulg.
ra de filha de meus Pais.

O Xerife depois da victoria, a primeira de consequencias, que os Mouros conseguíraõ dos Portuguezes em Africa, como presagios, já do nosso abatimento, annos depois da nossa ruina; elle se recolheo com todos os nossos despojos, e captivos á sua Corte de Tarudante, aonde foi recebido em triunfo. Para testemunhas delle mandou ao Rei de Marrocos, seu irmaõ, 400 Portuguezes escravos, parte dos despojos, e alguma artilharia. Elle namorado pela fama, parece que desejava mais D. Mecia, que todas as outras riquezas. Daqui nasceo a austeridade, com que elle lhe ordenou fosse em pessoa a Marrocos dar-lhe conta do sitio, da victoria, e dos despojos: ordem dura, que encontrou na obediencia repugnancias seccas, como veremos.

CA-

## CAPITULO VI.

*Escrevem-se os progressos de Nuno da Cunha a respeito de Dio, e outros acontecimentos.*

Era vulg.

TANTOS successos felices conseguidos contra Cambaya, tantas victorias illustres na India, Nuno da Cunha nada tinha por vantagem, em quanto naõ executava as ordens d'El-Rei na conquista de Dio. Em Portugal eraõ os mesmos os cuidados d'El-Rei; e que sabendo pelas náos do anno passado, como Nuno da Cunha ficava a partir para aquella Praça; com o fim de o prevenir para qualquer dos successos, mandou neste anno duas Armadas para a India. A primeira era de onze náos, que sahio na monçaõ ordinaria ás ordens de D. Joaõ Pereira; e outras dellas ás de D. Gonçalo Coutinho. A segunda, que partio depois de se saber que o projecto de Dio se naõ lográra, e levava ordem para novamente se emprehender, era de dés caravel-

vellas, e hum galeaõ, em que embar- *Era vulg.*
cáraõ 2000 homens, commandados
por D. Pedro de Castello-Branco. A
primeira Armada fez viagem taõ feliz,
que chegou em Setembro á barra
de Goa com D. Estevaõ da Gama, que
dissemos invernára em Moçambique. Da
segunda fallaremos a seu tempo; a que
agora temos de vêr são resoluções de
Nuno da Cunha depois da vinda das
primeiras náos.

Elle, picado de novos estimulos na
precisaõ das novas ordens, quando ex-
cogitava arbitrios para as executar sem
lhe escapar algum, a fortuna quasi ao
mesmo tempo lhe apresenta dous. Me-
lique Tucaõ vivia em huma extrema
desconfiança das tyrannias de Badur,
que observava inflexivel na injustiça de
despojar a sua familia das terras, e
rendas, que o Rei seu Pai dera em
remuneraçaõ de serviços a Meliqueaz,
de quem elle, e Melique Saca, já pros-
cripto, eraõ filhos. O novo Rume Caõ
Mustapha dava agora mais calor a Ba-
dur, que fez conceber a Tucaõ os
designios de se vingar. Com este in-
ten-

Em vulg. tento manda Vasco da Cunha com cartas ao Governador, offerecendo a entrega de Dio; e elle para cobrir a negociaçaõ, o tornasse a enviar acompanhado de Triftaõ de Ga, que com o caracter de Embaixador fosse pedir a Badur lugar para a Fortaleza. Entendeo o Rei, que nestes officios se interessava Melique Tucaõ; e suggerido pelo Mustapha Rume Caõ, lhe mandou cortar a cabeça.

Ainda que abortou este primeiro designio, contra as intençóes de Badur, se logrou o segundo por causa dos seus apertos, que o forçáraõ ao mesmo que naõ queria. Elle estava empenhado em guerras sanguinolentas com os seus poderosos visinhos, e naõ lhe convindo na conjunctura receber com dureza os requerimentos de Triftaõ de Ga, lhe respondeo: Que dissesse ao Governador da India, como aquella materia só elles a deviaõ tratar em pessoa; que quizesse vir a Dio, aonde o encontraria, para conferirem ambos. Com este aviso preparou Nuno da Cunha o poder da India, que

em-

embarcou em 200 vélas, e veio a Dio esperar o cumprimento da palavra de Badur. Em quanto se tratava da fórma, e lugar para as vistas, os Grandes de Cambaya vinhaõ a bórdo da nossa Armada, e os nossos Fidalgos hiaõ a vêr o Exercito, que o Rei tinha em terra. Succedeo em huma destas visitas passar por Manoel de Macedo o famoso Rume Caõ, já conhecido em Cambaya pelo nome de Tigre do Mundo; e por modo de desprezo o olhou sobranceiro torcendo os bigodes em acçaõ de valeroso. O Macedo se recolhe picado, e pede licença ao Governador para desafiar o Tigre, e obtendo ella, lhe manda o cartaz para se baterem de pessoa a pessoa, ou tantos a tantos. O Tigre Rume Caõ acceita o convite, e o mar foi assignado para campo da batalha entre fusta, e fusta. Tres dias successivos esperou o Macedo o seu rival defronte de Dio; mas o Tigre medroso metteo-se na cova. Como naõ appareceo, o Macedo mandou salvar a Cidade com a artilharia, tocar os instrumentos; os nossos o te-

Era vulg.

ce-

Era vulg. cebêraõ nos braços; e entre as gentes de Cambaya ficou respeitavel o seu nome.

Rume Caõ considerava arruinada a sua fortuna no mesmo Reino, se se ajustasse a concordia entre Nuno da Cunha, e Badur; e naõ só fez nascer muitos incidentes sobre o ceremonial, para impedir as vistas, naõ só conseguio romper a negociaçaõ, mas capacitou a Badur, que elle trataria com Omaum Patcha, Rei dos Mogores, huma alliança taõ firme, que lhe ficasse bem facil expulsar os Portuguezes da India. Para mais o capacitar, elle mesmo escreveo a Omaum, que por modo gracioso se lhe mostrou agradecido á correspondencia, que com elle desejava ter, e ás vantagens, que da alliança com Cambaya lhe promettia tirar. Entre tanto Nuno da Cunha, sem perder as esperanças, se retirava para Chaul, donde tornou a mandar Diogo da Silveira ao Estreito ás prezas, que entaõ na India enriqueciaõ os homens, e nos sustentavaõ as Armadas. Despedio tambem a Antonio da Silva de

de Menezes para o Malabar a dar caça aos pyratas, que infestavaõ aquellas cóstas, aonde derrotou a Marcar Cutial de Calecut. *Era vulg.*

Entrou o novo anno de 1534, que na India foi taõ memoravel em successos felices, como na Africa sensivel por elles desgraçados. Já nós vimos, como neste tempo fluctuava a Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer, tantas vezes assaltada pelo Xerife de Tarudante, e que dous annos depois a viemos a perder. Agora o Xerife de Marrocos se apresentou na Praça de Cafim, cobrindo hum Exercito de 120000 homens, com que a poz em apertado cerco. Como ella era huma das mais importantes do Dominio, que usurpára, naõ soffria a sua soberba, que estivesse no poder dos Portuguezes. Era já tanto o descuido na conservaçaõ dos respeitaveis lugares da Mauritania, que Historiador algum dos nossos sabe com certeza quem era o Governador de Cafim na occasiaõ deste sitio. Presume-se, que seria o bravo Luis de Loureiro, talvez *1534*

sem

Era vulg. sem mais fundamento, que o da bizarria da defensa, de que só imaginavaõ capaz aquelle grande homem. A corage deste Official foi tanta, que resistindo nos muros, debaixo da terra aos minadores, rebentando aos Barbaros o célebre trabuco chamado Maymona; elle teve a glória de obrigar o Xerife a levantar affrontosamente o sitio: mas foi pouco duravel a felicidade.

Do anno, em que estamos até o de 1539, segundo se entende por nossos Escritores com credulidade, naõ só facil, mas indigna, nos põem á face a decantada fabula do falso Nuncio, que veio estabelecer a Inquisiçaõ em Portugal. Elles tecem esta novella dizendo, que Pedro de Savedra, moço atrevido de Cordova, ou de Jaem, habil em furtar letras, mettendo em uso a sua prenda ordinariamente criminosa, fingíra Decretos Reaes, despachos dos Conselhos de Castella, que lhe serviraõ para tirar dos Erarios cópias de dinheiro, pôr o habito de S. Tiago, fazer-se hum homem grande:

de hum homem com dinheiro, que creſ- Ese vulg.
ce a covados, e de repente ſahe do na-
da da terra, corre com as moedas, e
ellas o ſobem ás alturas. Tal ſe quiz
fazer o célebre Savedra, tanto que ſe
vio com dinheiro, ainda que roubado;
hum grande homem todo de apparen-
cias, e cheio de luzes todas furtadas.
Dizem mais, que encontrando-ſe aca-
ſo com hum certo Religioſo, que trazia
Bullas de Roma para El-Rei, elle lhas
furtou para as vêr; e que levantando al-
tos os penſamentos, depois de imitar
as letras, e o eſtylo, formára para ſi
hum Breve de Nuncio, com que com el-
le entrára em Portugal, confiado em
que a grandeza da obra deſculparia a
enormidade do crime, com que hia a
fazer-ſe célebre, quando elle ſe deſ-
cobriſſe: que enganou aos Portugue-
zes, como ſe elles foſſem os homens
mais inſenſatos do mundo; e que em
ſeis mezes de maſcarado o grande Nun-
cio, eſtabelecêra a Santa Inquiſiçaõ. Os
meſmos Eſcritores trataõ as outras cir-
cunſtancias deſta fabula, que eſtando
convencida em ſi meſma, o Padre Fei-

jó

Era vulg. jó tomou á sua conta mostralla como tal, desaffrontando-nos da calúmnia, que nos representava credulos, como se Manoel de Faria e Sousa naõ fora hum delles.

Em Malaca naõ tinhamos ociosas as armas. D. Estevaõ da Gama chegou a esta Cidade, e seu irmaõ D. Paulo lhe entregou o governo, em que elle tinha preferencia, a tempo que o Rei, que fora de Bintaõ, se havia fortificado, e estava poderoso em Viantana, para onde o expulsára Pedro Mascarenhas. Sobre o novo Governador quiz elle provar as suas tentativas por meio de Laque Xemena, que mandou dar a Malaca huma vista fastosa com 70 fustas. Elle as emboscou em huma ponta da Ilha de Pongor, duas leguas de Malaca, e destacou humas poucas a provocar as nossas, até as levar aonde o laço estava armado. D. Paulo da Gama sahio a ellas com 15 lanchas, que as foraõ seguindo ao lugar da emboscada. Aqui as rodeáraõ os inimigos, sendo já difficultosa a retirada, certa a ruina, a que naõ valeo a co-

ra-

rage empenhada em combate taõ desigual! Nós sim mettemos no fundo muitas fustas, naõ perdemos alguma das nossas; matámos bastantes inimigos; mas faltáraõ-nos 60 homens, e entre elles D. Paulo da Gama, Joaõ Rodrigues de Sousa, irmaõ de Martim Affonso de Sousa, outros Fidalgos, e Cavalleiros de qualidades distinctas.

Era vulg.

Naõ pôde D. Estevaõ da Gama dissimular sem vingança a morte de seu irmaõ. Elle determina descarregar o golpe na mesma Cidade de Viantana, para onde partio com toda a Frota de Malaca, em que embarcáraõ elle, seu irmaõ D. Christovaõ, toda a Nobreza, e hum corpo de 200 Malayos escolhidos, com 500 Portuguezes. Tinha o Rei bem fortificada a sua Corte, e nella de guarniçaõ 8000 homens; mas nem as forças, nem a resistencia poderaõ conter os impulsos do valor sentido, generosamente estimulado. Por todos os obstaculos rompeo D. Estevaõ, que como raio rompendo a nuvem, debandou os Barbaros, passou-os aos fios da espada, obrigou o Rei a

Era vulg.

ſem mais fundamento, que o da bi-
ſarria da defenſa, de que ſó imagina-
riaõ capaz aquelle grande homem. A
corage deſte Official foi tanta, que
reſiſtindo nos muros, debaixo da ter-
ra aos minadores, rebentando aos
Barbaros o célebre trabuco chamado
Maymona; elle teve a glória de obri-
gar o Xerife a levantar affrontoſamen-
te o ſitio: mas foi pouco duravel a fe-
licidade.

Do anno, em que eſtamos até o de
1539, ſegundo ſe entende, os noſſos
Eſcritores com credulidade, naõ ſó
facil, mas indigna, nos poem á face
a decantada fabula do falſo Nuncio,
que veio eſtabelecer a Inquiſiçaõ em
Portugal. Elles tecem eſta novella di-
zendo, que Pedro de Saavedra, moço
atrevido de Cordova, ou de Jaen,
habil em furtar letras, mettendo em
uſo a ſua prenda ordinariamente cri-
minoſa, fingira Decretos Reaes, deſ-
pachos dos Conſelhos de Caſtella, que
lhe ſerviraõ para tirar dos Erarios có-
pias de dinheiro, pôr o habito de
S. Tiago, fazer-ſe hum homem gran-
de:

que o de se compôr com os Portuguezes para se naõ vêr mettido entre muitos fógos: consternaçaõ, que o forçou a enviar hum Embaixador a Nuno da Cunha, offerecendo-lhe o dominio das terras de Baçaim por preliminares da paz, que pretendia. O Governador acceitou a proposta, e despachou-o com a promessa, de que elle em pessoa iria ao Nórte formar o Tratado. Na sua companhia mandou a Martim Affonso com 40 navios para a cósta de Cambaya, donde iria ajuntar-se com elle em Baçaim; e enviou espias a Amadabá, e a Dio, que depois o informáraõ das formidaveis forças de Badur em huma, e outra parte.

Era vulg.

Na Armada numerosa de mais de cem vélas veio o Governador a Baçaim, aonde o buscou o Embaixador Xacoez, que trazia os plenos poderes do Rei de Cambaya para formar o Tratado da paz, que se ajustou a bórdo da Capitania. Nelle foi estipulado: Que Sultaõ Badur cedia ao Rei de Portugal para sempre a Baçaim, e suas dependencias com toda a Soberania:

Era vulg. Que os navios, que dalli em diante sahissem dos Estados de Cambaya para o mar Roxo, viriaõ tomar carga a Baçaim, e alli tornariaõ na volta a pagar os direitos: Que as mais embarcações destinadas para outras partes, naõ poderiaõ navegar sem passaporte da Coroa de Portugal: Que em cada hum dos seus pórtos Badur naõ poderia armar navios de guerra, e todos os que nelles houvessem se desarmariaõ, e ficariaõ inuteis: Que elle naõ daría já mais a sua protecçaõ aos Rumes, e que entregaria a Diogo de Mesquita com todos os Portuguezes, que tinha captivos. O Governador Nuno da Cunha adoçou estas condições com algumas vantagens; mas quaesquer que as condições fossem, ellas pozéraõ a Badur na situaçaõ de fazer face a todos os outros inimigos, que estavaõ a ponto de o atacar. E porque o Secretario Simaõ Ferreira havia ir á Corte de Badur a confirmar o Tratado, Nuno da Cunha trouxe ao Embaixador em refens para Goa a esperar a sua chegada.

Pa-

Para naõ truncarmos este fio, antes que escrevamos a expediçaõ de Badur contra o Mogor, que foi causa de nos conceder a Fortaleza em Dio, ainda que as circunstancias, que vamos a referir pertençaõ já ao anno de 1535, se deve saber que Simaõ Ferreira na Corte de Amadabá foi recebido de Badur com grandes honras; que confirmou o Tratado, e lhe entregou a Diogo de Mesquita com os mais Portuguezes, que estavaõ prezos na serra de Champanel para virem embarcar a Cambayete. Nuno da Cunha fazia trabalhar na Cidadela de Baçaim com todo o vigor, quando recebeo cartas de D. Joaõ Pereira, Governador de Goa, que o avisava dos intentos do Hidalcaõ sobre as terras firmes de Salcete, animado com a sua ausencia, e que era preciso recolher-se para lhe desconcertar os projectos antes de executados.

Era vulg.

Como a Cidadela já podia defender-se, o Governador a fortaleceo com muita artilharia, proveo com abundancia os armazens; e quando discor-

ria

Em volta ria sobre a pessoa, que havia nomear para Governador, chegou a Baçaim seu Cunhado Antonio da Silveira, que vinha de Ormuz, tendo acabado o governo daquella Praça, em que lhe succedeo D. Pedro de Castello-Branco. Nuno da Cunha menos attento ás razões do sangue, que ás altas qualidades de Antonio da Silveira, lhe entregou o commandamento de Baçaim, e se fez na volta de Goa. Apenas chegou este grande homem sempre incançavel, elle proveo os negocios de Malaca, e das Molucas, que necessitavaõ da sua circumspecçaõ, sem o embaraçarem os de Goa. Depois chegou o Secretario Simaõ Ferreira com o Tratado confirmado por Badur, e com os Portuguezes de Cambaya, que elle naõ pode deixar de recebèr com alvoroço. Os reflexos delle se imprimíraõ no Embaixador de Badur, que despedio para a Corte de seu Amo taõ satisfeito de honras, taõ cheio de beneficencias, que daqui em diante foi hum fiel amigo do Estado.

CA-

## CAPITULO VII.

*Escreve-se a guerra de Badur, Rei de Cambaya, com o Graõ Mogor, de que resultou conceder a Portugal a Fortaleza em Dio.*

SULTAÕ Badur, Rei de Cambaya, era hum dos Soberanos mais poderosos da Asia, entre elles feliz até a presente época, em que além do Reino de Guzárate, ou de Cambaya, que herdára de seus pais, á força de armas havia conquistado o de Mandou, cujo Rei tinha em ferros, e rendido tributario o de Chitor: Reino consideravel, que corria parelhas com o de Narsinga, e o de Calecut. Nelle dominava hum Principe minino de baixo da tutela de Crementina sua Mãi, que tinha o mais moço em refens na Corte de Badur. Esta Princeza toda espiritos lhe havia rendido grandes obsequios, e sustentado a guerra contra Babor, Pai de Omaum, actual Graõ Mogor, para lhe impedir nos seus Estados a pas-

Era vulg. 1535

sa

Era vulg.

ſagem para os de Cambaya. Badur, de condiçaõ tyranno, a todos lhe correſpondeo ingrato; mas Crementina magnanima ſoffria com conſtancia eſperando conjunctura para ſe vingar animoſa. A nova guerra entre Badur, e Omaum lha offerece, e ella ſe conduz politica, porque naõ a perca inconſiderada, como veremos.

Como nós na India tivemos occaſiões de tratar os Mogores em differentes qualidades de negocios, devemos ſaber que elles ſaõ huns póvos originarios das Provincias, que os antigos chamáraõ Ariana, Bactriana, e Sogdiana: homens aguerridos, que fizeraõ conquiſtas vaſtas no reinado do famoſo Tamorlaõ; que levando com marcha rápida todo o Reino de Delli, elles abríraõ firmes os fundamentos para a grande Monarquia, que hoje poſſuem no Indoſtaõ, ainda que nas noſſas idades baſtantemente deſmembrada pelas conquiſtas do memoravel Thamaz Kouli Kan. Entre os Mogores Babor Patcha foi o primeiro, que ſe moſtrou mão viſinho de Badur, inſtando-o lhe

ren-

rendesse as homenagens, que lhe devia como a Rei de Delli. Omaum, filho de Babor, além desta pretençaõ, teve outra queixa de Badur consentir refugiado em Cambaya a seu cunhado Mir Zamaõ, que Omaum queria lhe restituisse, e Badur duvidava entregar. Como as negociações naõ produziaõ effeito, ambos os Principes se preveníraõ para decidirem a questaõ com as armas. Badur abrio a pórta para a rotura, mandando a Omaum por desprezo hum vestido de mulher: Omaum mais arrogante se despicou, enviando a Badur hum caõ, e hum zurrague: instrumento, que ameaça castigar o perro, que ladra, antes que morda.

Era vulg.

Esta foi a conjunctura, em que a illuminada Crementina metteo em uso as suas dexteridades com os Principes belligerantes para avançar os interesses de seu filho no Reino de Chitor. Pedia Badur a sua alliança com instancia, quando ella com o maior segredo a ajustava com Omaum. Com este negociou; ao outro respondeo: Que ella estava promptą para pôr a seu filho na testa,

das

Em vulg. tento manda Vasco da Cunha com cartas ao Governador offerecendo a entrega de Dio; e elle para cobrir a negociaçaõ, o tornasse enviar acompanhado de Tristaõ de Ga, que com o caracter de Embaixador fosse pedir a Badur lugar para a Fortaleza. Entendeo o Rei, que nestes officios se interessava Melique Tucaõ; e suggerido pelo Mustapha Rume Caõ, lhe mandou cortar a cabeça.

Ainda que abortou este primeiro designio, contra as intençoẽs de Badur se logrou o segundo por causa dos seus apertos, que o forçáraõ ao mesmo que naõ queria. Elle estava empenhado em guerras sanguinolentas com os seus poderosos visinhos, e naõ lhe convindo na conjunctura receber com dureza os requerimentos de Tristaõ de Ga, lhe respondeo: Que dissesse ao Governador da India, como aquella materia só elles a deviaõ tratar em pessoa; que quizesse vir a Dio, aonde o encontraria, para conferirem ambos. Com este aviso preparou Nuno da Cunha o poder da India, que em-

embarcou em 200 vélas, e veio a Dio esperar o cumprimento da palavra de Badur. Em quanto se tratava da fórma, e lugar para as vistas, os Grandes de Cambaya vinhaõ a bórdo da nossa Armada; e os nossos Fidalgos hiaõ a vêr o Exercito, que o Rei tinha em terra. Succedeo em huma destas visitas passar por Manoel de Macedo o famoso Rume Caõ, já conhecido em Cambaya pelo nome de Tigre do Mundo; e por modo de desprezo o olhou sobranceiro torcendo os bigodes em acçaõ de valeroso. O Macedo se recolhe picado; pede licença ao Governador para desafiar o Tigre; e obtida ella, lhe manda o cartaz para se baterem de pessoa a pessoa, ou tantos a tantos. O Tigre Rume Caõ acceita o convite, e o mar foi assignado para campo da batalha entre fusta, e fusta. Tres dias successivos esperou o Macedo o seu rival defronte de Dio; mas o Tigre medroso metteo-se na cova. Como naõ appareceo, o Macedo mandou salvar a Cidade com a artilharia, tocar os instrumentos; os nossos o te-

Era vulg.

ce-

Erquelg. das suas trópas em soccorro de Cambaya; mas que quando ella no seu serviço hia arriscar este pedaço da alma, Badur lhe devia restituir a outra porçaõ, que lhe arrancára do peito, e entregar-lhe o seu Infante. Seguio-se á proposta hum formidavel apresto de guerra em Chitor; e Badur, que a teve por justa, e a liga por certa, mandou o Principe com comitiva luminosa á Corte de sua Mãi. Instavaõ os Emissarios, para que sem perda de tempo o Rei de Chitor sahisse a campo; Crementina, que lográra a liberdade do filho, lhes respondia, que estava enferma; que em tendo saude ella cuidaria na sua marcha. Porque elles reforçáraõ as instancias, a ouviraõ dizer a altas vozes: Que sahissem depressa dos seus Estados, antes que ella os obrigasse por força.

Naõ podia a soberba de Badur dissimular esta zombaria, toleralla como acçaõ mulheril, quando ella nascia de hum espirito de virilidade, digamos que de hum espirito macho da Heroina, que a Asia celebrava pelas suas victo-

rias

rias sobre os Mogores, e os Persas. Em vez
Contra os primeiros havia elle já mandado com hum poderoso Exercito a Trerca-Caõ, filho do Principe, que Babor desthronára. Agora contra Crementina, e a sitiar Chitor marchou elle em pessoa com o apparato espantoso de 500000 Infantes, 150000 cavallos, hum trem de artilharia sem numero, bravos homens das Nações mais ferozes da Asia, e Europa. A toda esta monstruosidade era superior a covardia monstruosa de Badur, que huma mulher com o dizimo do seu poder principiou a confundir; que os Mogores acabárão de abysmar. Quando elle sitiava Chitor já Trerca-Caõ hia perdendo as vantagens, com que principiára a guerra. Elle perdeo a vida em huma refrega, e Badur com esta nova toda a corage do espirito. Os seus Officiaes o animárão para dar o ultimo assalto a Chitor. A Rainha Crementina, para se não expôr ás contingencias, sahio da Cidade com seus filhos. Badur a entrou, e lhe pôz o fogo, que consumio 60000 vidas.

A

Era vulg. A felicidade deste successo animou a Badur para buscar os Mogores, que em duas batalhas o derrotaõ. As riquezas, que os vencedores acháraõ no campo, foraõ tantas, que fizeraõ esquecer a lembrança das que Alexandre encontrou no de Dario. Entendeo Badur, que na serra de Mandou ficava inaccessivel aos atrevimentos dos seus inimigos. Mas elles sem descanço o perseguem, quando o seu favorecido o Mustafá Rume Caõ, e Melique Liaz, ultimo filho de Meliqueaz, tratavaõ de o entregar aos Mogores. Já desamparado de todos, sem mais escolta que a de 10000 cavallos, elle busca a eminente montanha; aonde estava a Cidade de Champanel, Praça a mais respeitavel dos seus Estados. Parecia que ao poder do Mundo resistiría Badur neste vantajoso sitio; mas o seu medo era tanto, que bastou a voz, de que os Mogores subiaõ a serra para elle fugir incognito a buscar o ultimo refugio na Ilha de Dio.

Rendêraõ os Mogores a Champanel; perseguíraõ Badur até tres legoas

da

da Ilha, impacientes pelo haverem ás mãos; mas sabendo, que estava nella seguro, retrocedêraõ a marcha, e sobre ella se fizeraõ senhores do vasto Reino de Guzarate. Badur mettido em desesperaçaõ, sempre entranhado na alma o odio, que tinha aos Portuguezes, prefere ao seu amparo a protecçaõ do Graõ Turco, ou retirando-se para Meca, ou conseguindo os soccorros por meio de hum presente de valor enorme, com que mandou para Juda o Mouro Çafarcaõ em muitas náos a esperar as suas ultimas determinações. Reflectindo porém o muito tempo que necessitava perder para lhe chegarem os auxilios dos Turcos, e persuadido por alguns dos seus Grandes, que ainda o seguiaõ, Badur resolve pedir a Nuno da Cunha a alliança dos Portuguezes a troco de lhes dar em Dio o lugar, que elles desejavaõ para a Fortaleza: perfido nas intenções, de que mudando de fortuna traçaria pretextos para lha arrancar do poder. Sem demóra elle despede o mesmo Embaixador Xacoez com as instrucções francas, dicta-

Era vulg.

das

Em vulg. das pelos apertos da necessidade, para logo em Chaul as communicar ao General do mar Martim Affonso de Sousa; em Goa ao Governador Nuno da Cunha.

Martim Affonso sem perda de instantes partio em dous navios, deixando ordem á sua Esquadra, que a toda a pressa se aviasse, e o seguisse. Nuno da Cunha nada o podia lisongear como a situação, em que se contemplava. Ao mesmo tempo solicitavaõ a sua alliança os dous Monarcas mais poderosos do Indostaõ, ambos fazendo depender a sua fortuna da sua amizade. Hum, e outro em competencia lhe mandava Ministros: Badur abatido offerecendo Fortaleza em Dio: Omaum triunfante escrevendo-lhe as cartas tresbordando honras com a mesma offerta, e outras muitas vantagens. Só esta figura de negociaçaõ bastava para fazer reputadas as nossas armas no mundo, e a Nuno da Cunha glorioso na India. Elle sempre politico, agora illuminado, advertio, que Omaum dominante de Guzarate unido á vastidaõ dos seus Estados, tor-

tor-

tomava no Indoſtaõ o equilibrio, e Era vulg.
que promettendo Fortaleza em Dio,
offerecia o que ainda naõ gozava: Que
Badur arruinado era o pezo, que ſuſtentava
a balança no meſmo Indoſtaõ
inclinada, e que na offerta da Fortaleza
em Dio, promettia o que ainda dominava:
Que em tal ſituaçaõ era hum
devêr dos Portuguezes metter-ſe no
meio dos extremos dos dous Monarcas
para ſe aproveitarem das ſuas diviſões:
bem advertidos, que ſe elles conſentiſſem,
que hum ſobre o outro remontaſſe
a aſcendencia, os meſmos
Portuguezes ſe deviaõ conſiderar na
Aſia hum pó impellido, enrolado, levado
nos ares pelo turbilhaõ dominante.

Eis-aqui o diſcurſo, que obrigou
Nuno da Cunha a preferir Badur vencido,
a Omaum triunfante. Elle recebe
com as civilidades mais diſtinctas o
Embaixador Xaqoez; promette-lhe fazer-ſe
já prompto com todas as forças
da India para ſer elle quem tenha a
honra de reſtituir ao Rei a poſſe do
ſeu Reino; que marche ſem demora

com

Era vulg. com o Secretario Simaõ Ferreira a inſtruir Badur na ſinceridade das ſuas effectivas intenções; e que em quanto elle naõ chega, ſe ſirva de hum General taõ habil como Martim Affonſo de Souſa, das forças da ſua Armada, e que com elle ſe vaõ ajuſtando os preliminares da paz. Quando Simaõ Ferreira chegou a Dio já Martim Affonſo eſtava neſta Praça, aonde Badur o recebeo com honras extraordinarias. Agora entrou com elle em negociaçaõ á viſta dos plenos poderes, que Simaõ Ferreira levava do Governador, e com ſatisfaçaõ reciproca de ambas as partes contratantes, ficou ajuſtado:

Que Sultaõ Badur daria a El-Rei de Portugal na ſua Ilha de Dio terreno para edificar huma Fortaleza no lugar, que bem pareceſſe aos Generaes Portuguezes: Que particularmente lhe cederia o baluarte, que eſtava ao mar na entrada do porto, e que ao meſmo tempo confirmaria a doaçaõ de Baçaim. Que os Portuguezes naõ levariaõ direitos alguns das entradas, e ſa-

sahidas de Dio, ficando estes reserva- dos para Sultaõ Badur: que todos os navios carregados para Meca, naõ iriaõ daqui em diante a Baçaim por obrigaçaõ, mas que viriaõ a Dio, com tanto que trouxessem passaportes Portuguezes: que os cavallos da Persia, e da Arabia, que até entaõ eraõ obrigados a ir a Baçaim, seriaõ conduzidos a Dio, aonde elles pagariaõ á Coroa de Portugal os mesmos direitos, que costumavaõ satisfazer em Goa, com excepçaõ dos que viessem do Mar Roxo, que seriaõ isentos: que as Frotas Portuguezas naõ iriaõ mais ao Estreito de Meca, naõ fariaõ damno aos lugares, que della dependessem, nem aos navios, que della sahissem, excepto as Armadas dos Rumes, que os Portuguezes poderiaõ atacar, e destruir em qualquer parte, aonde as encontrassem: que os Reis de Cambaya, e de Portugal faziaõ por este meio huma Liga offensiva, e defensiva, amigos dos amigos, contrarios dos contrarios: que os vassallos de ambas as Coroas, que se retirassem para os Estados dos dous Principes contra-

Era vulg.

Era vulg. tratantes por dividas, ou outra qualquer razaõ de desagrado, elles seriaõ mutuamente entregues, quando se pedissem, sem se lhes conceder asylo.

Por este modo negociavaõ Martim Affonso, e Simaõ Ferreira em Dio, a tempo que o Governador ajuntava em Goa todas as forças para navegar a esta Praça, firmar o Tratado, dar principio á obra da Fortaleza. Ellas entaõ se lhe engrossáraõ com as de sete *náos*, que este anno sahíraõ do Reino, guarnecidas de gente escolhida, e commandadas pelo famoso Fernaõ Peres de Andrade, filho da disciplina do grande Albuquerque, que trazia ás suas ordens os Capitães Martim de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares, Fernaõ Camello, e Fernaõ de Moraes. A expediçaõ desta consideravel Frota naõ impedio a El-Rei o apresto da grande Armada, com que seu irmaõ o Infante D. Luiz foi soccorrer a seu Cunhado o Imperador Carlos V. na empreza de Tunes: passagem, para que a Historia nos está convidando antes de concluirmos os negocios de Dio.

Cor-

Corria o anno paſſado de 1534, quando Mulei Hazem, Rei de Tunes, foi deſpojado dos ſeus Dominios pelo famoſo Coſſario Haredim Barba Roxa. Sem refugio em Africa, Hazem pedio humilde ao Imperador Carlos quizeſſe reſtituillo ao ſeu Reino, offerecendo-lhe vaſſallagem perpetua. O crédito da empreza, a gloria das armas, o zelo da Religiaõ foraõ os eſtimulos, que obrigáraõ o Imperador a conceder a ſua protecçaõ ao Principe dethronado, e levar a Africa em peſſoa o ſeu reſpeitavel poder debaixo dos felices auſpicios das Aguias Imperiaes. Como entaõ tremolavaõ por todo o mundo glorioſas as Quinas de Portugal, o Imperador neſta expediçaõ de Tunes fez goſto de que ellas acompanhaſſem as Aguias, e pedio a El-Rei D. Joaõ, ſeu Cunhado, o ſoccorreſſe com a Armada Portugueza, que ſe havia achar em Barcellona nos principios de Março deſte anno de 1535. Entre receber El-Rei o recado do Imperador, e ſe apreſtar a Armada, naõ mediou tempo. A formidavel náo S. Joaõ, que montava 200

Era vulg.

Era vulg. peças de bronze, taõ decantada na Europa, e que o Imperador especialmente pedia, foi nomeada a Capitania de outras vinte e duas náos, em que embarcou a melhor Nobreza, os soldados de eleiçaõ, commandados pelo illustre Antonio de Saldanha, honrado velho, que além da recommendaçaõ das suas qualidades, a Europa lhe venerava o nome pelas suas repetidas viagens, e sublimes façanhas da India. Para *substituto* da sua falta o acompanhou Simaõ de Mello, outro Fidalgo nas virtudes, e nos talentos seu semelhante, como nesta Historia se tem visto.

O Infante D. Luiz em occasiaõ de tanta honra, naõ podendo conter os reaes impulsos nos limites da obediencia, ou parecendo-lhe que offendia o decoro da sua grandeza se ficasse ocioso em Portugal; elle desappareceo de Evora, aonde entaõ estava a Corte, acompanhado de D. Theodosio, Duque de Bragança, que El-Rei obrigou a voltar do caminho, de hum filho do Conde do Vimioso, de outro do da Feira, de Luiz Alvares de Tavora,

de

de Triſtaõ de Mendoça, de Joaõ Freire de Andrade, de Manoel de Souſa Chichorro, de Franciſco Pereira, de Pedro Botelho, e de André Teles. Divulgada a fugida do Infante, e o motivo della, toda a Nobreza ſe moveo para o ſeguir, picada daquelles eſtimulos generoſos, que ſempre a abaláraõ ſem lhe fazerem violencia. El-Rei uſou da ſua authoridade para ſuſpender a D. Joaõ de Lancaſtro, Duque de Aveiro, e a outros muitos Fidalgos; concedendo licença ſómente a Lourenço Pires, e a Ruy Lourenço de Tavora, a D. Pedro Maſcarenhas, e a Pedro Maſcarenhas, o competidor na India de Lopo Vaz de Sampayo, a Luiz Gonçalves de Ataide, a D. Joaõ Deça, a Triſtaõ Vaz da Veiga, a D. Garcia, e a D. Diogo de Caſtro, a D. Franciſco Coutinho, e a outros bravos Fidalgos criados nas Aulas de Africa, e da Aſia, a quem naõ pareceriaõ eſtranhos os turbantes, e cimitarras Aſiaticas, as meias-luas, e as lanças Africanas.

Era vulg.

Apreſentou-ſe Antonio de Saldanha com o ſoccorro em Barcellona ao Impe-

pe-

Era vulg. perador, que deo todas as demonſtrações do muito, que eſtimava hum, e quanto honrava o outro. Chegou pouco depois o Infante, que foi recebido no coraçaõ, iſſeparavel de ſeu Cunhado, recolhido na galé Imperial com D. Pedro Maſcarenhas, e André Teles. No dia 30 de Maio levou ferro toda a Armada, que fez tremer aquelles mares com o pezo de 400 *náos*, e galez, em que hia embarcada a *flôr* de Heſpanha, Italia, e Portugal. *Ella* poz as prôas na Goleta, aonde Barba Roxa ſe havia fortificado com forças reſpeitaveis para fazer mais immortal na fama a grandeza da victoria. Eu me naõ embaraçarei com a narraçaõ de Hiſtorias alheias; mas devo dizer, que na continuaçaõ do ſitio até 25 de Julho, em que a Praça ſe rendeo por aſſalto, o valor dos Portuguezes mereceo geraes applauſos: que o fogo da noſſa náo S. Joaõ ſobre ella aſſombrou os eſpiritos mais intrépidos: que pelo conſelho do Infante o Imperador marchou ſobre Tunes, conquiſtou o Reino, e o reſtituio ao dethronado Muleî Ha-

Hazem, que levava comſigo: que na Goleta ſe tomáraõ 300 peças de artilharia de bronze, outras muitas de ferro, e no porto 87 navios de remo; em que entravaõ 42 galez reaes: victoria, entre as ſublimes de Carlos V., huma das mais ſoberbas, que ella ſó baſtava para o fazer digno de occupar os orgãos dos bronzes immortaes.

Era vulg.

F I M.